



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL DA CULTURA  
REGIONAL  
MESTRADO EM HISTÓRIA**

**Jordana Gonçalves Leão**

**Fragmentos de um 'diário': a correspondência pessoal de Helder  
Pessoa Camara (1944-1952).**

Recife  
2010



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL DA CULTURA  
REGIONAL  
MESTRADO EM HISTÓRIA**

**Jordana Gonçalves Leão**

**Fragmentos de um 'diário': a correspondência pessoal de Helder  
Pessoa Camara (1944-1952).**

Dissertação apresentada à Universidade Federal Rural de Pernambuco como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História Social da Cultura Regional.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Giselda Brito Silva

Recife  
2010

Ficha catalográfica

L437f Leão, Jordana Gonçalves  
Fragmentos de um 'diário': a correspondência pessoal de Helder Pessoa Camara (1944-1952) / Jordana Gonçalves Leão – 2010.  
144f. : il.

Orientadora: Giselda Brito Silva.  
Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura Regional) – Universidade Federal Rural de Pernambuco. Departamento de Letras e Ciências Humanas. Recife, 2010.  
Inclui referências, anexos e apêndice.

1. Helder Pessoa Camara 2. Correspondência pessoal 3. Escrita de si 4. Virgínia Côrtes de Lacerda I. Silva, Giselda Brito, orientadora II. Título

CCD 981



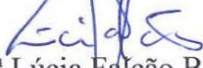
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL DA CULTURA REGIONAL


## ATA DA DEFESA DA DISSERTAÇÃO DA ALUNA JORDANA GONÇALVES LEÃO

Às 14h do dia 26 (vinte e seis) de fevereiro de 2010 (dois mil e dez), no Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura Regional desta Universidade, a Comissão Examinadora da Dissertação para obtenção do grau de Mestre apresentada pela aluna **Jordana Gonçalves Leão**, intitulada **“Fragmentos de um ‘diário’: a correspondência pessoal de Helder Pessoa Camara (1944-1952)”**, em ato público, após arguição feita de acordo com o Regimento do referido Curso, decidiu conceder à mesma o conceito **“APROVADO COM DISTINÇÃO”**, em resultado à atribuição dos conceitos das professoras doutoras: Giselda Brito Silva (Orientadora), Lúcia Falcão Barbosa e Sylvana Maria Brandão de Aguiar. Fica a aluna Jordana Gonçalves Leão ciente de que só fará juz ao título de mestre se cumprir todos os requisitos previstos nas Normas Gerais dos Programas de Pós-Graduação “Stricto Sensu” da UFRPE e no Regimento Interno do Programa. Assina também a presente ata a Vice Coordenadora, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ana Lúcia do Nascimento Oliveira, para os devidos efeitos legais. E, por fim, confere a presente ata, sem rasura nem emenda, a secretária Alexandra Barbosa de Souza Cyreno.

Recife, 26 de fevereiro de 2010.

  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Giselda Brito Silva

  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lúcia Falcão Barbosa

  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sylvana Maria Brandão de Aguiar

  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Lúcia do Nascimento Oliveira

  
Jordana Gonçalves Leão

  
Alexandra Barbosa de Souza Cyreno

### PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL DA CULTURA REGIONAL

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - PRPPG  
Rua Dom Manoel de Medeiros, s/n - Dois Irmãos  
52171-900 Recife, PE - Brasil  
Fones: (81) 3320-6461-6050-6051-6052 -6461  
E-mails: [coordenação@pgh.ufrpe.br](mailto:coordenação@pgh.ufrpe.br) / [ppgh@ufrpe.br](mailto:ppgh@ufrpe.br) / [cpgg@ufrpe.br](mailto:cpgg@ufrpe.br)

Ao padre Helder Camara, por ter me ensinado a ver a vida com os olhos do coração.

A Brunno Leonardo, amor de toda vida e ainda depois.

## AGRADECIMENTOS

Há quem diga que o ofício de historiador é uma tarefa um tanto quanto solitária. No meu caso, em oito anos de pesquisa, passaram pelo meu caminho pessoas que fizeram questão de estar sempre por perto, dividindo comigo as incertezas, as inquietações, as angústias e as descobertas do fazer historiográfico. A essas pessoas tenho muito a agradecer.

Agradeço a minha família, principalmente ao meu pai, Ederaldo da Costa Leão, pois mesmo em outros planos, continua amando-me e orientando-me. A minha mãe, Veraluça Gonçalves Leão, por me ensinar a amar a história e por ter caminhado comigo os meus primeiros passos.

Uma menção deve ser feita à Universidade Federal Rural de Pernambuco que me acolheu com tanto carinho em um momento de dificuldades e incertezas e à Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (FACEPE), a qual me agraciou com a bolsa de estudos cujo apoio em muito ajudou no andamento desta pesquisa.

À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Giselda Brito Silva, orientadora, agradeço a confiança depositada e por tornar possível esse recomeço, mas, acima de tudo, por acreditar no meu trabalho como historiadora. Ao Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup>. Antônio Paulo de Moraes Rezende pelo apoio e sensibilidade insuperável. Ao Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup>. Luiz Carlos Luz Marques, por acompanhar de perto minhas primeiras inquietações e descobertas. Aos professores Lúcia Falcão Barbosa (pela beleza das expressões e um exemplo de historiadora brilhante), Sylvana Maria Brandão de Aguiar, Maria Ângela de Faria Grillo (pela doçura), Gilvando Sá Leitão Rios (pela força nas aventuras da memória), Suely Creusa Cordeiro de Almeida, Durval Muniz de Albuquerque Júnior (pelo estímulo), Wellington Barbosa da Silva, Marcus Joaquim Maciel de Carvalho, Severino Vicente da Silva e Carlos Alberto Cunha Miranda. Agradeço profundamente por fazerem parte da minha formação como historiadora.

Agradeço, ainda, ao Instituto Dom Helder Camara o acolhimento fraternal no início das pesquisas. Ao Centro de Estudos Virgínia Côrtes de Lacerda, em especial ao Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup>. João César de Castro Rocha, o carinho e respeito que me foi atribuído, tendo tornado possível o meu contato com os estudos da professora Virgínia. Ao Mémoire et Actualité pelo estímulo e confiança. A todos que fazem o

Banco da Providência, a Comunidade de Emaús e a Cruzada de São Sebastião, trabalhos de profunda beleza e grandiosidade espiritual.

Agradeço profundamente a Johannes Franciscus Gerardus Pubben (padre João). Obrigada por ter sido meu companheiro nas inesquecíveis aventuras cariocas, pelas longas conversas encorajando-me nos momentos difíceis, ajudando-me a definir melhor meus pensamentos e fazendo-me compreender os ideais de amor de Dom Helder. Obrigada por ter me dedicado tanto amor.

A Maria Luiza e Edgar Amarante, Marina Bandeira, Marina Araújo, Aglália Peixoto, Cecília Arraes, Hilda e Odete Azevedo, Lenita Peixoto, Maria Helena Loureiro e Ruth Chagas, o grupo que o Padrezinho carinhosamente chamava de 'Família'. Muito obrigada por acolher-me com tamanho carinho, por acreditar nos meus propósitos, pela dedicação em ajudar-me na realização desse trabalho. Sem vocês, isso não seria possível.

Agradeço ao amigo José de Broucker, por sempre me encorajar e acreditar no meu trabalho. Aos amigos Ylza e Rubens, estes me acolheram de maneira fraternal em minhas andanças ao Rio de Janeiro. Agradeço aos amigos que, dispondo de tão precioso tempo, receberam-me de forma carinhosa, caso do padre Fernando Bastos Ávila (Academia Brasileira de Letras), da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Margarida de Souza Neves (Pontifícia Universidade Católica – RJ) e do Dr. Nelson Motta.

Agradeço, também, a Waldemar Alves da Silva Júnior, José Veridiano dos Santos, Bruno Romero de Miranda e Natália da Conceição Silva Barros. Companheiros de todas as horas e que apesar do tempo e da distância permanecem sempre presentes em meu coração. Muito obrigada pelas simples conversas nas horas vagas, que acabavam resultando em formas carinhosas de estímulo. Aos amigos Rômulo José de Oliveira Júnior, Paulo Henrique Rodrigues Melo e Bianca Nogueira da Silva: historiadores brilhantes. Obrigada pelos momentos inesquecíveis nas aventuras do fazer historiográfico.

Aos amigos do André Luiz, em especial as mães e as crianças do coral Voz do Coração agradeço pelo amor em momentos de tanta dificuldade. À Apolônia Leão e Priscila Leão agradeço profundamente por me permitir (re)viver as delícias da infância no meu cariri paraibano e por lembrar-me em momentos inesquecíveis o lado suave da vida. Ao poeta Iran Gama, Vera Galdino e Aníbal Gama (futuro historiador) por me receber de coração aberto. À família Oliveira: José Antônio,

Kátia, Larissa, Antônio Filho e Johany por me dedicar tanto amor. Ao amigo Carlos Pereira, por me permitir viver momentos inimagináveis. A vocês, meus sinceros agradecimentos.

Por fim, agradeço, com muito amor, a Brunno Leonardo Galdino Leite. Sou-lhe grata por dividir comigo as angústias, as reflexões, as tristezas e as felicidades. Obrigada pelo amor incondicional, por ter sido meu companheiro nas noites em claro e por ter me ajudado a pensar e elaborar as trilhas que aqui seriam seguidas, encorajando-me e sempre acreditando em mim. Muito obrigada.



“Os olhos lêem a vida e o mundo. Definem suas cores, traçam suas forças, dimensionam seus movimentos. Os olhos e o visível. Mas é o coração que percebe o invisível da vida e do mundo. Penetra nos seus mistérios, aprofunda suas tramas, inventa seus sentimentos, descobre a magia talvez absurda, que envolve a aventura humana. O visível e o invisível fazem parte da História, são inseparáveis, se o historiador quiser tentar compreender o significado dos labirintos, construídos pelos homens, não deve fechar os olhos, nem tão pouco o coração”.

(Antônio Paulo Rezende: (Des)Encantos Modernos)

## RESUMO

Partindo de um conjunto de cartas pessoais escritas diariamente pelo padre cearense Helder Pessoa Camara para a literária mineira Virgínia Côrtes de Lacerda entre os anos de 1944 a 1952 e sob as perspectivas da Escrita de si – uma das inúmeras possibilidades da História Cultural – elaboramos este trabalho. Seu cerne consiste em pensar de que forma Helder Camara – um sujeito histórico do ponto de vista religioso e político desde os anos 1930 – faz uso das missivas como um espaço de produção de si e do outro, como um lugar de produção do sujeito. Assim, trabalharemos com correspondências pessoais – pensadas a partir do texto, do suporte material e dos anexos como as Meditações do padre José, as fotografias e mapas; anotações as margens dos livros; manuscritos pessoais e uma série de entrevistas, realizadas com amigos e colaboradores do padre Helder Camara nas décadas de 1940 e 1950. Assim torna-se possível pensar de que forma as epístolas, escritas em série, nos possibilitam visualizar a construção de suas relações pessoais e o percurso através dos quais suas ideias amadurecem e abrem novos caminhos de reflexão, em um período em que as facetas da personalidade com que Helder ficaria conhecido estavam sendo devidamente buriladas e amadurecidas.

**PALAVRAS-CHAVES:** Helder Pessoa Camara, correspondência pessoal, escrita de si.

## **ABSTRACT**

Starting with a set of personal letters written daily by the priest, born in Ceará, Helder Pessoa Camara which were sent to the female writer Virgínia Côrtes de Lacerda, from Minas Gerais, between the years 1944 to 1952 and under the perspective of the self writing – one of the many possibilities of Cultural History – we elaborate this paperwork. It's focus consists to think how Helder Camara – a historical subject in terms of religious and political influence since the 1930s – uses the letters as a space of his production about himself and about others, as a place of subject production. Therefore, we will work with personal correspondences – reasoned from the text, from the material support and from the annexes like the Meditations of priest José, the photos and the maps; notes from the margins of the books; personal manuscripts and a series of interviews, made with friends and colleagues of the priest Helder Camara in the 1940s and 1950s. Thus becomes possible to think how the epistles, written in series, enable us to view the construction of his personal relations and the course whereby his ideas ripen and open new paths of reflection, a period in which the facets of personality that would be known Helder were being properly polished and mature.

**KEYWORDS:** Helder Pessoa Camara, personal correspondences, self writing.

## **LISTA DAS INSTUIÇÕES PESQUISADAS**

Arquivo Pessoal.

Arquivo do Banco da Providência.

Arquivo do Centro de Documentação Helder Camara.

Arquivo do Centro de Estudos Virgínia Côrtes de Lacerda – UERJ.

Biblioteca Central da UFPE.

Biblioteca Central da UFRPE.

Biblioteca do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFPE.

Instituto Dom Helder Camara.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01: Fotografia do padre Helder Camara .....	41
Figura 02: Fotografia do padre Helder na década de 1930 .....	42
Figura 03: Fotografia Dom Helder em visita aos mocambos do Recife .....	47
Figura 04: Carta pessoal de Helder Camara para Virgínia Côrtes de Lacerda ....	61
Figura 05: O padre Helder com a mãe Adelaide .....	64
Figura 06: Fragmento de carta de Helder Camara para Virgínia Côrtes .....	65
Figura 07: Desenho do padre Helder Camara com o mapa dos Estados Unidos .....	67
Figura 08: Fotografia de Helder Camara aos seis anos .....	74
Figura 09: Fotografia do padre Helder Camara com a família Campos Heitor ....	94
Figura 10: Caricatura do padre Helder Camara com o anúncio do Vinho Reconstituente Silva Araújo .....	96
Figura 11: Anotações às margens da obra Péguy et les Cahiers de La Quinzaine .....	105
Figura 12: O Grupo Confiança .....	107
Figura 13: Cartas de Haidée Arraes de Alencar .....	115

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- ACB – Ação Católica Brasileira
- AIB – Ação Integralista Brasileira
- CeDoHC – Centro de Documentação Helder Camara
- CEPE – Companhia Editora de Pernambuco
- CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
- FACEPE – Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco
- IDHeC – Instituto Dom Helder Camara
- UERJ – Universidade Estadual do Rio de Janeiro
- UFPE – Universidade Federal de Pernambuco
- UFRPE – Universidade Federal Rural de Pernambuco

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	15
Rio, 19 de fevereiro de 1944 .....	16
O historiador e seu ponto de partida .....	19
Traçando caminhos: a escolha das fontes, dos métodos e dos capítulos.....	26
<b>CAPÍTULO I – HELDER CAMARA: ALGUMAS TRILHAS DA TRAJETÓRIA VISÍVEL</b> .....	31
1.1 Do Ceará ao Rio de Janeiro: caminhos de um padre .....	38
1.2 Na Arquidiocese de Olinda e Recife: um olhar para além da cidade .....	43
<b>CAPÍTULO II – ARTES DE CONSTRUÇÃO DE SI MESMO: AS EPÍSTOLAS DO PADRE HELDER</b> .....	55
2.1 Narrativas de si: ideias, opiniões e sentimentos .....	56
2.2 A partilha do sensível: os registros da História da Confiança .....	58
2.3 Os caminhos da História .....	77
<b>CAPÍTULO III – HISTÓRIA AO PORTADOR: MEMÓRIAS EPISTOLARES</b> .....	86
3.1 Caminhos, escolhas e ideias: as cartas como lugar de sociabilidade .....	90
3.2 A invenção do Grupo Confiança .....	104
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	121
<b>FONTES E BIBLIOGRAFIA</b> .....	125
<b>APÊNDICES</b> .....	133
APÊNDICE A – Carta Pessoal de Helder Camara para Virgínia Côrtes.....	134
APÊNDICE B – Envelopes .....	137
APÊNDICE C – Fotografia da Família Mecejanense.....	138
<b>ANEXOS</b> .....	139
ANEXO A – Obra de Daniel Halèvy .....	140
ANEXO B – Livro de Daniel Halèvy, Pégy et lês Cahiers de La Quinzaine, utilizado pelo padre Helder Camara, em 1944 .....	141
ANEXO C – Fotografia de Virgínia Côrtes de Lacerda .....	142
ANEXO D – Caderno de anotações utilizado por Virgínia para registrar as meditações .....	143

# **INTRODUÇÃO**



## INTRODUÇÃO

“A única lei da história é o imprevisto.”  
(Gilbert Keith Chesterton).

### Rio, 19 de fevereiro de 1944

Às quatro e meia da manhã, o então padre Helder Pessoa Camara, em seu pequeno apartamento em Botafogo, no Rio de Janeiro, levanta-se para mais uma madrugada de vigília. O hábito de realizar as vigílias, surgido em sua vida ainda no seminário,<sup>1</sup> representava uma tentativa de vivenciar alguns momentos de encontro com Deus. Helder rezava, lia o Breviário, respondia às correspondências recebidas, reavaliava suas atuações nos incontáveis compromissos de que participava diariamente, rascunhava a homilia do dia seguinte e escrevia pequenos textos poéticos que denominava de *Meditações do padre José*.

O padre Helder dedica a vigília daquela madrugada a refletir acerca de acontecimentos recentes e a pensar em como poderia ajudar a amiga Virgínia, que sofria a dor de vivenciar o fim da vida do pai. Já em sua escrivaninha, em seu pequeno quarto, escreve:

Minha querida filhinha,

Não pude pensar no diário nos dias 17 e 18.  
Quanta surpresa em três dias! Quanto sofrimento aceito com a graça divina, de modo pleno!  
Vou tentar um pouco de ordem no caos de minhas impressões numerosas e desconstruídas:  
a) Um telefonema seu no dia 16. Minha afilhada, ao aparelho, conversava com você. Minha filha devia estar falando da fazenda. O coração queria, por força, vir à boca para falar ao telefone.

---

<sup>1</sup> No Livro de Salmos utilizado por Helder no seminário, podemos encontrar alguns grifos fazendo referência às vigílias de invocação a Deus: “[...] eu velo a invocar-vos desde o alvorecer. Minha alma está sequiosa por vós. E de quantas maneiras por vós anseia a minha carne!”. **PSALMOS**. Tradução de Mons. José Basílio Pereira. Salvador, 1922. (SI 62, 2).

Fui tendo a impressão de que você chegara. Fui me alegrando intensamente. Desligado o aparelho, soube de tudo. Fiquei tristíssimo e saí correndo. [...]

Fui pensando pelo caminho: prometeste (Deus) a Santa Margarida Maria que os padres, amantes de propagar o culto ao teu coração, teriam a graça espiritual de tocar os corações. Eu te prometo até o fim da vida, propagar o amor a teu coração. Mas dá-nos esta alma querida!

Houve um instante dolorosíssimo: como entrar no quarto? Como falar com ele?

Vi a timidez de minha filha ir ao outro mundo e voltar. Vi quando ela se decidiu, por uma nítida resolução de vontade em face do que julgou um dever. Vi-a partir e fiquei certo de que tanto sacrifício e tanta fé seriam recompensados. [...]

c) foi tudo de uma facilidade desnorante. Seu pai me pediu confissão!...

Senti um dos abalos maiores de minha vida. Tive as vontades mais desconstradas: de chorar, de cantar, de dançar, de ajoelhar-me... Fiquei rezando baixinho o *Te Deum*, enquanto ouvia o amigo reto e bom! [...]<sup>2</sup>

A longa carta à amiga Virgínia Côrtes de Lacerda chama-nos a atenção por muitas razões. A primeira delas é a possibilidade que a correspondência nos proporciona de observarmos Helder Camara - um homem que ficou marcado por suas ações conscientes e corajosas em prol de um mundo 'mais justo e mais fraterno', um homem que fez todos os governos brasileiros, civis ou militares, democráticos ou ditatoriais, levá-lo em consideração, um homem ouvido e reverenciado pelo mundo por força de suas palavras e de suas ideias – em um ato de entrega e de confiança, admitindo o sofrimento pessoal: “O coração queria, por força, vir à boca para falar ao telefone. Desligado o aparelho, soube de tudo. Fiquei tristíssimo e saí correndo”.

Na carta escrita por Helder são inúmeras as expressões de carinho, de amor e de amizade: “Ah! Se eu pudesse! E de meia noite às sete horas da manhã de 17, teria feito com você o que se faz com um filhinho doente: tê-la-ia colocado em meu colo e teria cantado a mais suave e mais doce canção de ninar!”. O padre revela ainda sentimentos e sensações muito humanas, sentidas e vividas ao ouvir as últimas palavras de um ente muito querido: “Tive as vontades mais desconstradas: de chorar, de cantar, de dançar, de ajoelhar-me... Fiquei rezando baixinho o *Te Deum*, enquanto ouvia o amigo reto e bom!”. Cartas semelhantes foram escritas por

---

<sup>2</sup> CAMARA, Helder. Carta Pessoal. 19 de fevereiro de 1944, Rio de Janeiro. Para Virgínia Côrtes de Lacerda, Rio de Janeiro. 06p. Arquivo Pessoal.

Helder Camara durante muito tempo. Por quase duas décadas, escreveu cartas diárias à amiga e confidente, Virgínia Côrtes de Lacerda.

Helder e Virgínia se conheceram em 1942, quando o então padre Helder Camara é convidado por Dom Sebastião Leme da Silveira Cintra, cardeal arcebispo do Rio de Janeiro, a lecionar nas recém fundadas Faculdades Católicas que, posteriormente, se transformariam na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Por poucos anos, lecionou as disciplinas de didática geral e administração escolar, passando, em seguida, a ministrar cursos de psicologia para as professoras da Faculdade de Letras do Instituto Santa Úrsula. É, nessa instituição, que conhece uma aluna que viria a se tornar especial. Anos mais tarde, em entrevista ao amigo e jornalista francês José de Broucker, ele mesmo recorda:

Dans le premier groupe d'étudiantes que j'ai connues là, il y avait une jeune fille. Non, elle n'était pas tellement jeune. Je pense qu'elle était plus âgée que moi. Elle s'appelait Virgínia Côrtes de Lacerda. J'ai tout de suite senti que j'étais en présence d'une intelligence privilégiée, je dirais même rare. Elle lisait les classiques grecs directement dans le texte original. Euripide, Sophocle...  
Très vite, elle fut pour moi bien plus qu'une élève. Nous travaillions, nous étudions ensemble. Au commencement, elle se tenait un peu à l'écart de la pratique religieuse mais rapidement, avec la sincérité d'un coeur généreux, elle est revenue à la maison du Père.  
Alors, chaque matin elle participait à ma messe et recevait la communion. C'était une messe bien préparée. Je lui communiquais toutes les méditations, toutes les réflexions que j'écrivais pendant ma veille, pour l'aider à monter avec moi. Depuis mon séminaire, je veille chaque nuit pour refaire l'unité du Christ en moi.<sup>3</sup>

Além dos encontros diários realizados após a missa das seis da manhã, celebrada pelo padre Helder na Escola de Enfermagem Ana Nery, passaram a

---

<sup>3</sup> CAMARA, Helder; BROUCKER, José de. **Les conversions d'un Évêque**: Entretiens avec José de Broucker. Paris: L'Harmattan, 2002. p. 99-100. Infelizmente, não há uma tradução para o português da obra de José de Broucker, assim optamos por manter o texto original em francês e traduzi-lo na nota de rodapé: "No primeiro grupo de estudantes que conheci havia uma jovem. Bem, não era tão jovem. Creio que era mais velha do que eu. Chamava-se Virginia Côrtes de Lacerda. Em seguida, compreendi que estava diante de uma inteligência privilegiada, inclusive diria rara. Lia os clássicos gregos diretamente em seu texto original. Eurípidés, Sófocles... Logo de início foi para mim muito mais que uma aluna. A princípio ela se mantinha um pouco afastada da prática religiosa, mas rapidamente, com a sinceridade de um coração generoso, ela voltou à casa do Pai. Todas as manhãs participava de minha missa e recebia a comunhão. Era uma missa bem preparada. Eu lhe comunicava todas as meditações, todas as reflexões que eu escrevia durante minha vigília, para ajudá-la a ascender comigo. Desde meu seminário, desenvolvi o hábito da vigília a cada noite para refazer a unidade do Cristo em mim". (Tradução livre da autora.)

trabalhar e estudar juntos: “Nous avons pris aussi l’habitude de lire, de lire, de lire tout ce qui nous semblait capable de nous aider, soit dans une ligne directement spirituelle soit dans une ligne culturelle”.<sup>4</sup>

É fascinante e singular o resultado desses estudos.

## O historiador e seu ponto de partida

Arquivos pessoais são vistos pelos estudiosos como preciosas fontes para reconstruir um processo de itinerário de formação do imaginário social. Foi pensando nessas colocações que nos propomos à realização desse trabalho. Adentrar pelos caminhos da Escrita de si, tal como analisa Michael Foucault,<sup>5</sup> para compormos um novo olhar acerca do homem Helder Pessoa Camara.

Partindo de um conjunto de cartas escritas diariamente nos anos de 1944 a 1952, elaboramos este trabalho cujo cerne consiste em pensar de que forma Helder Camara – um sujeito histórico do ponto de vista religioso e político desde os anos 1930 – faz uso das missivas como um espaço de produção de si e do outro, como um lugar de produção do sujeito. Um lugar aonde vem se alojar um corpo, um rosto, uma relação. Tal correspondência apresenta-se carregada de inúmeros significados no que diz respeito à vida e à obra de Helder Camara. Escritas em séries, as epístolas nos possibilitam visualizar a construção de suas relações pessoais e o percurso através dos quais suas ideias amadurecem e abrem novos caminhos de reflexão em um período em que as facetas da personalidade com que Helder ficaria conhecido estavam sendo devidamente buriladas e amadurecidas.<sup>6</sup>

---

<sup>4</sup> *Ibidem*. p. 100. “Havíamos adquirido também o hábito de ler, ler, e reler tudo o que nos parecia capaz de ajudar-nos, principalmente em uma linha espiritual, mas também em uma linha cultural”. (Tradução livre da autora)

<sup>5</sup> Cf. FOUCAULT, Michael. A escrita de si. In: **O que é um autor?** Lisboa: Veja, Passagens, 1992.

<sup>6</sup> Apesar de Helder Pessoa Camara ser estudado como uma personagem histórica, do ponto de vista religioso e político, desde os anos trinta do século XX, ao fazermos menção às décadas de quarenta e cinquenta como bastantes significativas em sua vida e obra, estamos fazendo referência ao período em que o sacerdote, através de sua leitura de autores como Jacques Maritain, aprendeu a ver a realidade econômica e social do país e do mundo e a buscar as causas estruturais da miséria dos povos. Nesse período, Helder Camara percorreu todo um caminho, intelectual e espiritual, juntamente com uma elite de leigos comprometidos com seus ideais de uma Igreja simples e voltada para os pobres. Assim, Helder tornou-se bispo aos 43 anos, arcebispo auxiliar do Rio de Janeiro, secretário-geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, defensor dos Direitos Humanos e propagador da paz.

*Fragmentos de uma 'diário'* é o resultado de longo processo de pesquisa iniciado em 2002, quando o Instituto Dom Helder Camara (IDHeC)<sup>7</sup> dava início a sua caminhada rumo a primeira publicação do Projeto *Obras Completas*.<sup>8</sup> Naquela ocasião, foi-nos concedida à oportunidade de trabalhar com uma série de livros vindos de uma das bibliotecas pessoais de Dom Helder Camara, aquela que deixou no Rio de Janeiro, no apartamento onde habitava com sua família antes de ser nomeado a arcebispo de Olinda e Recife em 1964.

No decorrer das atividades, um livro chamou nossa atenção por parecer um tanto quanto singular: tratava-se de *Péguy et les Cahiers de la Quinzaine* de Daniel Halevy.<sup>9</sup> A singularidade a que fazemos referência vai além da capacidade do autor em comentar a obra do poeta francês do século XIX, Charles Péguy. O que despertou a atenção foi à forma e a abundância de anotações contidas às margens de suas páginas. Que Dom Helder anotasse cuidadosamente os livros que lhe interessavam, não é novidade para ninguém que o conheceu de perto. Ora sublinhando palavras, ora destacando parágrafos inteiros, com um ou dois traços verticais ou então escrevendo observações às suas margens, muitas vezes ocupando-as completamente.<sup>10</sup> Essas anotações atraíram nossa curiosidade no mesmo instante, tornando-se, nos dias seguintes, constantes na memória.<sup>11</sup>

Portanto, buscamos alargar nossa capacidade de olhar na tentativa de perceber o invisível, de transformar pormenores normalmente considerados sem importância ou até triviais em chaves para uma possível releitura de paradigmas e 'verdades'. A partir de então, o que por seis décadas pareceu ser apenas um conjunto de anotações meramente sem importância, revelou-se, ao nosso olhar, uma farta documentação.

<sup>7</sup> O Instituto Dom Helder Camara (IDHeC) é localizado no Recife – Pernambuco, ao lado da Igreja das Fronteiras, onde Dom Helder Camara morou por mais de trinta anos.

<sup>8</sup> Em 2001, por sugestão do padre José Comblin, o Instituto Dom Helder Camara (IDHeC) elaborou o Projeto *Obras Completas*, cujo objeto consiste em tornar possível, de forma responsável, aos pesquisadores e ao público interessado, o acesso ao conjunto dos escritos de Dom Helder depositados no Centro de Documentação. Em 2004, o IDHeC em parceria com a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) lançou *Vaticano II – Correspondência Conciliar*, o primeiro volume da série sob a coordenação do professor Luiz Carlos Luz Marques. Em 2009, durante as comemorações do centenário de nascimento de Dom Helder, o IDHeC publicou, em parceria com Companhia Editora de Pernambuco (CEPE), mais dois volumes: *Cartas Circulares Conciliares* coordenado pelo professor Luiz Carlos e *Cartas Circulares Interconciliares* coordenado por Zildo Rocha.

<sup>9</sup> HALÉVY, Daniel. **Péguy et les Cahiers de la Quinzaine**. Paris: Éditeur Bernard Grasset, 1941.

<sup>10</sup> A mais antiga indicação desse método encontra-se em um pequeno livro de salmos (**PSALMOS**. Tradução de Mons. José Basílio Pereira. Salvador, 1922), que com muita probabilidade recebeu ao ingressar no Seminário. Os versículos ali destacados balizam, de certa forma, as futuras escolhas existenciais de Helder Camara.

<sup>11</sup> Vide imagem do livro e das anotações nos Anexos A e B.

Michael Oakeshott na obra intitulada: *Sobre a História e outros ensaios*, enfatiza que o trabalho do historiador não acaba com a localização das fontes, faz-se ainda necessário aprender a ler criticamente um sobrevivente, a chegar a entender sua 'linguagem', a discernir a condicionalidade de sua expressão e a reparar os danos que possa ter sofrido. Segundo Oakeshott,

Para um historiador, mesmo fragmentos do passado inerentemente interessantes não são o fim, mas o começo de uma investigação, preocupada não com o que eles são com seu caráter como realizações, mas com o que deles pode ser inferido sobre um passado que não sobreviveu.<sup>12</sup>

Assim, nos meses que se seguiram, dedicamo-nos uma série de pesquisas minuciosas e a uma intensa investigação das fontes. A transcrição e análise das anotações as margens das obras de que dispunha o Instituto Dom Helder Camara nos permitiram verificar que as margens dos livros registravam diálogos que carregavam uma riqueza de afirmações as quais se nos apresentam com diversas facetas: memórias, diários e uma variedade surpreendente de temas abordados.<sup>13</sup>

Essas descobertas chamaram-nos a atenção para os mais de 1.200 livros que compõem a biblioteca pessoal carioca de Dom Helder Camara.<sup>14</sup> Até o momento foram identificados 164 livros contendo anotações semelhantes. São obras representativas dos mais variados temas: espiritualidade, educação, psicologia, filosofia, literatura, etc. Em *Péguy et les Cahiers de la Quinzaine*, o volume das anotações, por si só surpreendente,<sup>15</sup> permite-nos identificar o hábito da leitura e

<sup>12</sup> OAKESHOTT, Michael. **Sobre a história e outros ensaios**. Tradução de Renato Rezende. Rio de Janeiro: Editora Topbookes, 2003. p. 108.

<sup>13</sup> Em 2002 o Instituto Dom Helder Camara (IDHeC) dispunha de pouco mais de vinte obras oriundas da biblioteca pessoal de Dom Helder Camara no Rio de Janeiro. Dessas obras, apenas cinco apresentavam anotações: *Péguy et les Cahiers de la Quinzaine* de Daniel Halévy, *Diário íntimo de uma adolescente* e *Ambicion y angustia de los adolescentes* de Aníbal Ponce, *A lenda dos três companheiros* de Nilson Carneiro da Cunha e *A L'école de saint Benoît* de D. Gorce. Sob a orientação do professor Luiz Carlos Luz Marques iniciamos a pesquisa "A biblioteca pessoal carioca de Dom Helder Camara". O estudo consistia na catalogação, identificação e transcrição das anotações as margens das páginas dos exemplares da biblioteca carioca de Dom Helder e era parte integrante do projeto "Dom Helder Camara, a Igreja católica e a sociedade brasileira no século XX, fase II" coordenado pelo professor Luiz Carlos com o financiamento do IDHeC.

<sup>14</sup> Todo esse acervo encontra-se hoje depositado no Instituto Dom Helder Camara (IDHeC).

<sup>15</sup> Somente a transcrição das anotações dessa obra somou 56 páginas em formato A4, fonte Times New Roman, tamanho 12, espaço 1,5.

releitura<sup>16</sup> de livros, que para os atentos leitores, são muito mais do que fontes de conhecimento.

Ao longo das leituras e releituras, seus leitores dataram e anotaram cuidadosamente os livros em suas margens, estabelecendo comentários que se nos apresentam de diversas formas: por vezes referências aos autores e suas obras e, em outros casos, verdadeiros diários contendo reflexões do dia-a-dia e registros de memórias escritos sob os pseudônimos de *padre Albertus* e *Caecilia*. Memórias que foram escritas sem que houvesse a intenção explícita de torná-las públicas.

Após realizarmos um estudo com as bibliografias disponíveis e um intenso trabalho de cruzamento de fontes, encontramos em *Les conversions d'un Évêque*, uma entrevista biográfica realizada pelo jornalista francês José de Broucker, a chave para um possível entendimento de quem viria a ser a autora dos registros as margens dos livros. No entanto, apenas em 2003, com a realização de uma série de entrevistas com amigos e colaboradores do padre Helder nos anos de 1940 e 1950, foi-nos possível verificar que nas margens daqueles livros, estavam registrados os estudos e diálogos do padre cearense Helder Pessoa Camara e da pedagoga e literata mineira Virgínia Côrtes de Lacerda com quem compartilhava uma profunda afinidade espiritual e intelectual. Virgínia era, sem dúvida, uma mulher que prezava pela cultura e pela espiritualidade.

Virgínia Côrtes de Lacerda, filha do Coronel da Guarda Nacional Roberto Lacerda e Dona Natalina Côrtes Lacerda, nasceu na Fazenda da Saudade, distrito de Providência, município de Leopoldina, em Minas Gerais, em 23 de junho de 1903. Ali morou até os oito anos de idade, quando foi para o Rio de Janeiro viver em companhia dos tios maternos, Simplício e Rinalda Côrtes, para receber educação complementar. Posteriormente, com a ida dos pais para o Rio de Janeiro, Virgínia passou a viver com eles, mudando-se, em seguida, para a casa da irmã, Myrthes.<sup>17</sup>

Em 1921, Virgínia diplomou-se como professora pela antiga Escola Normal do Distrito Federal, atual Instituto de Educação, indo logo em seguida lecionar no curso primário do Instituto La-Fayette, Departamento Feminino, na Tijuca. Aos vinte anos já lecionava no curso complementar e participava ativamente

---

<sup>16</sup> *Péguy et les Cahiers de la Quinzaine* é uma obra lida em três tempos: em março de 1944, em maio do mesmo ano e em março de 1946, desta vez apenas por Helder Camara.

<sup>17</sup> RIEDEL, Dirce C.; VIEGAS, Ana Cláudia (org). **Anotações para uma biografia de Virgínia Côrtes de Lacerda**. Rio de Janeiro: Publicação do Centro de Estudos Virgínia Côrtes de Lacerda, 1996. p. 05.

da organização pedagógica do ensino de Português e Latim do Instituto La-Fayette. Especializou-se em Latim e Literatura, indo lecionar no Curso Geral Superior do Instituto La-Fayette (curso de humanidades para formação da mulher), idealizado por La-Fayette Côrtes e Francisco Levasseur França.<sup>18</sup>

Em 1933, Virgínia prestou concurso para o cargo de Inspetor Federal de Ensino Secundário (MEC), com provas específicas de Português e Latim, nas quais obteve o primeiro lugar, exercendo a função técnico-pedagógica em âmbito nacional. Também por concurso, em 1937, foi nomeada para o Quadro I do Ministério de Educação e Saúde, passando a Técnico de Educação. Em 1941, enquanto cursava o último ano do curso de Letras Clássicas no Instituto Santa Úrsula, Virgínia conheceu o padre Helder Camara, com quem compartilharia uma profunda afinidade pessoal e intelectual. Na companhia do amigo, Virgínia colaborou na fundação da revista *Serviam*, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, e na década seguinte, participou da organização e redação da revista *Leitores e Livros*, órgão do Serviço de Informações Bibliográficas da Ação Católica, publicada pela Livraria Agir Editora.<sup>19</sup> Virgínia foi uma mulher conectada com sua profissão e seu tempo. Como educadora e crítica literária deixou uma produção expressiva tanto na área didática quanto na área literária.<sup>20</sup>

Aqueles que tiveram a oportunidade de conviver um pouco mais de perto com o padre Helder e a professora Virgínia, logo perceberam que a cumplicidade e a afinidade espiritual e intelectual que os unia se destacavam em meio às suas relações pessoais. Marina Bandeira, amiga do padre Helder desde a década de 1950, também relembra um pouco essa afinidade:

---

<sup>18</sup> *Idem*.

<sup>19</sup> *Ibidem*. p. 06.

<sup>20</sup> Em toda sua produção intelectual, Virgínia fez questão de deixar claro sua preocupação com uma nova didática: *Unidades literárias – história da literatura brasileira* (1944, com segunda edição em 1952); *Unidades literárias – história da literatura portuguesa, antologia, gramática aplicada e sistematizada*. 1953; e *Das unidades didáticas a unidade da vida – um método de educação* (1951, com segunda edição em 1984). Apesar de o conteúdo programático escolar ser pré-estabelecido pelo MEC, nesses livros, Virgínia buscou a unificação entre a literatura, a gramática e a vida, inovando em relação às propostas de estudo de língua e literatura da época. Além desses livros, publicou diversos artigos de crítica literária: sobre Guimarães Rosa, Machado de Assis, Érico Veríssimo, Monteiro Lobato, entre outros. Deixou inacabado um projeto de tese de Doutorado, sobre a orientação de Alceu Amoroso Lima, na Faculdade Nacional, no qual se propunha a pesquisar as influências sofridas por Machado de Assis, destacando-se o encontro desse escritor com Matias Aires. Sobre Virgínia C. de Lacerda ver: RIEDEL, Dirce C.; VIEGAS, Ana Cláudia (org), 1996. **Anotações para uma biografia de Virgínia Côrtes de Lacerda**. Rio de Janeiro: Publicação do Centro de Estudos Virgínia Côrtes de Lacerda, 1996. Vide fotografia de Virgínia Côrtes de Lacerda no Anexo C.



Eu sei, e vi, constatei, que havia uma afinidade muito grande entre Dom Helder e Virgínia Côrtes de Lacerda, especialmente uma afinidade intelectual, conhecimentos, livros que liam e comentavam. Isso eu posso dizer com tranquilidade porque eu me lembro.<sup>21</sup>

Em carta de 17 de abril de 1944, Helder ressalta uma passagem do dia anterior que deixa claro a percepção dos amigos mais atentos a respeito dessa amizade:

Por que não falou à D. Elisa? Ela é tão simples e tão minha amiga... Quer bem a todos quantos gostam de mim. E me disse: 'De suas amigas todas, a mais querida é D.V.' – Como você sabe disso? Em que se baseia? (Raramente toco no nome da pessoa querida ao palestrar com os outros). Comentou amável: 'Foi à escolhida para sua Assistente, para sua Substituta. E você não faria isso com qualquer uma'. Sorri e nem disse sim e nem não..<sup>22</sup>

O estudo exaustivo das anotações e entrevistas realizadas com colaboradores e amigos do padre Helder no Rio de Janeiro apontava indícios de um segundo caminho capaz de conduzir-nos a outras interpretações a respeito de tal afinidade. Apenas em 2004, foi possível localizar um conjunto de cartas escritas por Helder Camara, durante suas vigílias, e endereçadas à Virgínia C. de Lacerda. Para além dos encontros diários e dos estudos, Helder e Virgínia trocaram uma enorme correspondência pessoal escrita diariamente durante quase duas décadas.<sup>23</sup> Infelizmente, até o momento, apenas uma parte deste material pôde ser recuperada.

<sup>21</sup> BANDEIRA, Marina. Entrevista. Entrevistadora: Jordana Gonçalves Leão. Recife, 2002. Entrevista concedida a pesquisa "A biblioteca pessoal carioca de Dom Helder Camara". Arquivo Pessoal. É válido salientar que as expressões aqui apresentadas são frutos do calor da hora e não foram submetidas a qualquer revisão gramatical, sendo utilizadas na íntegra, tal qual nos foram fornecidas.

<sup>22</sup> CAMARA, Helder. Carta Pessoal. 17 de abril de 1944, Rio de Janeiro. Para Virgínia Côrtes de Lacerda, Rio de Janeiro. 04p. Arquivo Pessoal.

<sup>23</sup> Segundo a historiadora Ângela de Castro Gomes no trabalho *Em família: a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre*, escrever cartas configura-se em uma prática cultural muito exercida pelos intelectuais do século XIX e início do XX. Todavia, chama-nos atenção o volume de cartas do padre Helder. Sobre o estudo de correspondências Cf. GOMES, Ângela de Castro. **Em família: a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre**. Campinas: Mercado de Letras, 2005. Coleção Letras em Série; GOMES, Ângela de Castro (org). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004; SILVESTRI, Nicoletta. La corrispondenza privata: spunti di riflessione. In TOSCANA, Regione e REGIONALE, Giunta (org). **Percorsi di Archivio: L'archivio di Ernesto Balducci**. Toscana: Edizioni Regionale Toscana, 2000; AMED, Fernando. **As cartas de Capistrano de Abreu**. Sociabilidade e vida literária na belle époque carioca. São Paulo: Alameda, 2006 e GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (org), **Prezado senhor, prezada senhora**. Estudos sobre cartas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

Trata-se de uma coleção de 1.734 cartas, escritas de 02 de janeiro de 1944 a 31 de dezembro de 1952.<sup>24</sup>

Nas cartas, que se apresentam como uma espécie de “diário” íntimo, podemos observar o jovem padre Helder utilizando-se do ato de escrever de forma terapêutica, catártica, buscando atenuar as angústias e a solidão. Virgínia representava o interlocutor ideal com quem podia abrir-se sem reservas, permitindo que sua memória e seus sentimentos fluíssem soltos, livres, ao correr da pena. Um exemplo bastante significativo a esse respeito é a carta escrita em janeiro e 1944. Nesse período, o padre Helder Camara exercia funções prevalentemente burocráticas, como técnico do Ministério da Educação e vivia a angústia e a expectativa de ser liberado da espécie de ‘limbo pastoral’ em que era mantido pelo cardeal do Rio de Janeiro, Dom Jaime Camara.

Caecilia: boa noite!

Hoje, com a graça de Deus, posso falar por experiência própria. Estou nadando de felicidade desde as 12 ½. Cheguei atrasado ao Ministério (preguei em uma missa extra dos guardas-marinha) e encontrei, esperando o elevador vizinho ao meu, um senhor que me olhava de modo muito fixo. Quase falei com ele. O elevador dele chegou e ele não quis subir, explicando alto: ‘Quero ficar olhando este padre, o maior quinta-coluna que o Brasil possui. Integralista!’. Todos pararam e ficaram me olhando espantados. O homem continuou: ‘Gosto de ver tanta inteligência a serviço da maldade. Tire essa batina, infeliz!’. Perguntei, tímido, ao meu agressor: ‘Meu amigo, alguma vez eu o ofendi?’. Ele gritou ofendido: ‘Amigo do diabo, mas não meu! Ofender a mim, não. Isto não tinha importância. Traiu o Brasil. Matou inocentes...’ Juntou gente e eu senti que alguns me olhavam com desprezo, outros com dó. Chegou o elevador e eu parti. Cantei um dulcíssimo SF e a alegria perfeita me inundou desde então! E hoje mesmo quis contar o fato à minha irmã.<sup>25</sup>

<sup>24</sup> Tomadas como um todo, a correspondência pessoal trocada entre Helder e Virgínia nos anos 40 e 50 – 1.734 cartas escritas em cerca de 4.130 manuscritos – revela-nos um conjunto de características que recordam imediatamente as Cartas Circulares que Dom Helder passou a escrever em Roma durante o Concílio Ecumênico Vaticano II. Será necessário, portanto, rever a tese de um início não premeditado das Circulares Conciliares dado que o hábito de escrever cartas fora constituído desde os anos 40. Sobre as Cartas Circulares ver CAMARA, Helder. **Vaticano II** – Correspondência Conciliar – Circulares à Família do São Joaquim, 1962-1964. Introdução e notas Luiz Carlos L. Marques. IDHeC – Obras Completas. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2004; CAMARA, Helder. **Circulares Conciliares**. Notas Luiz Carlos Luz Marques e Roberto de A. Farias. Vol. I. Tomo I, II e III. Recife: Editora CEPE, 2009; CAMARA, Helder. **Circulares Interconciliares**. Notas Zildo Rocha. Vol. II. Tomo I, II e III. Recife: Editora CEPE, 2009; MARQUES, Luiz Carlos Luz. **II carteggio conciliare di Mons. Helder Pessoa Camara (1962-1965)**. Tese de Doutorado em História Religiosa defendida na Universidade de Bolonha – Itália, 1998.

<sup>25</sup> CAMARA, Helder. Carta Pessoal. 19 de janeiro de 1944, Rio de Janeiro. Para Virgínia Côrtes de Lacerda, Rio de Janeiro. 03p. Arquivo Pessoal.

Ao lado dos relatos e dos acontecimentos importantes, Helder narra o cotidiano: a missa das seis na Escola de Enfermagem Ana Nery, as aulas que seriam ministradas para suas alunas, os momentos que passava ouvindo pessoas que buscavam ajuda para a resolução de todos os tipos de problemas, o trabalho no Ministério da Educação, a viagem de bonde na volta para casa, etc.

Por outro lado, resta-nos ainda ouvir o silêncio indicado pela documentação: o cuidado estabelecido no tocante ao sigilo dessa amizade, o uso constante dos pseudônimos e a preocupação com a guarda e a conservação das cartas e dos escritos às margens dos livros são de grande valor representativo neste sentido.

Segundo a historiadora Ângela de Castro Gomes, “escrevendo, é possível estar junto, próximo ao ‘outro’ através do objeto carta”,<sup>26</sup> mas essa era apenas uma das inúmeras intenções do padre Helder.

### **Traçando caminhos: a escolha das fontes, dos métodos e dos capítulos**

O estudo de cartas representa um novo espaço de investigação histórica: aquele do privado, onde deriva a esperança das mulheres e dos homens ‘comuns’,<sup>27</sup> onde se avultam em importância as práticas da escrita de si. É, portanto, nessa perspectiva de fundo que as cartas escritas por Helder Pessoa Camara para Virgínia Côrtes de Lacerda entre 1944 e 1952 foram localizadas, reunidas e analisadas, permitindo-nos estabelecer novos olhares sobre a vida e o trabalho do padre cearense. Adentraremos no estudo das suas correspondências pessoais numa tentativa de pensarmos como as missivas o servem como espaço de registro e produção de um sujeito histórico.

Se fosse preciso atribuir às cartas do padre Helder Camara um gênero literário, este seria a autobiografia, ou o que os historiadores classificam como escrita auto-referencial ou Escrita de si, uma das muitas possibilidades da História

---

<sup>26</sup> GOMES, Ângela de Castro (org). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004. p. 20.

<sup>27</sup> *Ibidem*. p. 09.

Cultural.<sup>28</sup> Escrever um diário, guardar papéis, fazer uma coleção e escrever uma autobiografia são práticas que participam mais daquilo que Michel Foucault chama de *a preocupação com o eu*.<sup>29</sup>

Nos últimos trinta anos nos deparamos com a multiplicidade da História. Saímos daquela História sem surpresas, de projetos pré-definidos para uma História do inesperado, onde se é possível não mais simplesmente narrar fatos, mas analisar os homens, com seus comportamentos, pensamentos e, até mesmo, seus atos mais voláteis. A infância, a morte, a loucura, a feminilidade, a sexualidade, a solidão, as palavras e até mesmo o silêncio, em seus aspectos mais reveladores, tornou-se objeto de estudo.

O que era previamente considerado imutável passou a ser encarado como uma “construção cultural” sujeita a variações tanto no tempo como no espaço. A base da filosofia histórica é a ideia de que a realidade e a verdade são sociais ou culturalmente construídas. Com essas novas categorias e abordagens, frutos das múltiplas vertentes do olhar sobre a história, transformam-se, entre outras, as noções de memória, documento, verdade, tempo e história.<sup>30</sup>

Nessa perspectiva, com a finalidade de nortear nosso fazer historiográfico, nos apropriamos de alguns desses conceitos sob o prisma da Escrita de si. Assim, no desenrolar do nosso estudo, a verdade não será compreendida como una e objetiva, suscetível à submissão de provas. O que passa a importar para aos nossos olhos é, exatamente, a ótica assumida pelo registro e como seu autor a expressa. Isto é, na prática da Escrita de si, o documento não trata de “dizer o que

---

<sup>28</sup> Ainda não são muito frequentes pesquisas acadêmicas que se concentrem na exploração desse tipo de escrita. Todavia, sobre a prática da escrita de si Cf. FOUCAULT, Michal. A escrita de si. In: **O que é um autor?** Lisboa: Veja, Passagens, 1992; GOMES, Ângela de Castro (org). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004; GOMES, Ângela de Castro. **Em família**: a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre. Campinas: Mercado de Letras, 2005. Coleção Letras em Série; AMED, Fernando. **As cartas de Capistrano de Abreu**. Sociabilidade e vida literária na belle époque carioca. São Paulo: Alameda, 2006.

<sup>29</sup> FOUCAULT, Michal. A escrita de si. In: **O que é um autor?** Lisboa: Veja, Passagens, 1992.

<sup>30</sup> Sobre esse processo Cf. ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **História: A arte de inventar o passado**. Ensaios de teoria da história. Bauru, SP: EDUSC, 2007; CANNADINE, David (Org.). **Que é a história hoje?** Lisboa: Editora Gradativa, 2006; CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 2ª edição. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000; DIEHL, Astor Antônio. **Cultura historiográfica**. Memória, identidade e representação. Bauru, SP: EDUSC, 2002; HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. Tradução Jefferson Luiz Camargo. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2001; REIS, José Carlos. **Nouvelle histoire e o tempo histórico** (A contribuição de Febvre, Bloch e Braudel). São Paulo: Editora Ática, 1994; RUSEN, Jörn. **Reconstrução do passado**. Tradução de Asta-Rose Alcaide. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2007 e SILVA, Rogério Forastieri da. **História da historiografia**: capítulos para uma história das histórias da historiografia. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

houve”, mas de dizer o que o autor diz que viu e sentiu. A verdade passa a incorporar a subjetividade, a fragmentação, o sentido plural, “como são plurais as vidas individuais, como é plural e diferenciada a memória que registra os acontecimentos da vida”.<sup>31</sup>

Olhar semelhante será direcionado ao tempo histórico, que passa a ser percebido em suas fragmentações, com ritmos e conteúdos diferenciados. As práticas da Escrita de si podem evidenciar, com muita clareza, como uma trajetória individual tem um percurso que se altera ao longo do tempo, podendo mostrar ainda, conforme sublinhou Ângela de Castro, como o mesmo período da vida de uma pessoa pode ser “decomposto” em tempos com ritmos diversos: um tempo da casa, um tempo do trabalho, etc.<sup>32</sup> É a criação do tempo da simultaneidade, onde os tempos históricos se cruzam, avançando em diferentes velocidades, permitindo ao historiador estar no passado e/ou no presente, bastando apenas o (re)direcionamento do seu olhar.

Em sua correspondência pessoal, Helder Camara muitas vezes nos apresenta sua capacidade de estar no tempo e de assumir todos os tempos – passado, presente e futuro – com uma perspectiva invejável.

Rio, 6/7.2.47

Minha querida Irmã. *Benedicamus Domino!*

1909/1947 = 38 anos; 456 meses; 13.680 dias; 328.320 horas; 19.699.200 minutos; 1.181.952.000 segundos.

Por mais que a ordenação sacerdotal avulte o 15 de agosto de 1931 não pode fazer esquecer o 7.02.1909. O aniversário natalício não é invenção arbitrária dos homens. Nosso tempo se conta pela marcha de Teu sol e Tu lhe deste o ritmo que possui e lhe indicaste a rota de que não se afasta.

A redução dos anos a meses, dos meses a dias, dos dias a horas, das horas a minutos, dos minutos a segundos – esmaga! Diante de Ti, quantos segundos valeram, quantos minutos contaram, quantas horas surgiram cheias, quantos dias foram dias, quantos meses foram meses? Quantos anos eu tenho?<sup>33</sup>

<sup>31</sup> GOMES, Ângela de Castro. (org) 2004. *op. cit.* p. 14.

<sup>32</sup> *Ibidem.* p. 13.

<sup>33</sup> CAMARA, Helder. Carta Pessoal. 06/07 de fevereiro de 1947, Rio de Janeiro. Para Virgínia Côrtes de Lacerda, Rio de Janeiro. 05p. Arquivo Pessoal.

Fazendo uso dessas concepções teórico-metodológicas, apresenta-se plausível o desenvolvimento dessa análise historiográfica cujas principais fontes conotam um caráter privado: correspondências pessoais – pensadas a partir do texto, do suporte material e dos anexos como as Meditações do padre José, as fotografias e mapas; anotações as margens dos livros, manuscritos pessoais como ‘A escolha de Deus’ de 1943 e o ‘Testamento Espiritual’ escrito em 1950 e algumas das Cartas Circulares escritas por Dom Helder Camara entre 1962 e 1982.<sup>34</sup> Todavia, ao longo da construção deste trabalho faremos uso de uma série de entrevistas realizadas com amigos e colaboradores do padre Helder Camara nas décadas de 1940 e 1950, e que serão trabalhadas a partir do referencial teórico da História Oral e da Memória, através de pensadores como Eclea Bosi e Noberto Bobbio. Trabalharemos ainda com as biografias e bibliografias sobre Dom Helder Camara encontradas no Arquivo do Centro de Documentação.

A utilização desse modelo de fonte historiográfica parece-nos bastante promissor e atual dado o número de trabalhos que se encontram em desenvolvimento por todo o Brasil e na Europa. A exemplo disso é possível citar os trabalhos da historiadora Ângela de Castro Gomes, *Escrita de si, escrita da história e Em família: a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre*, o trabalho da historiadora italiana Nicoletta Silvestre, *La corrispondenza privata: spunti di riflessione*, cuja análise se volta para o conjunto de cartas particulares do padre italiano Ernesto Balducci.<sup>35</sup> Ângela, Nicoletta e tantos outros historiadores comprovam-nos a profunda relevância, para a análise histórica, das fontes de caráter privado, por apresentarem facetas das vidas, do pensamento e do trabalho dos envolvidos. Dessa forma, podemos situar nossa análise como parte desse novo campo de estudo, apresentando-se como uma chave de leitura importante à medida que tais manuscritos, mesmo se apresentando de forma pessoal, são reveladores da

---

<sup>34</sup> As Cartas Circulares encontram-se no arquivo do Centro de Documentação Helder Camara (CeDoHC) e aos poucos estão sendo publicadas através do Projeto *Obras Completas* do Instituto Dom Helder Camara (IDHeC).

<sup>35</sup> Sobre o estudo de correspondências Cf. GOMES, Ângela de Castro. **Em família: a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre**. Campinas: Mercado de Letras, 2005. Coleção Letras em Série; GOMES, Ângela de Castro (org). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004; SILVESTRI, Nicoletta. *La corrispondenza privata: spunti di riflessione*. In TOSCANA, Regione e REGIONALE, Giunta (org). **Percorsi di Archivio: L'archivio di Ernesto Balducci**. Toscana: Edizioni Regionale Toscana, 2000; AMED, Fernando. **As cartas de Capistrano de Abreu**. Sociabilidade e vida literária na belle époque carioca. São Paulo: Alameda, 2006 e GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (org), **Prezado senhor, prezada senhora**. Estudos sobre cartas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

forma como tais personagens estavam vivendo as realidades sociais e culturais do seu tempo.

Para tratarmos dessa ‘escrita de si’ e de outros, dividimos este trabalho em três capítulos assim distribuídos: Em *Helder Camara: algumas trilhas da trajetória visível*, despertamos para a necessidade de voltarmos nosso olhar para algumas trilhas que Helder Camara percorreu ao longo dos seus 90 anos. Trataremos apenas de fragmentos de uma vida por acreditarmos que traçar seu perfil biográfico seria outra tese. Assim, procuraremos nos deter a alguns de seus percursos e suas ideias como forma de apresentar em linhas gerais Helder Pessoa Camara, um homem reconhecido mundialmente por suas atuações religiosas e políticas desde os anos de 1930.

Em *Artes de construção de si mesmo: as epístolas do padre Helder*, voltamos nosso olhar para as cartas e a narrativa como um espaço de produção de si mesmo e do outro, um espaço de construção do sujeito. Buscamos observar a prática missivista do padre Helder e pensar a escrita epistolar como um lugar, onde vem se alojar um corpo, um rosto, um sentimento. Veremos que a correspondência pessoal sela, ainda mais, um ‘pacto epistolar’ por abarcar assuntos íntimos e um pouco secretos. Nesse caso, elas podem ser cuidadosamente guardadas pelo destinatário, como um bem de valor afetivo incomensurável ou como um objeto de ‘memória’. Contudo, não é incomum que, justamente pelas mesmas razões, elas sejam destruídas – até mesmo a pedido do remetente – ou sejam mantidas a distância de qualquer outro leitor. No caso da correspondência pessoal de Helder e Virgínia, os caminhos escolhidos para a guarda e conservação do material foram muitos, conforme veremos nesse capítulo.

Por fim, em *História ao portador: memórias epistolares*, apontamos que embora as correspondências sejam necessariamente escritas para serem lidas por certa pessoa, o que sela um ‘pacto epistolar’, em geral, nem sempre elas tratam apenas dos sujeitos diretamente envolvidos. Dessa forma, observamos que as cartas apresentam ainda toda uma rede de sociabilidade, tornando possível o desenvolvimento de um estudo sobre relações cotidianas, caminhos, escolhas, ideias, confidências e expectativas criadas ao longo de um percurso entre indivíduos que marcam um tempo.

# **CAPÍTULO I**

## **HELDER CAMARA: ALGUMAS TRILHAS DA TRAJETÓRIA VISÍVEL**



## HELDER CAMARA: ALGUMAS TRILHAS DA TRAJETÓRIA VISÍVEL

Recife, 1982. Sentado atrás de sua mesa de trabalho, na sala da pequena casa em que morava desde 1968, no fundo da Igreja das Fronteiras em Recife, e provavelmente vestindo uma batina creme e trazendo no peito sua velha cruz de madeira – presente do padre Marcelo Carvalheira ainda nos tempos do Concílio Vaticano II, para simbolizar seu engajamento em favor dos oprimidos - Dom Helder Camara, então com 73 anos, inicia mais uma manhã de vigília. Entre orações, leituras, e correspondências, o arcebispo de Olinda e Recife relembra momentos de sua infância em Fortaleza. Lembra da mãe dona Adelaide com seu jeitinho manso e ao mesmo tempo repleto de expressão, das longas conversas com o pai, o senhor João Camara, de Antônia a empregada da casa dos Camara a quem as crianças tinham imenso prazer de ouvir falar sobre os escravos que fugiam ou sofriam nas senzalas, das brincadeiras no sobrado da rua Sena Madureira.<sup>36</sup>

Uma lembrança em especial passa pela memória de Dom Helder: a vigília de 07 de fevereiro de 1979 quando, de Puebla no México onde participava da terceira Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, escreve a carta circular em ação de graças pelos seus 70 anos de vida:

Puebla, 6/7.2.1979.13ª Circular  
Vigília em honra de São Romualdo e em Ação de Graças pelos meus 70 anos de vida terrena.

À querida Família Mecejanense  
Claro que a vigília de hoje merece ser plena! Para agradecer ao Pai o dom da vida!  
Como não lembrar d'aquela e d'aquela que colaboraram com o Pai para chamar-me a vida?! Penso no Paizinho e na minha querida Magaidinha. Como devo, aos dois, lições inesquecíveis!  
Ajudou-me a nascer uma parteira que se chamava Mãe Mansa. Quem sabe, Deus lhe deu a graça de transmitir-me o carisma de jamais guardar, durante toda a vida, a mais leve gota de travo contra ninguém?!

<sup>36</sup> Sobre a infância de Helder Camara, Cf. PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. **Dom Helder Camara**. Entre o poder e a profecia. São Paulo: Editora Ática, 1997; PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. **Dom Helder Camara**: o profeta da paz. São Paulo: Contexto, 2008.

Como não recordar, hoje e sempre mais, não com tristeza ou medo, mas com serenidade e alegria, o que diz o salmo 89: 'Mesmo que alguém viva 70 anos e o mais robusto até 80, a maior parte da vida é fadiga inútil porque os anos voam!'<sup>37</sup>

Realmente os anos voaram para o jovem padre Helder que, em 1944, aos 35 anos escrevia para a amiga Virgínia Côrtes de Lacerda:

Aparecida, 7.2.1944.

Minha querida Irmã.

35 anos: Que responsabilidade Caecilia!

Quantos e quantos não teriam aproveitado muito melhor as graças inúmeras que o Bom Deus derrama sobre mim! Salve-me a humildade sincera com que reconheço essa triste verdade. Salve-me a aceitação total da vontade divina: se Ele quiser levar-me hoje mesmo, sem que eu possa recuperar o tempo malbaratado e aplicar-me a empreendimentos dignos de uma vida – que me leve e a humilhação de nada ter deixado aqui na terra me será salutar; se Ele preferir pode deixar-me mais tempo antes de levar-me a eternidade: nesta hipótese, peço apenas que Ele – custe o que custar – me livre do pecado.<sup>38</sup>

Voltando das lembranças, toma a caneta em punho, provavelmente sua tradicional caneta Parker,<sup>39</sup> e prepara-se para escrever à Família Mecejanense. De Recife ou de qualquer outra parte do mundo, Dom Helder se correspondia regularmente com seu grupo de amigos e colaboradores, reunido ao longo de quase três décadas, desde a sua chegada ao Rio de Janeiro, em 1936. Hábil na escrita epistolar desde os anos 40 do século XX, ao participar do Concílio Ecumênico Vaticano II em 1962, Dom Helder Camara fez das cartas seu jornal do Concílio e sua forma de está sempre junto dos amigos que chamava de “Família”. Assim, em meio às reuniões do Vaticano II, Dom Helder escreveu 290 cartas: uma por noite.<sup>40</sup> Como

<sup>37</sup> CAMARA, Helder. Carta Circular para a Família Mecejanense. Puebla, 06/07 de fevereiro de 1979. Arquivo do Centro de Documentação Helder Camara (CeDoHC).

<sup>38</sup> CAMARA, Helder. Carta Pessoal. 07 de fevereiro de 1944, Rio de Janeiro. Para Virgínia Côrtes de Lacerda, Rio de Janeiro. 03p. Arquivo Pessoal.

<sup>39</sup> PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. **Dom Helder Camara**. Entre o poder e a profecia. São Paulo: Editora Ática, 1997. p. 372.

<sup>40</sup> A “1ª carta”, como ele mesmo denomina, fora escrita na vigília do dia 13/14 de outubro de 1962, apenas quatro dias após sua chegada a Roma para o início do Concílio Ecumênico Vaticano II e, não aleatoriamente, Dom Helder a apresentou como sendo a “primeira”. Depositadas nos arquivos do Instituto Dom Helder Camara (IDHeC), as 2.950 Cartas Circulares estão sendo, aos poucos, publicadas através do Projeto *Obras Completas*.

nessa época vários desses amigos trabalhavam com ele no Palácio São Joaquim, para não enviar as cartas no nome de uma só pessoa, ele as remetia à “Família do São Joaquim” e posteriormente, à “Família Mecejanense”. Ao serem recebidas do Brasil, as cartas eram datilografadas em vários exemplares e circulavam entre os amigos que intimamente comungavam de seus ideais de Igreja simples e voltada para os pobres. Com o fim do Vaticano II, Dom Helder continuou a escrever dando notícias do Recife e seus mocambos, dividindo as angústias provocadas pelo embate com a Ditadura Militar e compartilhando seus sonhos em favor da paz.<sup>41</sup>

Segundo os historiadores Nelson Pilette e Walter Praxedes, duas ou três vezes por semana Dom Helder dava um jeito de encontrar um portador de sua confiança que levasse as Circulares do Recife ao Rio de Janeiro e as entregasse em mãos de Cecília Monteiro ou Aglória Peixoto, pois se fossem enviadas pelos correios havia grande possibilidade de serem violadas pela polícia política a serviço da ditadura.<sup>42</sup> Nessa época as circulares à “Família Mecejanense” se tornaram menos frequentes. Às vezes passavam várias semanas sem que sentisse ânimo para escrever aos seus amigos e colaboradores – que, porém, continuavam acompanhando suas atividades e o assessorando.

A missa, rezada na Igreja das Fronteiras pontualmente às seis para pouco mais de uma dezena de fiéis e para as irmãs da Escola de Enfermagem, ao lado da igreja, termina menos de meia hora depois, e Dom Helder dirige-se ao encontro de pessoas que o esperam para pedir-lhe um pouco de atenção em uma conversa rápida, algum dinheiro para a comida do dia ou para um remédio, ou simplesmente um café da manhã, que sua enfermeira ajuda a servir. Assim que consegue, volta para casa e toma seu café da manhã – café preto, de vez em quando um pouco de leite, algumas bolachas e um pedaço de queijo.<sup>43</sup>

---

<sup>41</sup> Sobre as Cartas Circulares Cf. CAMARA, Helder. **Vaticano II** – Correspondência Conciliar – Circulares à Família do São Joaquim, 1962-1964. Introdução e notas Luiz Carlos L. Marques. IDHeC – Obras Completas. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2004; CAMARA, Helder. **Circulares Conciliares**. Notas Luiz Carlos Luz Marques e Roberto de A. Farias. Vol. I. Tomo I, II e III. Recife: Editora CEPE, 2009; CAMARA, Helder. **Circulares Interconciliares**. Notas Zildo Rocha. Vol. II. Tomo I, II e III. Recife: Editora CEPE, 2009; BROUCKER, José de. **Les nuits d'un prophète**. Dom Helder Camara à Vatican II. Paris: Les Éditions du Cerf, 2005; MARQUES, Luiz Carlos Luz. **II carteggio conciliare di Mons. Helder Pessoa Camara (1962-1965)**. Tese de Doutorado em História Religiosa defendida na Universidade de Bolonha – Itália, 1998.

<sup>42</sup> PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. *op. cit.* p.373.

<sup>43</sup> Sobre a missa das seis na Igreja das Fronteiras, Cf. CASTRO, Marcos de. **Dom Helder: misticismo e santidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

A manhã de trabalho começa com a preparação do programa “um olhar sobre a cidade” a ser gravado para posterior transmissão pela Rádio Olinda, de segunda a sábado das seis e vinte e cinco às sete da manhã. O único horário que deixaram que ele ocupasse, depois de o irem empurrando para cada vez mais cedo. Mas isso afinal parecia não aborrecer Dom Helder. Segundo Marcos de Castro, ele sabia que a essa hora quem o ouvia era justamente o trabalhador mais humilde.<sup>44</sup> A crônica daquela manhã, pensada e escrita para o ‘povo’, falava exatamente sobre o olhar.

### Um olhar

O que é um olhar?

A pergunta nos interessa porque o nosso programa se chama ‘Um olhar sobre a cidade’.

Não basta abrir os olhos para olhar...

Quando, depois de 10 ou 15 dias de chuva, começa uma estiagem que passa de uma semana, de duas, o nordestino olha o céu... Olhar de inquietação, mais ainda de esperança e até de prece! E quando o céu está nublado, escuro, ameaçando chuva, quem é do Sul é capaz de achar o tempo feio: o nordestino acha o tempo bonito, porque, quem sabe, vai trazer a esperada chuva...

Quando uma mãe se vê diante do primeiro sorriso do filhinho, o olhar que lhe lança é quase um canto de alegria, de felicidade e de ação de graças...

Quando, na rodoviária, a esposa vê o marido seguir de ônibus para São Paulo, o olhar de despedida e de prece para que tudo lhe corra bem, e para que ele, como tanto deseja, encontre um emprego que permita, quanto antes, mandar buscar a família...

Quem levanta o lenço que cobre o rosto muito querido de uma pessoa muito sua, rosto que só será visto de novo no céu, o olhar é de dor, de despedida dolorosa, de quem fica de coração partido...

Quando dois jovens estão sentindo o amor despertar entre eles, e se entreolham, o olhar canta, baila, dança!

Quando o cearense cansa de esperar chuva e se decide a tomar o pau-de-arara, o olhar que ele dirige à sua rocinha é de cortar o coração da gente.

Olhar que é uma delícia é o da criança que está descobrindo, vendo tudo como se nunca ninguém tivesse visto e exclama a cada instante: Olha lá! Olha lá! [...]<sup>45</sup>

<sup>44</sup> CASTRO, Marcos de. **Dom Helder**: misticismo e santidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p. 38.

<sup>45</sup> CAMARA, Helder. **Um olhar sobre a cidade**: olhar atento, de esperança, de prece. São Paulo: Paulus, 1995. p. 07/08.

A crônica escrita por Dom Helder pode servir-nos de parâmetro para ilustrarmos um pouco de sua trajetória de vida. Pensamos que o olhar pode se constituir no ponto de partida para várias construções de mundo, na busca de interpretações e, sobretudo, na tentativa de se extrair das coisas um sentido. Dessa forma, ao propormos o trabalho com as correspondências pessoais do padre Helder Camara, onde buscamos compreender de que forma o autor faz uso desse espaço de produção de si e do outro como um lugar de produção do sujeito, despertamos para a necessidade de voltarmos nosso olhar para algumas das trilhas que percorreu ao longo dos seus 90 anos.

Segundo Pierre Bourdieu, “falar de história de vida é pelo menos pressupor – e isso não é pouco – que a vida é uma história”.<sup>46</sup> Essa “ilusão biográfica” apontada por Bourdieu assinala que produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, significa acreditar que a essa seja o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, que as vidas humanas sejam marcadas por cronologias que datam do nascimento até a morte.<sup>47</sup> Bourdieu sugere que para sair da tradição biográfica é indispensável reconstituir o contexto, a superfície social em que agiu o indivíduo, respeitando a variedade de campos e momentos da vida e às redes de sociabilidade em que o indivíduo biografado esteve inserido.<sup>48</sup>

Muitos pesquisadores entre filósofos, teólogos, jornalistas e historiadores de todo o mundo estudaram e escreveram acerca de Dom Helder Camara. Alguns se aventuraram pelos caminhos da biografia e apresentaram trabalhos onde é possível observarmos uma trajetória bem definida de sua vida e sua obra. Nesse sentido, *Dom Helder Camara: entre o poder e a profecia* e *Dom Helder Camara: o profeta da paz* dos historiadores Nelson Piletti e Walter Praxedes são bastante representativos. Outra importante fonte de informações biográficas apresenta-se em *Les convencions d'un évêque. Entretiens avec José de Broucker* onde em entrevista, ao amigo e jornalista francês, Helder Camara recorda momentos-chaves de sua vida.<sup>49</sup>

---

<sup>46</sup> BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (org.). **Usos e abusos da História oral**. Rio de Janeiro. FGV. 2002. p. 183.

<sup>47</sup> *Idem*.

<sup>48</sup> *Ibidem*. p. 186.

<sup>49</sup> Trabalhos com perfil menos abrangente, mas ainda de caráter biográfico podem ser encontrados como ROCHA, Zildo. **Helder, o Dom: uma vida que marcou os rumos da Igreja no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1999.

Para além dos trabalhos de carácter biográficos, as análises desenvolvidas sobre sua atuação no cenário nacional e internacional, a grosso modo, podem ser divididas em dois campos. Em primeiro plano estão os estudos cuja abordagem envolve sua espiritualidade, com referências diretas à Igreja Católica e suas posturas místicas e proféticas.<sup>50</sup> Em segundo plano é possível destacar um número considerável de estudos referentes à postura política de Helder Camara. Análises que enfocam, sobretudo, sua atuação como articulador hábil durante o Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965) e como grande defensor dos direitos humanos e agente conscientizador das desigualdades nos anos da Ditadura Militar (1964-1985).<sup>51</sup>

Sem dúvida, o estudo desses autores ajuda-nos a definir momentos chaves da vida de Dom Helder Camara. Todavia, há uma profunda restrição apresentadas por essas obras quanto ao carácter dessas pesquisas. As biografias estudadas, em sua grande maioria, apresentam Dom Helder de forma apologética, como um grande homem, um santo, um mito, um sujeito extraordinário por essência. Ao analisar suas missivas, procuramos observar como um sujeito se constrói através de suas escolhas, suas realizações, os acontecimentos que viveu, a mentalidade sócio-cultural em que estava inserido e as condições que foram de sobremodo, influência em o tornar 'extraordinário'.<sup>52</sup> Trataremos apenas de fragmentos de uma vida por acreditarmos que traçar seu perfil biográfico seria outra tese. Assim, procuraremos nos deter a alguns de seus percursos e suas ideias como forma de apresentar em linhas gerais Helder Pessoa Camara, um homem reconhecido mundialmente por suas atuações religiosas e políticas desde os anos de 1930.

---

<sup>50</sup> A exemplo disso, Cf. CASTRO, Marcos de. **Dom Helder**: misticismo e santidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002; OLIVEIRA, Lauro de (org). **Dom Helder**: O artesão da Paz. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2000.

<sup>51</sup> Sobre esses aspectos, Cf. BROUCKER, José de. **Dom Helder Camara**: la violence d'un pacifique. Paris: Fayard, 1969; MARIN, Richard. **Dom Helder Camara, les puissants et les pauvres**. Pour une histoire de l'Église des pauvres dans le Nordeste brésilien (1955-1985). Paris: Les Éditions de l'Atelier - Les Éditions Ouvrières, 1995; SANTAGELO, Enzo. **Helder Camara**: a voz dos que não têm voz. São Paulo: Loyola, 1983; WEIGNER, Gladys; MOOSBRUGGER, Bernhard. **La voix monde sans voix, Dom Helder Camara**. Zurich: Editions Penedo, 1971; BARROS, Raimundo Caramuru; FERRARINI, Sebastião Antônio. **A imprensa e o arcebispo vermelho**. São Paulo: Editora Paulinas, 1992; CASTRO, Marcos de. **Dom Helder, o bispo da esperança**. Rio de Janeiro: Graal, 1978; ROCHA, Abelardo Baltar da S. F.; CHAGAS, Glauce. **Um furacão varre a esperança**: o caso Dom Helder. Recife: FUNDARPE, 1993.

<sup>52</sup> Sobre a 'extraordinariedade' na construção biográfica, Cf. BOAS, Sergio Vilas. **Biografismos**: reflexões sobre as escritas da vida. São Paulo: editora UNESP, 2008.

## 1.1 Do Ceará ao Rio de Janeiro: os caminhos de um padre

Helder Pessoa Camara - o décimo primeiro filho de João Eduardo Torres Camara Filho, um guarda livros, e Adelaide Rodrigues Pessoa Camara, uma professora primária - nasceu no dia 7 de fevereiro de 1909 na cidade de Fortaleza no Ceará. Segundo os historiadores Nelson Piletti e Walter Praxedes, como o repertório de nomes prediletos dos pais já fora utilizado nos filhos anteriores, o pai resolveu ir até a estante da sala onde era guardado o material didático que a esposa utilizava nas aulas, de onde tomou um velho atlas geográfico. Abriu o livro ao acaso e passou os olhos sobre os nomes de vários países, ilhas e cidades. De repente, seu dedo indicador parou sobre um ponto no extremo norte da Holanda. João guardou o nome do lugar, voltou ao quarto e disse a Adelaide: “O nome dele vai ser Helder”.<sup>53</sup> Anos mais tarde, em carta para a amiga Virgínia Côrtes, Helder escreve: “Helder, em holandês, é claro, puro, sem manchas! (um céu Helder, um manto Helder...)”.<sup>54</sup>

Apesar de ter passado seus primeiros anos de vida na casa da Praça dos Mártires, foi no sobrado da família Camara na rua Sena Madureira, 91, onde Helder passaria toda a infância e os primeiros anos depois de sua saída do seminário. Voltado para o nascente, o amplo sobrado possuía cinco quartos distribuídos em dois pavimentos, uma sala de espera, uma de jantar e um salão maior, logo na entrada. Completavam o sobrado uma varanda, dois banheiros e uma cozinha, ampliada com uma cobertura.<sup>55</sup>

De uma família com muitos irmãos, Hélder era diferente.<sup>56</sup> Mais recatado e tímido, desde muito pequeno, começou a prestar atenção na forma como agiam os

<sup>53</sup> PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. *op. cit.* p. 28.

<sup>54</sup> CAMARA, Helder. Carta Pessoal. 06 de abril de 1944, Ouro Preto. Para Virgínia Côrtes de Lacerda, Rio de Janeiro. 05p. Arquivo Pessoal.

<sup>55</sup> PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. *op. cit.* p. 34/35.

<sup>56</sup> Depois de vinte anos de casamento João Camara e Adelaide Pessoa, tinham constituído uma típica família de classe média urbana do início do século XX. João e Adelaide tiveram 13 filhos, nascidos nessa ordem: Gilberto em 1897, João em 1898, Maria (Maroquinha) em 1899, Ethelberto em 1900, José em 1902, Rubens em 1903, Zeneida em 1904, Eduardo em 1905, Adelaide em 1906, Mardônio em 1908, Helder em 1909, Nair em 1911 e João em 1915. Em 1905, uma epidemia de gripe levaria a óbito quatro dos cinco filhos do casal: Zeneida, Rubens, Ethelberto e José. Cf. CAMARA, Helder; BROUCKER, José de. **Les conversions d'un Évêque**: Entretiens avec José de Broucker. Paris: L'Harmattan, 2002; PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. **Dom Helder Camara**. Entre o poder e a profecia. São Paulo: Ática, 1997; PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. **Dom Helder Camara: o profeta da paz**. São Paulo: Contexto, 2008.

padres durante as cerimônias de batizados, casamentos e missas que frequentava com os pais, e já vivia repetindo em casa que queria ser padre.<sup>57</sup> De tanto ouvir que o filho queria ser padre, um dia o senhor João Camara chamou-o para uma conversa séria. O menino estava entre os oito e os nove anos quando ouviu do pai:

Filho, você está crescendo e continua a dizer que quer ser padre, mas você sabe de verdade o que significa ser padre?  
 Você sabia que para uma pessoa ser padre ela não pode ser egoísta, não pode pensar só em si mesma? Ser padre e ser egoísta é impossível, eu sei, são duas coisas que não combinam.  
 Os padres acreditam que quando celebram a eucaristia é o próprio Cristo que está presente. Você já pensou nas qualidades que devem ter as mãos que tocam diretamente o Cristo?<sup>58</sup>

Sem ponderar diante das indagações do pai, Helder respondeu: “Pai, é um padre como o senhor está dizendo que eu quero ser”.<sup>59</sup> Os anseios de Helder pelo sacerdócio estavam em plena concordância com a sociedade do seu tempo. Afinal, desde a proclamação da República e da conseqüente separação entre Igreja e Estado, era na classe média que a Igreja Católica brasileira esperava encontrar os recursos e os quadros de que necessitava para o reerguimento organizacional e o crescimento de sua influência religiosa e política no país.<sup>60</sup>

O ingresso de Helder no Seminário Diocesano de Fortaleza – ou Seminário da Prainha, uma referência ao bairro do Outeiro da Prainha – aconteceu no início do ano letivo de 1923, aos 14 anos.<sup>61</sup> Apesar da rotina dura do seminário com horários rígidos e repletos de atividades, Helder se saía muito bem tirando boas notas, ficando de fora dos castigos impostos pelos professores e chamando a

<sup>57</sup> PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. *op. cit.* p. 42.

<sup>58</sup> *Ibidem.* p. 43.

<sup>59</sup> *Idem.*

<sup>60</sup> Cf. BEOZZO, J. O. **História da Igreja no Brasil**. Tomo II. Vol. II. Petrópolis: Vozes, 1980; MONTENEGRO, João Alfredo. **Evolução do catolicismo no Brasil**: novo enfoque da história do catolicismo no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1972; MICELI, Sérgio. **A elite eclesiástica brasileira**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988; TORRES, João Camilo de Oliveira. **História das ideias religiosas no Brasil**. I. São Paulo: Grijalbo, 1968.

<sup>61</sup> Segundo os historiadores Nelson Piletti e Walter Praxedes, a vida urbana da família, a mãe professora, o pai colaborador de jornal, os tios todos bacharéis, jornalistas e políticos razoavelmente bem-sucedidos teria conferido a Helder certas condições educacionais que o tornaram apto a receber a cultura erudita e europeizante oferecida pelos padres lazaristas franceses e holandeses. Cf. PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. **Dom Helder Camara**. Entre o poder e a profecia. São Paulo: Ática, 1997. p. 54.



atenção dos superiores, principalmente do reitor Tobias Dequidt, por sua disciplina nos estudos e suas discussões polêmicas do ponto de vista doutrinário.

Em uma ocasião, já cursando o seminário maior, o jovem Helder, rompendo as regras do seminário, dedica-se a escrever pequenos textos em forma poética assinados sob o pseudônimo de padre José. Através das poesias, reagia às mais diversas situações da vida registrando pensamentos, sentimentos, o cotidiano no seminário, a leitura de um livro, etc. Descoberto pelo reitor Dequidt, Helder alegou se tratar de simples “meditações” e prometeu que não as escreveria mais até sua ordenação.<sup>62</sup>

Depois das poesias encontradas pelo padre reitor em sua escrivaninha, os artigos que Helder passou a publicar na imprensa cearense em 1929 tornaram-se novo motivo de preocupação para seus superiores. O primeiro artigo, escrito sob o pseudônimo Alceu da Silveira – em homenagem a dois intelectuais que admirava muito, Alceu Amoroso Lima e o poeta Tasso da Silveira – causou sensação nos meios intelectuais da cidade, e no seminário os colegas ficaram admirados pela capacidade polemizadora do jovem articulista.<sup>63</sup>

Sua ordenação ocorreu na Igreja da Prainha em 15 de agosto de 1931. Como Helder tinha apenas 22 anos, abaixo da idade mínima de 24 anos exigida pelo direito canônico para a ordenação sacerdotal, foi necessária uma autorização especial do Vaticano. No dia seguinte, na Igreja da Sé, o padre Helder celebra sua primeira missa para seus colegas, professores, familiares e amigos, entre eles dois jovens tenentes: Severino Sombra e Jeová Mota.<sup>64</sup>

---

<sup>62</sup> Helder Camara cumpriu o prometido, mas ao longo de sua vida escreveu 7.547 Meditações que estão depositadas no Arquivo do Centro de Documentação Helder Camara (CeDoHC). Sobre as Meditações, Cf. CAMARA, Helder; BROUCKER, José de. **Les conversions d'un Évêque**: Entretiens avec José de Broucker. Paris: L'Harmattan, 2002; PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. **Dom Helder Camara**. Entre o poder e a profecia. São Paulo: Ática, 1997; PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. **Dom Helder Camara**. O profeta da paz. São Paulo: Contexto, 2008; CAMARA, Helder. **Mil razões para viver**: meditações de padre José. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983; BARROS, Raimundo Caramuru; OLIVEIRA, Lauro de (orgs). **Dom Helder**: O artesão da paz. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2000; CASTRO, Marcos de. **Dom Helder**: misticismo e santidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002; ROCHA, Zildo. **Helder, o Dom**: uma vida que marcou os rumos da Igreja no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1999; MONTENEGRO, Antônio T.; SOARES, Edla; TEDESCO, Alcides (org). **Dom Helder, peregrino da utopia**: caminhos da educação e da política. Recife: A Prefeitura; Editora Universitária da UFPE, 2002.

<sup>63</sup> PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. *op. cit.* p. 73.

<sup>64</sup> CAMARA, Helder; BROUCKER, José de. *op. cit.* p. 65.

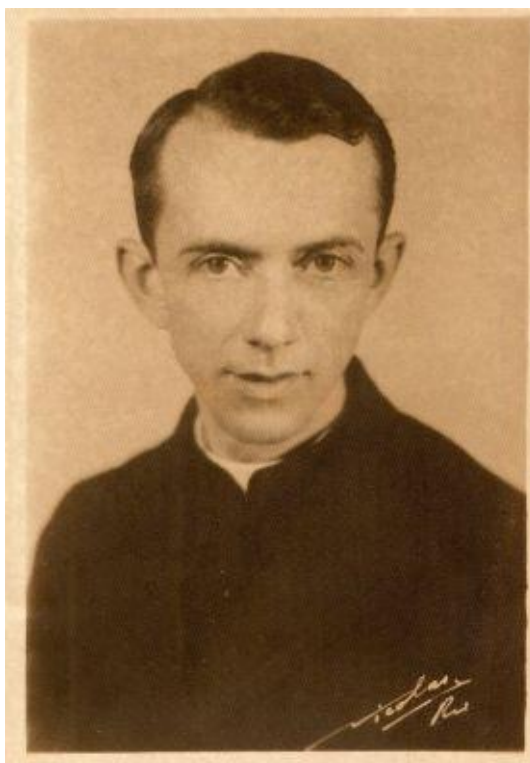


Figura 01: Fotografia do padre Helder Camara.  
Fonte: Arquivo Pessoal.

O padre Helder conheceu Severino Sombra por intermédio de Alceu Amoroso Lima, com quem havia trocado correspondência lamentando a morte de Jackson de Figueiredo e saudando o novo líder católico. Segundo Helder Camara, em *Les conversions d'un Évêque*, nessa ocasião Alceu o escrevera recomendando um jovem tenente converso, chamado Severino Sombra.<sup>65</sup> Com tal apresentação, era natural que padre Helder e Severino Sombra se tornassem logo bons amigos. Juntos, liam e comentavam artigos de Plínio Salgado, ao qual depois mandavam cartas elogiosas, estabelecendo uma profunda correspondência.<sup>66</sup>

Um ano depois de sua ordenação sacerdotal, Plínio Salgado lança em São Paulo, no dia 07 de outubro de 1932, o seu “Manifesto de Outubro”, iniciando oficialmente um movimento de inspiração assumidamente fascista no Brasil, a Ação Integralista Brasileira (AIB). Os integralistas pregavam a valorização da pátria por um nacionalismo exacerbado, a defesa da tradição, da família e a proximidade do Estado com a religião católica alegando caber a “Deus dirigir o destino dos povos”.<sup>67</sup> Para organizar a AIB nacionalmente, Plínio Salgado entra em contato com as

---

<sup>65</sup> *Idem.*

<sup>66</sup> CASTRO, Marcos de. *op. cit.* p. 60.

<sup>67</sup> PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. *op. cit.* p. 85.

lideranças estudantis ligadas à Igreja Católica. No Ceará, escreveu a Severino Sombra pedindo que ele se tornasse o chefe do movimento no estado e convidando o padre Helder a ser o secretário de Educação da Ação Integralista no Ceará. Com autorização do arcebispo, Dom Manuel da Silva Gomes, Helder, à época um padre franzinho ordenado havia menos de um ano, aceitou o convite e sacudiu o Ceará com sua pregação integralista atuando ativamente no ramo cearense da Ação Integralista, desde logo uma das mais importantes do país.<sup>68</sup>



Figura 02: Fotografia do padre Helder Camara discursando na década de 1930.  
Fonte: Arquivo do Centro de Documentação Helder Camara.

No final de 1935, próximo aos 27 anos, padre há pouco mais de quatro, Helder já apresentava uma vasta experiência política e uma bagagem intelectual pouco comum para uma pessoa da sua idade. Inúmeros artigos seus já haviam sido publicados na imprensa cearense; como sacerdote era reconhecido nacionalmente como defensor das reformas educacionais católicas, especialmente por suas atuações nos congressos da Confederação Católica de Educação e da Associação Brasileira de Educação; politicamente, como um sacerdote camisa-verde assumido,

<sup>68</sup> Sobre essa temática Cf., entre outros, PARENTE, Josênio Camelo. **Anauê** – Os camisas-verdes no poder. Fortaleza: EUFC, 1999; TRINDADE, Hégio. **Integralismo**: o fascismo brasileiro na década de 30. 2ª. Edição. São Paulo/Rio de Janeiro: DIFEL, 1979; SILVA, Giselda Brito. **A Ação Integralista brasileira em Pernambuco**: 1932-1938. 1996. Dissertação. (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1996; REGIS, João Rameres. **Integralismo e coronelismo**: interfaces da dinâmica política no interior do Ceará (1932-1937). 2008. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

pregara a doutrina integralista em vários estados brasileiros; organizara a Juventude Operária Católica, fundara a Liga dos Professores Católicos, ajudara a organizar greves e viajara de cidade em cidade apresentando os candidatos da Liga Eleitoral Católica às eleições ocorridas entre 1933 e 1935.

Em 1936, Helder solicita ao amigo Lourenço Filho a indicação a uma vaga no Ministério da Educação no Rio de Janeiro. Com a disponibilidade do cargo, as negociações de sua transferência ficaram sob a responsabilidade do próprio Dom Manoel e seus auxiliares, que rapidamente conseguiram a concordância do cardeal Dom Sebastião Leme da Silveira Cintra em receber o jovem padre.<sup>69</sup> Ao chegar à capital, o padre é recebido com carinho por Dom Leme. No entanto, desde o primeiro momento, o cardeal faz questão de deixar claro que o engajamento partidário dos padres não era tolerado na Arquidiocese ao pedir que sua militância na Ação Integralista Brasileira fosse encerrada. Segundo o próprio Helder Camara, em *Les conversions d'un Évêque*, atender ao pedido de Dom Leme o teria custado muito.<sup>70</sup>

Apesar da saudade que sentia do Ceará, seus primeiros anos na capital federal foram bastante agradáveis. Foi o amigo monsenhor José Quinderé quem indicou ao padre Helder a pensão de Dona Cecy Cruz, conhecida carinhosamente como o *Consulado Cearense* por abrigar os filhos das famílias mais ilustres do Ceará que se dirigiam ao Rio de Janeiro.<sup>71</sup> Na pensão Helder se hospedaria por cinco anos e faria amigos que o acompanharia por décadas.

## 1.2 Na Arquidiocese de Olinda e Recife: um olhar para além da cidade

Recife, 11/12.4.1964.1ª circular.  
 À querida Família Mecejanense  
 Estamos em plena vigília da posse como Arcebispo de Olinda e Recife. Acabou chegando a hora de largar o Rio de Janeiro, onde cheguei em 1936, com 27 anos e donde a Providência me arranca 28 anos depois. A jovem mangueira nordestina se fizera árvore de

<sup>69</sup> PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. *op. cit.* p.120.

<sup>70</sup> CAMARA, Helder; BROUCKER, José de. *op. cit.* p. 67.

<sup>71</sup> PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. *op. cit.* p. 122.

raízes profundas, tronco reforçado e copa dando sombra para muitos.<sup>72</sup>

As despedidas do Rio de Janeiro, a cidade que abrigou Helder Camara por 28 anos, começaram com uma missa celebrada por ele na presença de alguns familiares e vários amigos e colaboradores – a sua última celebração na igreja de São Sebastião antes de assumir a Arquidiocese de Olinda e Recife.<sup>73</sup>

Na chegada a Recife a recepção foi triunfal. O arcebispo desembarcou ao lado do governador Paulo Guerra e foi logo recebido pelas autoridades, entre elas o prefeito da cidade, Augusto Lucena e o comandante do IV Exército, general Justino Alves Bastos. Em seguida houve um desfile pela cidade, em carro aberto cercado de batedores. No trajeto, constantemente o povo interrompia-lhe a passagem em busca de uma bênção.<sup>74</sup> Em sua primeira carta circular à Família Mecejanense redigida da arquidiocese de Olinda e Recife, Dom Helder avaliou que “a cidade inteira saiu à rua, para aclamar, cheia de fé, no novo arcebispo”.<sup>75</sup> No mesmo dia, na Basílica do Carmo Dom Helder Pessoa Camara tomou posse do Arcebispado de Olinda e Recife proferindo um discurso pensado em detalhes.

Medindo a responsabilidade do que fazia preparei uma mensagem que me parecia a exigida pelo momento. Tive o cuidado de articular-me primeiro com o Secretário Regional dos Bispos do Nordeste, Dom Eugênio Sales, a quem chamei ao Rio; mostrei a mensagem a vários amigos e, sobretudo ao Senhor Nuncio que a aprovou 100%. Deixei-a para a imprensa, radio e tv do Rio; enviei-a ao estrangeiro em inglês e francês; joguei-a em praça pública, em meu primeiro contato oficial com o povo... O General me disse que eu trouxe a mensagem exata: enquanto as Forças Armadas realizam a tarefa necessária e penosa do expurgo, “a Igreja estava ocupando o vazio ideológico”. A reação em geral, pareceu-me boa.<sup>76</sup>

<sup>72</sup> CAMARA, Helder. 1ª Carta Circular para a Família Mecejanense. Recife, 11/12 de abril de 1964. Arquivo do Centro de Documentação Helder Camara (CeDoHC).

<sup>73</sup> PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. *op. cit.* p.301.

<sup>74</sup> *Ibidem.* p. 302.

<sup>75</sup> CAMARA, Helder. 1ª Carta Circular para a Família Mecejanense. Recife, 11/12 de abril de 1964. Arquivo do Centro de Documentação Helder Camara (CeDoHC).

<sup>76</sup> *Idem.*

Todavia, mesmo tentando estabelecer uma amigável política de boa vizinhança com os militares, a mensagem lida pelo novo arcebispo para a multidão em frente à Matriz de Santo Antônio, no dia 11 de abril de 1964, foi interpretada por estudiosos como um dos marcos iniciais da resistência da Igreja popular ao regime ditatorial. Dom Helder sabia que seu posicionamento era polêmico tanto em relação à direita, no poder, como em relação à esquerda, mais próxima do cárcere, por isso declarou que o bispo era de todos.

#### O Bispo é de todos

Ninguém se escandalize quando me vir frequentando criaturas tidas como indignas e pecadoras. Quem não é pecador? Quem pode jogar a primeira pedra? [...]

Ninguém se espante me vendo com criaturas tidas como envolventes e perigosas, da esquerda ou de direita, da situação ou da oposição, anti-reformistas ou reformistas, anti-revolucionárias ou revolucionárias, tidas como de boa ou de má fé.

Ninguém pretenda prender-me a um grupo, ligar-me a um partido, tendo como amigos os seus amigos ou querendo que eu adote as suas inimizades.

Minha porta e meu coração estarão abertos a todos, absolutamente a todos. Cristo morreu por todos os homens: a ninguém devo excluir do diálogo fraterno. [...]<sup>77</sup>

Foi com esse tom independente de seu discurso de posse que Dom Helder assumiu a Arquidiocese deixando a forte impressão de que estava acima das escaramuças entre direita e esquerda, mas o arcebispo sempre fora visto por essa última como um possível protetor, em razão tanto de sua atuação política em defesa das reformas de base como de seu contumaz bom relacionamento com as autoridades civis e militares do país.<sup>78</sup>

Os primeiros meses em Recife foram bastante intensos. Algumas divergências políticas com os militares, uma atuação pastoral intensa com

<sup>77</sup> CAMARA, Helder. Mensagem na tomada de posse como Arcebispo de Olinda e Recife. Recife, 11 de abril de 1964. Arquivo do Centro de Documentação Helder Camara (CeDoHC). (Grifo do autor).

<sup>78</sup> Como reflexo de sua mensagem de posse, muitas pessoas que tinham familiares atingidos pela perseguição política do Exército no Recife dirigiam-se ao Palácio São José dos Manguinhos, residência oficial do arcebispo, pedindo por seus parentes. Na sua 2ª Carta Circular a Família Mecejanense, Dom Helder escreve: “o Palácio de São José dos Manguinhos começa a ser invadido pelos aflitos: ricos e pobres (estes em maior número) que vêm pedir por parentes prisioneiros. Todos invocam a mensagem e a figura do Bom Pastor”. Cf. CAMARA, Helder. 2ª Carta Circular para a Família Mecejanense. Recife, 13/14 de abril de 1964. Arquivo do Centro de Documentação Helder Camara (CeDoHC).

audiências com os vigários-gerais da Arquidiocese; reuniões com os superiores das ordens e congregações religiosas; visitas a comunidades carentes; promoção de “noitadas culturais” no Palácio dos Manguinhos;<sup>79</sup> entrevistas em programas de rádio e tv, etc.<sup>80</sup> Todavia, provavelmente, nada o tenha despertado mais a atenção que os mocambos.

Logo nas primeiras semanas na Arquidiocese de Olinda e Recife, o olhar de Dom Helder Camara se aguçara para a situação gritante de miséria que o povo fazia questão de ecoar. Vozes do desespero que ressoava aos ouvidos e ao coração do arcebispo. Talvez por isso comente:

Minha gente é feia? Tem é fome.[...]  
Pra entender por que cai tanto mocambo, é preciso ter presente que eles são construídos sobre mangues que têm marés, que enchem e esvaziam, levando consigo na subida e na descida, os navios (ou barcos, que não chegam a ser navios) negreiros onde mora o meu povo. [...]  
Onde estão os teólogos para mergulhar as mãos em realidades assim?<sup>81</sup>

Este convite foi estendido não apenas aos teólogos mais a muitos em várias partes do mundo. Sua preocupação com “Zé, Antônio, Severino”, que não perderam a dignidade mesmo estando numa condição sub-humana de miséria, é o cerne da razão de muitas de suas palavras. Em carta circular escrita a Família Mecejanense em dezembro de 1965, cita João Cabral de Mello Neto:

[...] E se somos Severinos, iguais em tudo na vida, morremos de morte igual, mesma morte Severina: que é a morte que se morre de velhice antes dos trinta, de emboscada antes dos vinte e de fome um pouco por dia.[...]<sup>82</sup>

<sup>79</sup> Levado pela saudade que sentia do Rio de Janeiro e inspirado nas noites de encontros e sarais da Família do São Joaquim, Dom Helder em companhia de Ariano Suassuna combina a realização das Noitadas de Literatura, Artes Plásticas, Filosofia, Teologia e o encontro de jovens. Sobre as “Noitadas” do Palácio de São José dos Manguinhos, Cf. PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. **Dom Helder Camara**. Entre o poder e a profecia. São Paulo: Ática, 1997.

<sup>80</sup> PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. *op. cit.* p.307.

<sup>81</sup> CAMARA, Helder. Carta Circular para a Família Mecejanense. Recife, 15/16 de julho de 1964. Arquivo do Centro de Documentação Helder Camara (CeDoHC).

<sup>82</sup> CAMARA, Helder. Carta Circular para a Família Mecejanense. Recife, 13/14 de dezembro de 1965. Arquivo do Centro de Documentação Helder Camara (CeDoHC).

Em seguida reflete:

Dez anos se passaram depois que o nosso Poeta viu o que muitos e muitos não viam e continuam a não ver. Depois que ele emprestou voz a quem via, entendia e não sabia interpretar... Continuam e se agravam a morte e vida Severina.<sup>83</sup>

A afinidade do povo para com Dom Helder desde o instante de sua chegada e a esperança encontrada por parte da esquerda que viam o arcebispo como um aliado, só tendiam a crescer, ainda mais após seus pronunciamentos em denúncia às condições sub-humanas em que vivia a maior parte da população. O arcebispo, por sua vez, parecia querer atrair cada vez mais essas pessoas a ponto de promover uma reorganização do Palácio de São José dos Manguinhos com a retirada de todos os tronos do Palácio arquidiocesano, a reforma no playground para atrair a criançada e a abertura dos portões dia e noite para que os fiéis entrassem quando julgassem necessário.<sup>84</sup>



Figura 03: Dom Helder Camara caminhando em meio às pessoas nos mocambos do Recife.  
Fonte: Arquivo do Centro de Documentação Helder Camara (CeDoHC).

---

<sup>83</sup> *Idem.* (Grifo do autor).

<sup>84</sup> PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. *op. cit.* p. 317.



Em fevereiro de 1965, Dom Helder em carta circular, relata aos amigos do Rio de Janeiro sua proximidade com as comunidades menos assistidas e o carinho dos pernambucanos para com ele:

Ontem a Missa comunitária, celebrada ao ar livre, contou, certamente, com a participação de mais de 2.500 pessoas. E que carinho de todos! Levei um tempo enorme para atravessar a multidão, sobretudo porque se soube de meu aniversário. Terminada a Missa, foi emocionante o desfile de Maracatu, Escolas de Samba e Frevo. Que ritmo tem a minha gente! E que fibra! Gente mal alimentada, subnutrida e que durante horas e horas, noites inteiras, dança sem parar. Muitas das que sambavam eram velhas conhecidas de idas e vindas ao Mangueiros em busca de ajuda.<sup>85</sup>

Todavia, tanta proximidade e tanto carinho acabaram por causar sérios impasses entre o arcebispo e o governo militar. Não raro, podia-se ver nos muros de Olinda e Recife pichações com gritos de “Dom Helder é o nosso líder”, sempre assinadas pelo proscrito Partido Comunista Brasileiro. Segundo Piletti e Praxedes, não demorou muito para que o general Muricy do IV Exército, o visse com uma “pedra no caminho dos militares”.<sup>86</sup>

Pela força de expressões como essas, a ideia da própria morte tinha presença constante no imaginário de Dom Helder. Em fevereiro de 1968, em plena vigília de seu aniversário, Helder assinala:

59 anos!  
Saúde boa. Resistência a maratonas que a mim mesmo me espantam. Mas não tenho a menor dúvida: de um instante para o outro, pode quebrar-se o arcabouço interior e o declínio vir rápido. De alma, continuo com 25! Chama! Idealismo! Coragem de lutar. Ânimo de enfrentar os perigos. De assumir as responsabilidades.<sup>87</sup>

---

<sup>85</sup> CAMARA, Helder. Carta Circular para a Família Mecejanense. Recife, 7/8 de fevereiro de 1965. Arquivo do Centro de Documentação Helder Camara (CeDoHC).

<sup>86</sup> PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. *op. cit.* p. 331.

<sup>87</sup> CAMARA, Helder. Carta Circular para a Família Mecejanense. Recife, 6/7 de fevereiro de 1968. Arquivo do Centro de Documentação Helder Camara (CeDoHC).

Destarte, as ameaças não o impediram de continuar lutando pela realização dos seus ideais. Marcado pelo seu tempo, convivendo com a miséria em momentos turbulentos, Dom Helder Camara detinha como sua proposta essencial a ideia de um movimento pacífico que mudasse mentalidades, no sentido de torná-las favoráveis à transformação estrutural de uma sociedade. O pensamento, influenciado pela nova conjuntura mundial – renovação de ideias advindas do Concílio Vaticano II, Encíclicas *Populorum Progressio*, *Pacem in Terris*, defesa cada vez mais constante dos direitos humanos e propostas da Conferência de Medellín – demonstra que bebia em várias fontes e tornava-se instrumento de divulgação das ideias que considerava incentivadoras da promoção humana e justiça social.<sup>88</sup>

Nesse sentido, Dom Helder sempre fez questão de deixar bem claro que por maiores que fossem os obstáculos, impostos por uma época atribulada, de censuras, entraves e perseguições, o melhor caminho a ser seguido, seria sempre, o desenvolvimento de um movimento pacífico, cuja principal força propulsora se constituísse na mudança das estruturas do pensamento, voltando-os para as causas da justiça e da paz. Pois as ações partem de pensamentos, de ideais e de valores. Se esses valores forem doentes, as ações políticas, econômicas, sociais, também o serão. Dom Helder Camara percebeu isso e procurou disseminar suas ideias no Brasil e fora dele enfatizando que era preciso ir ao âmago dos problemas, mas de forma pacífica.

Por mais que respeite os que, na luta pela mudança social profunda e rápida, desesperam dos modos democráticos e partem para movimentos armados, para revoluções sangrentas e guerrilhas, não creio no ódio. Os movimentos armados são rápidos demais: trocam homens, sem tempo de mudar mentalidades. Temos que atingir consciências, temos que converter. Creio na força das ideias, quando veiculadas devidamente.<sup>89</sup>

---

<sup>88</sup> Sobre o “movimento de não-violência” promovido por Dom Helder Camara, Cf. CAMARA, Helder. **O deserto é fértil**: roteiro para as Minorias Abraâmicas. 13ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985; CAMARA, Helder. **Indagações sobre uma vida melhor**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993; CAMARA, Helder. **Espiral de violência**. Porto: Poveira, 1971; CAMARA, Helder. **Revolução dentro da paz**. Rio de Janeiro: Sabiá, 1968; BROUCKER, José de. **Dom Helder Camara**: la violence d'un pacifique. Paris: Fayard, 1969; SANTAGELO, Enzo. **Helder Camara**: a voz dos que não têm voz. São Paulo: Loyola, 1983; WEIGNER, Gladys; MOOSBRUGGER, Bernhard. **La voix monde sans voix, Dom Helder Camara**. Zurich: Editions Penedo, 1971; BARROS, Raimundo Caramuru; OLIVEIRA, Lauro de (org). **Dom Helder**: O artesão da Paz. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2000.

<sup>89</sup> CAMARA, Helder. Carta Circular para a Família Mecejanense. Recife, 05 de junho de 1967. Arquivo do Centro de Documentação Helder Camara (CeDoHC).

A ideia de um “movimento de não-violência” aumentava ainda mais a “hipótese de ser eliminado”. Em 1968, eram frequentes os ataques contra os muros da Igreja das Fronteiras – nos fundos da qual Dom Helder morava desde janeiro, depois de mudar-se do Palácio São José de Mangueiras, na tentativa de viver com o desprendimento material próprio de sua opção pela Igreja servidora e pobre.<sup>90</sup> Os ataques, por vezes a tiros, deixava clara a atitude de simples intimidação, pois nesses momentos o arcebispo nunca se encontrava em casa. Por algum tempo a igreja passou, então, a ser protegida por policiais.

Os constantes ataques e ameaças realizados sob a acusação severa de comunismo e subversão levou Dom Helder a refletir sobre os recentes acontecimentos com seus amigos e colaboradores cariocas em carta escrita em plena vigília dos seus 60 anos:

Procuremos agir de maneira tão clara, tão inequívoca, tão leal que só mesmo muita má fé permita concluir que somos agitadores e contra-revolucionários.

Desejamos, sem dúvida, como o próprio Governo, que termine, o mais cedo possível, o período excepcional em que se acha nossa pátria. Mas desejamos, também, que tanta força concentrada em mãos do Poder Executivo, seja aproveitada para conduzir, sem desmandos e arbitrariedades, mas com firmeza e decisão, as reformas de base, sem as quais a Revolução não será Revolução.<sup>91</sup>

Segundo alguns historiadores, na sequência da decretação do Ato Institucional nº 5, em 13 de dezembro de 1968, Dom Helder recebe a informação de que o general Malan, substituto de Souza Aguiar no comando do IV Exército, o enquadrara na Lei de Segurança Nacional pelas acusações de comunista e subversivo. No entanto, Dom Helder continuou dando apoio a manifestações

---

<sup>90</sup> Sobre os anos que Dom Helder Camara viveu na Igreja das Fronteiras, em Recife, Cf. PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. **Dom Helder Camara**. Entre o poder e a profecia. São Paulo: Ática, 1997; PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. **Dom Helder Camara**. O profeta da paz. São Paulo: Contexto, 2008; CASTRO, Marcos de. **Dom Helder**: misticismo e santidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

<sup>91</sup> CAMARA, Helder. Carta Circular para a Família Mecejanense. Recife, 7/8 de fevereiro de 1969. Arquivo do Centro de Documentação Helder Camara (CeDoHC).

estudantis e lançando manifestos contra a cassação de estudantes opositores.<sup>92</sup> É claro que também voltou a sofrer novas represálias.

Confirma-se a informação de que a política, a meu respeito, será providenciar novos disparos contra a casa e um atentado pessoal, com ordem expressa de não me atingir... Depois, pressão junto ao Senhor Núncio, informando que não têm condições de dar garantia de vida ao arcebispo, se ele permanecer em Recife.<sup>93</sup>

Apesar de esperar mais atentados, as próximas e fatais retaliações visariam atingi-lo indiretamente. À uma e meia da tarde de 27 de maio de 1969, Dom Helder receberia a notícia do assassinato do padre Antônio Henrique Pereira Neto, trucidado de um modo terrível apenas porque trabalhava diretamente ligado ao arcebispo. O enterro do Padre Henrique ocorreu no dia seguinte e contou com milhares de pessoas que acompanharam o cortejo em uma caminhada de dez quilômetros da Igreja do Espinheiro ao Cemitério da Várzea, seguidos de perto pelo comando do IV Exército.

O enterro foi uma dessas consagrações que a gente, por mais que viva, não esquece mais. O corpo nos foi entregue por volta das 6 horas da tarde. Eu o levei para a Igreja do Espinheiro. Já naquele tempo, mesmo que rádio, televisão e imprensa não dessem destaque ao fato, como não deram, as nossas Comunidades de Base podiam receber e transmitir facilmente um aviso, e nós, no dia seguinte, na hora de sair o enterro, tínhamos lá umas 10 mil pessoas, todas dispostas a acompanhar o corpo até o cemitério. Aí houve momentos emocionantes. Num certo instante, íamos cantando 'Prova de Amor maior não há/ Que doar a vida pelo irmão'.<sup>94</sup>

---

<sup>92</sup> Sobre o embate de Dom Helder com a Ditadura Militar, Cf. SERBIN, Kernnet. P. **Diálogos na sombra**: bispos e militares, tortura e justiça social na ditadura. Tradução de Carlos Eduardo Lins da Silva. São Paulo: Companhia das Letras, 2001; FERRARINI, Sebastião Antônio. **A imprensa e o arcebispo vermelho**. São Paulo: Paulinas, 1992; ROCHA, Abelardo Baltar da S. F.; CHAGAS, Glauce. **Um furacão varre a esperança**: o caso Dom Helder. Recife: FUNDARPE, 1993; CASTRO, Marcos de. **Dom Helder**: misticismo e santidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002; PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. **Dom Helder Camara**. Entre o poder e a profecia. São Paulo: Ática, 1997; PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. **Dom Helder Camara**: o profeta da paz. São Paulo: Contexto, 2008.

<sup>93</sup> CAMARA, Helder. Carta Circular para a Família Mecejense. Recife, 28 de abril de 1969. Arquivo do Centro de Documentação Helder Camara (CeDoHC).

<sup>94</sup> Relato de Dom Helder Camara a Marcos de Castro. In. CASTRO, Marcos. **Dom Helder**: misticismo e santidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p. 149.

Segundo Marcos de Castro, com a proximidade do cemitério da Várzea, Dom Helder recebeu dos militares o aviso de que se, à beira do túmulo, houvesse qualquer tipo de tentativa de discurso, qualquer tipo de fala, a multidão seria imediatamente dispersada, se preciso à bala.<sup>95</sup> Assim, Dom Helder transmitiu à multidão a necessidade de silêncio falando rapidamente diante do túmulo:

Meus irmãos, estamos aqui depois de ter cumprido o nosso dever para com nosso irmão padre Henrique. Caminhamos quilômetros e quilômetros cantando e rezando. Agora, não vamos ceder a provocações, como nenhuma houve pelo caminho. Nenhum discurso aqui dentro. Nenhuma exaltação. A melhor homenagem que podemos prestar a padre Henrique será rezarmos um Pai-Nosso enquanto seu caixão baixa à sepultura, e depois ficarmos em silêncio. Eu quero este sacrifício. Eu quero que voltemos para casa em silêncio. Quero que esta multidão inteira saia daqui em silêncio. Vamos nos retirar rezando, meditando, em silêncio, em silêncio. Nada gritará mais do que nosso silêncio.<sup>96</sup>

A morte do padre Henrique foi um dos momentos de violência de uma campanha orquestrada contra Dom Helder, que acabaria em mais sequestros, prisões e torturas contra seus colaboradores mais íntimos. Sua posição em favor dos perseguidos irritava os generais que a todo instante pensavam novas táticas de perseguição contra ele. No início da fase máxima de repressão do regime militar de 64 a ordem era dar o gelo no arcebispo. A ponto de uma simples foto sua numa revista irritar o sistema, ainda que totalmente desligada de qualquer contexto político.<sup>97</sup>

Em 1969, proibido de falar no Brasil, Dom Helder, mais do que nunca, divulga suas ideias em outros países do mundo. Desde 1964 já realizara dezenas de

<sup>95</sup> CASTRO, Marcos. *op. cit.* p. 150.

<sup>96</sup> Relato de Dom Helder Camara a Marcos de Castro. In. CASTRO, Marcos. **Dom Helder: misticismo e santidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p. 151.

<sup>97</sup> Segundo alguns historiadores, em setembro de 1970 uma ordem oficial enviada pela Polícia Federal chegavam às redações dos órgãos de comunicação de todo o país com uma mensagem clara: “De ordem do Sr. Ministro da Justiça, ficam proibidas quaisquer manifestações, na imprensa falada, escrita e televisiva, contra ou a favor de Dom Helder Camara”. Sobre esse episódio, Cf. SERBIN, Kernnet. P. **Diálogos na sombra: bispos e militares, tortura e justiça social na ditadura**. Tradução de Carlos Eduardo Lins da Silva. São Paulo: Companhia das Letras, 2001; FERRARINI, Sebastião Antônio. **A imprensa e o arcebispo vermelho**. São Paulo: Paulinas, 1992; ROCHA, Abelardo Baltar da S. F.; CHAGAS, Glaucé. **Um furacão varre a esperança: o caso Dom Helder**. Recife: FUNDARPE, 1993; CASTRO, Marcos de. **Dom Helder: misticismo e santidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002; PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. **Dom Helder Camara. Entre o poder e a profecia**. São Paulo: Ática, 1997; PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. **Dom Helder Camara: o profeta da paz**. São Paulo: Contexto, 2008.

conferencias pelo mundo afora. No Brasil e principalmente no exterior, na França em especial, já publicara alguns de seus livros que imediatamente começara a ser traduzido e publicado em várias línguas e países.<sup>98</sup> Em 1970, era reconhecido como uma liderança da luta em defesa dos direitos humanos e da manutenção da paz mundial a ponto de ser considerado forte candidato ao Nobel da Paz.

Em maio daquele ano, Dom Helder chega à França para uma série de palestras em Orleans, Lyon e Paris. A conferência em Paris, prevista para acontecer no dia 26 no Centro Católico de Intelectuais Franceses com capacidade para 2.500 pessoas, teve que ser transferida, às pressas, para o Palácio dos Esportes, onde caberiam aproximadamente 10 mil pessoas.<sup>99</sup>

Apesar de levar o discurso preparado, como fazia costumeiramente, ao chegar à casa do cardeal François Marty, arcebispo de Paris, um grupo de amigos cobraram-lhe uma palestra com outro conteúdo, que falasse a verdade sobre o Brasil daquele momento e denunciasse as torturas que sabiam existir. Assim, o arcebispo de Olinda e Recife proferiu de improviso no Palácio dos Esportes em Paris, naquela noite com sua capacidade superlotada, a conferência “Quelles que soient les conséquences” (Quaisquer que sejam as consequências) denunciando para o mundo as torturas no Brasil.<sup>100</sup>

A conferência em Paris irritou tanto os militares que eles resolveram mudar de tática. Até o fim daquele ano, então, pipocou por todo o país a bem orquestrada campanha de execração pública contra Dom Helder. Foram anos de censura, repressão e silêncio. Todavia a repressão imposta pelo governo militar não foi suficiente para conter o arcebispo. No final da década de 1970, quando o país esboçava os primeiros sinais de uma redemocratização, alguns jornais e revistas passaram a notificar as atividades de Dom Helder no Brasil e no exterior, mas em Recife, os ataques aos muros da Igreja das Fronteiras e as ameaças de morte por telefone continuaram.

---

<sup>98</sup> Vários de seus livros receberam traduções em francês, espanhol, inglês, italiano, holandês, alemão, coreano e japonês. Sobre a obra bibliográfica de Dom Helder, Cf. CAMARA, Helder. **O deserto é fértil**: roteiro para as Minorias Abraâmicas. 13ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985; CAMARA, Helder. **Indagações sobre uma vida melhor**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993; CAMARA, Helder. **Espiral de violência**. Porto: Poveira, 1971; CAMARA, Helder. **Revolução dentro da paz**. Rio de Janeiro: Sabiá, 1968; CAMARA, Helder. **Mil razões para viver**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

<sup>99</sup> CASTRO, Marcos de. *op. cit.* p.180.

<sup>100</sup> *Idem.*

Nos anos de 1980, Dom Helder continuou atuando ativamente na arquidiocese de Olinda e Recife, e proferindo suas conferências pelo mundo. No exterior o arcebispo continuou sendo alvo de seguidas premiações por sua atuação pela paz mundial: Prêmio artesão da paz, na Itália em 1982; Niwano Peace Prize, no Japão em 1983; Roma-Brasília cidade da paz, concedido pela prefeitura de Roma em 1986, entre vários outros, além dos mais quarenta títulos de *doutor honoris causa*.<sup>101</sup> Aposentado em 15 de julho de 1985, aos 76 anos, Dom Helder decidiu continuar morando na Igreja das Fronteiras em Recife, onde celebrava suas missas e recebia as pessoas que o procuravam. Em 27 de agosto de 1999, o arcebispo emérito de Olinda e Recife morre em casa de parada cardíaca, aos 90 anos.

---

<sup>101</sup> PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. *op. cit.* p. 445.

**CAPÍTULO II**  
**ARTES DE CONSTRUÇÃO DE SI MESMO: AS EPÍSTOLAS**  
**DO PADRE HELDER**



## ARTES DE CONSTRUÇÃO DE SI MESMO: AS EPÍSTOLAS DO PADRE HELDER

“Passarei pela vida sem deixar nenhum sinal mais forte, marca nenhuma duradoura e inesquecível. Não escreverei a Suma Teológica, nem a Divina Comédia. Não serei S. Vicente de Paula, nem S. João Bosco. Olharei de longe ainda S. Francisco de Assis. Escreverei uns dois livros, que umas duzentas pessoas cheguem a ler. Pregarei alguns sermões mais ou menos louvados. E morrerei. No meu enterro alguém comentará que não produzi o que podia produzir”.

Padre Helder Camara, aos 34 anos.  
Do manuscrito: A escolha de Deus, de 1943.

### 2.1 Narrativas de si: ideias, opiniões e sentimentos

A narrativa e a coleção de si visam guardar a melhor recordação de si próprio. Arquivar a própria vida é se por no espelho, é contrapor à imagem íntima de si, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência. Mas não arquivamos nossas vidas de qualquer maneira. Fazemos um acordo com a realidade, manipulamos a existência: omitimos, rasuramos, riscamos, sublinhamos, colocamos em enxergo certas passagens. Em um diário íntimo, registramos apenas alguns acontecimentos, omitimos outros; às vezes, quando relemos nosso diário, acrescentamos coisas ou corrigimos aquela primeira versão. A escolha e a classificação dos acontecimentos determinam o sentido que desejamos dar às nossas vidas.

Inconscientemente, é isso que fazemos quando guardamos fotografias, papéis e diários íntimos. Representa o desejo de perpetuar-se, de constituir a própria identidade pelos tempos adiante, responde ao anseio de forjar a própria glória. Assim, podemos supor que ao escrever as cartas e guardá-las cuidadosamente, o jovem padre Helder Camara pretendesse fazer dessa correspondência uma matéria-

prima para o relato de sua passagem pelo mundo. Um documento humano, inteiramente humano.

Cartas, diários íntimos e memórias sempre tiveram autores e leitores. Entretanto, é inegável que desde o fim do século XVIII assistimos nas nossas sociedades a uma formidável valorização de escrita pessoal. A respeito dessa prática, Philippe Artières, em *Arquivar a própria vida*, assinala:

Cobiçam-se, procuram-se, adquirem-se a peso de ouro ou a custa de esperteza algumas folhas de papel cujo branco um personagem qualquer cobriu de preto, sobre o qual ele expôs, com uma tinta mais ou menos bela, com caracteres mais ou menos finos, suas ideias, suas opiniões, seus sentimentos, suas paixões, suas afeições, suas ambições, suas cóleras.<sup>102</sup>

A chave para o entendimento dessas práticas culturais está na emergência histórica do indivíduo nas sociedades ocidentais. Um processo de mudança social e cultural pelo qual uma lógica coletiva, regida pela tradição, deixa de se sobrepôr ao indivíduo, que se torna “moderno”.<sup>103</sup>

É justamente a emergência desse “eu moderno” que confere à vida individual uma importância até então desconhecida, “tornando-se matéria digna de ser narrada como uma história que pode sobreviver na memória de si e dos outros”.<sup>104</sup> Uma vez que é conferida ao sujeito a possibilidade de situar sua vida ou destino acima da comunidade a que ele pertence, na qual ele “conceba sua vida não como uma confirmação das regras e dos legados da tradição, mas como uma aventura para ser inventada”,<sup>105</sup> torna-se importante explorar sua intimidade.

Assim, os tempos modernos são de consagração do lugar do indivíduo na sociedade, quer como uma unidade coerente quer como uma multiplicidade que se fragmenta socialmente. É a “fabricação”, ou melhor, a aceitação do indivíduo simultaneamente uno e múltiplo.

---

<sup>102</sup> ARTIÈRES, Philippe. *Arquivar a própria vida*. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: FGV V. 11, nº 21, 1998. p. 08.

<sup>103</sup> Um fenômeno bastante estudado pela história, pela sociologia e pela antropologia, entre outras ciências.

<sup>104</sup> GOMES, Ângela de Castro (org). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 12.

<sup>105</sup> CALLIGARIS, Contardo. Verdades de Autobiografias e Diários Íntimos. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: FGV. V. 11, nº 21, 1998. p. 47.

Segundo Peter Gay, “o historiador profissional tem sido sempre um psicólogo, um psicólogo amador”.<sup>106</sup> Voluntária ou involuntariamente, o nosso trabalho consiste em operar com uma teoria sobre a natureza humana. Operamos como Proust na decifração e na interpretação dos signos sensíveis.<sup>107</sup> Atribuímos motivos, estudamos paixões, analisamos irracionalidades, buscamos as necessidades secretas do coração. O estudo da correspondência pessoal de Helder Camara não exigiria trabalho diferente. Em suas cartas, Helder consegue transformar ‘pequenos acontecimentos’ em matéria de ‘grande filosofia’.

Sua correspondência pessoal nos dá um quadro rico de suas ideias, pensamentos e sentimentos, desejos e aspirações. Uma escrita de si que constitui e reconstitui suas identidades pessoais e profissionais no decurso da troca de cartas, como bem assinala Ângela de Castro.<sup>108</sup> Dessa forma, a correspondência pessoal constitui um lugar e um meio privilegiado de “registrar o efêmero e o simples, transformando-os em relato que, pela beleza da forma e pela agudez da percepção, podem se eternizar no tempo”.<sup>109</sup> Os acontecimentos rápidos e corriqueiros ganham sentidos inusitados, por meio de um gênero literário que combina, como poucos, memória e história. É, portanto, nessa perspectiva de fundo que as cartas de Helder Pessoa Camara para Virgínia Côrtes de Lacerda foram localizadas, reunidas e analisadas, permitindo-nos estabelecer novos olhares sobre a vida e o trabalho do padre cearense.

## 2.2 A partilha do sensível: os registros da História da Confiança

Por que Helder Pessoa Camara teria se dedicado tanto à correspondência, é uma pergunta que logo se coloca quando nos debruçamos sobre suas epístolas. Sejam as correspondências privadas a Virgínia Côrtes de Lacerda ou as Cartas Circulares a Família Mecejanense, o que as missivas nos demonstram, é

---

<sup>106</sup> GAY, Peter. **Freud para historiadores**. Tradução de Osmyr Faria Gabbi Junior. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989. p. 25.

<sup>107</sup> DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

<sup>108</sup> GOMES. Ângela de Castro. **Em família**: a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre. Campinas: Mercado de Letras, 2005. Coleção Letras em Série. p. 13.

<sup>109</sup> *Ibidem*. p. 11.

uma dedicação incomum a escrita de cartas, que está sinalizado no volume que escreveu.<sup>110</sup>

Em um antigo livro de salmos utilizado ainda nos tempos do Seminário da Prainha em Fortaleza, Helder deixa registrada a seguinte passagem: “eu velo a invocar-vos desde o alvorecer. Minha alma está sequiosa por vós”.<sup>111</sup> A leitura dos versículos, que chamaram a atenção do jovem seminarista, surpreende o historiador, pela coerência com a biografia sucessiva. Durante toda a sua vida, Helder dedicou, cada madrugada, cerca de três horas para mergulhar na intimidade de Deus. Chamava este tempo de *vigília*.<sup>112</sup> Sobre essa prática, em março de 1946, o missivista escreve: “Como é bom interromper o sono – na hora em que muitos dormem e em que irmãos velam adorando, sofrendo ou pecando – para cantar os louvores do Bom Deus! É o que espero fazer pelo resto da vida”.<sup>113</sup>

As vigílias representavam em sua vida alguns momentos de encontro com Deus e era nesses instantes que desenvolvia uma forma muito peculiar de orar. Virgínia Côrtes de Lacerda, em fevereiro de 1944, as margens da obra de D. Gorce, *A L'école de saint Benoît*,<sup>114</sup> inicia o seguinte diálogo ao indagar ao amigo e diretor espiritual sobre como deveria rezar:

- Ensine-me a reza!

<sup>110</sup> Escritas diariamente de 1944 a 1952, o conjunto da correspondência pessoal do padre Helder Camara para a professora Virgínia Côrtes configura um total de 1.734 cartas contendo em média 03 páginas cada. As Cartas Circulares, por sua vez, somam um total de 2.950 epístolas – entre Circulares Conciliares, Circulares Inter-Conciliares e Circulares sobre Ação Justiça e Paz, Minorias Abraâmicas, trabalhos e vida na Arquidiocese – redigidas de 1962 a 1982 para a Família Mecejanense.

<sup>111</sup> **PSALMOS**. Tradução de Mons. José Basílio Pereira. Salvador, 1922.

<sup>112</sup> Sobre as Vigílias de Dom Helder Camara, Cf. CAMARA, Helder; BROUCKER, José de. **Les Conversions d'un Évêque**: Entretiens avec José de Broucker. Paris: L'Harmattan, 2002; PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. **Dom Helder Camara**. Entre o poder e a profecia. São Paulo: Editora Ática, 1997; PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. **Dom Helder Camara**. O profeta da paz. São Paulo: Contexto, 2008; BROUCKER, José de. **Les nuits d'un prophète**. Dom Helder Camara à Vatican II. Paris: Les Éditions du Cerf, 2005; CAMARA, Helder. **Vaticano II** – Correspondência Conciliar – Circulares à Família do São Joaquim, 1962-1964. Introdução e notas Luiz Carlos L. Marques. IDHeC – Obras Completas. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2004; CAMARA, Helder. **Circulares Conciliares**. Notas Luiz Carlos Luz Marques e Roberto de A. Farias. Vol. I. Tomo I, II e III. Recife: Editora CEPE, 2009; CAMARA, Helder. **Circulares Interconciliares**. Notas Zildo Rocha. Vol. II. Tomo I, II e III. Recife: Editora CEPE, 2009; CASTRO, Marcos de. **Dom Helder**: Misticismo e Santidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002; MONTENEGRO, Antônio T.; SOARES, Edla; TEDESCO, Alcides (org). **Dom Helder, peregrino da utopia**: caminhos da educação e da política. Recife: A Prefeitura; Editora Universitária da UFPE, 2002.

<sup>113</sup> CAMARA, Helder. Carta Pessoal. 06 de março de 1946, Rio de Janeiro. Para Virgínia Côrtes de Lacerda, Rio de Janeiro. 03p. Arquivo Pessoal.

<sup>114</sup> GORCE, D. **A L'école de saint Benoît**. Paris: Bloud e Gay, 1935.

- Diga primeiro como é que você reza. Que se passa com o seu espírito durante a oração?
- Abro, em silêncio, meu coração. Mas fico receando estar rezando comodamente. Mas tenho menos caridade, quando repito de cor as orações costumeiras, ou mesmo quando rezo o Terço, todas as noites... Penso que estou em oração o dia todo, porque não separo o que faço do serviam a Deus. Estou em oração quando leio e anoto livros. Certo?
- Como somos irmãos! Não rezo de outro modo. E é a oração ideal. Mais que oração: espírito de oração!<sup>115</sup>

Durante o período em que se mantinha em estado de vigília, Helder lia e escrevia. Escrevia muito, quase que incansavelmente. Redigiu durante esses momentos alguns dos seus escritos mais importantes, suas conferências, seus projetos de vida, suas meditações, seus pensamentos e seu cotidiano em uma coleção de quase duas mil cartas. Cartas escritas todos os dias, ou melhor, “toutes les nuits” - como bem assinala José de Broucker,<sup>116</sup> quase sempre às quatro horas da manhã, horário escolhido por Helder para seus momentos mais profundos de orações e, escrever, para ele, era um ato de oração: “O Senhor Arcebispo está rezando a meu lado. Deve ficar muito espantado com o meu hábito de rezar escrevendo”.<sup>117</sup>

Resultado de suas *vigílias*, as epístolas abrangem muito de sua espiritualidade, do seu cotidiano e das suas relações pessoais. Entretanto, para além e aquém desses lugares, seus manuscritos registram memórias que narram àquilo que chama de *História da Confiança*: a história de sua relação com a professora Virgínia Côrtes de Lacerda.

Segundo a historiadora Giselle Martins, “nos arquivos privados pessoais, os titulares tornam-se ao mesmo tempo objetos e sujeitos de uma escrita de si e do outro, convertendo-se em autores de um registro sobre sua própria história”.<sup>118</sup> A correspondência de Helder Camara para Virgínia Côrtes muito nos diz sobre seu autor. Nas cartas, o missivista constrói-se, mostra-se e expõe-se, vai traçando

<sup>115</sup> CAMARA, Helder; LACERDA, Virgínia C. Anotações as margens da obra de D. Gorce, A L'école de saint Benoît. Rio de Janeiro, fevereiro de 1944. Arquivo do Centro de Documentação Helder Camara (CeDoHC).

<sup>116</sup> Cf. BROUCKER, José de. **Les nuits d'un prophète**: Dom Helder Camara à Vatican II. Lecture das Circulares Conciliares de Dom Helder Camara (1962-1965). Paris: Les Éditions du Cerf, 2005.

<sup>117</sup> CAMARA, Helder. Carta Pessoal. 26/27 de fevereiro de 1945, Rio de Janeiro. Para Virgínia Côrtes de Lacerda, Rio de Janeiro. 04p. Arquivo Pessoal.

<sup>118</sup> VENANCIO, Giselle Martins. Cartas de Lobato a Vianna: uma memória epistolar silenciada pela história. In: GOMES, Ângela de Castro (org). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 113.

nessas páginas as trajetórias que desenham palavras, frases e, por fim, constituem uma vida. Páginas em branco que, segundo Michel de Certeau, “constitui um lugar de produção do sujeito, o campo de um fazer próprio”.<sup>119</sup> Uma oportunidade de (re)escrever a si mesmo.

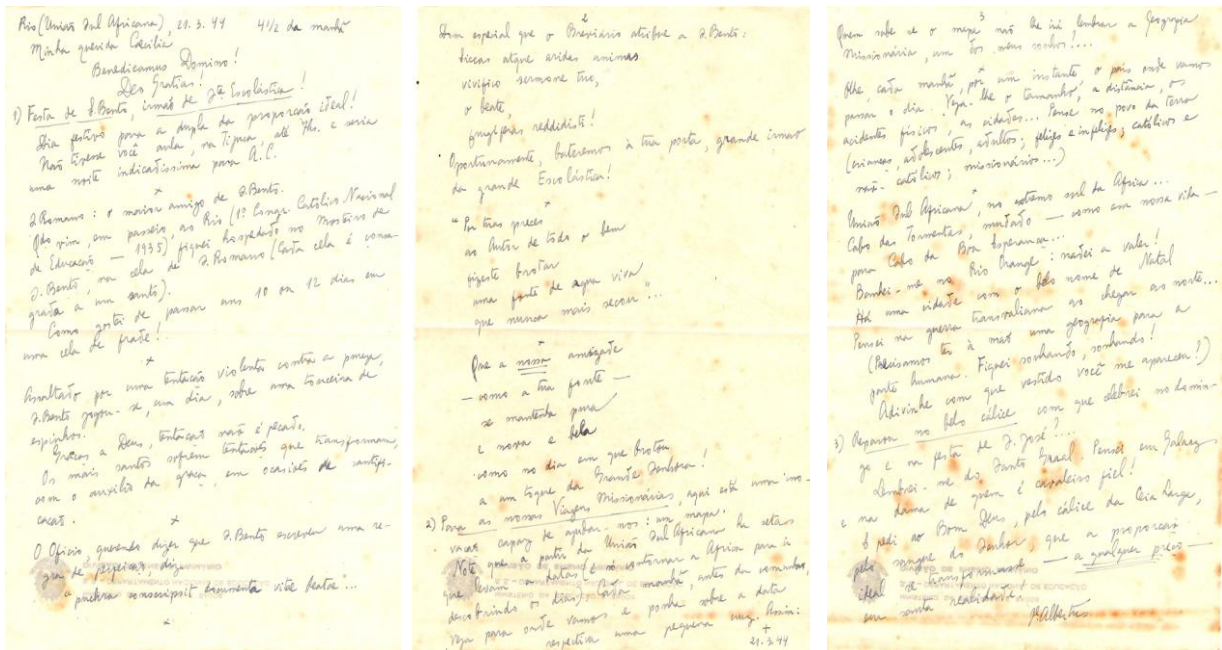


Figura 04: Carta pessoal de Helder Camara para Virgínia Côrtes de Lacerda. Rio de Janeiro, 21 de março de 1944.  
Fonte: Arquivo Pessoal.

Uma análise comparativa das epístolas nos aponta que Helder Camara era um missivista bastante cuidadoso. É impressionante a forma cautelosa com que escreve suas cartas: sempre atento à forma e com uma divisão didática dos assuntos, o autor procura estabelecer padrões, tanto na sequência dos temas abordados, quanto no papel utilizado e na quantidade de páginas de cada carta.<sup>120</sup> A linguagem das epístolas é um ponto a ser observado, tanto no que se refere à sua forma material, quanto à sua dimensão subjetiva. O uso despreocupado das

<sup>119</sup> CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 225.

<sup>120</sup> Seguindo uma espécie de 'padrão', as epístolas contêm em média três páginas e são escritas no verso do papel timbrado do Ministério da Educação e Saúde (1944-1948), onde o padre Helder trabalhava na condição de Técnico em Educação, e da Ação Católica Brasileira (a partir de 1949) nos anos que atuava como Secretário da Ação Católica Brasileira. Ver exemplo de carta no Apêndice A.

abreviações – segundo Ângela de Castro, “um abreviador da escrita”<sup>121</sup> – é muito praticado por Helder em sua correspondência. De forma acelerada, ele transita com desenvoltura da posição de diretor espiritual a de um estudante sedento por novas informações.

Obedecendo a suas regras, as epístolas iniciam sempre com uma menção ao sagrado. Na grande maioria das vezes, uma oração, uma passagem do Breviário, uma referência à *Magna Domina*, a São Francisco de Assis ou a biografia do santo do dia. Nesse espaço, se configura o lugar da fala do diretor espiritual.

Rio, (Kansas, U.S.A), 7.12.1944 4h da manhã.

Minha querida Caecilia

Benedicamus Domino!

Dia de Santo Ambrosio, um dos instrumentos divinos para a conversão de Santo Agostinho; um dos homens que mais louvou a Deus compondo hinos e difundindo o canto dos salmos; um dos melhores pregadores de todos os tempos...

Pede a Deus, Santo Ambrosio, que sejamos instrumentos dóceis para a conversão de muitos irmãos (que a nossa fragilidade não atrapalhe a vinda de ninguém!); que, dia a dia, entendamos mais e amemos melhor o Divino Ofício; que a pregação do Padre Albertus seja sempre mais pura e unvida de fé.<sup>122</sup>

Passado esse instante, o autor discorre sobre o cotidiano: a viagem de bonde, as peças em cartaz no teatro, os encontros com os amigos, à efervescência da cidade nos dias de carnaval e nos instantes de tensões políticas, sobre seus anseios, suas dúvidas e seus planos.

Algumas das vezes as correspondências ganham valor de uma confissão por trazerem assuntos que deveriam chegar apenas à amiga e confidente. Nesses instantes as cartas assumem o lugar de ‘diário íntimo’. As margens da obra de Anibal Ponce, *Diário íntimo de una adolescente*,<sup>123</sup> o padre Helder, ao se deparar com o questionamento do autor acerca do valor que se deve atribuir em psicologia a um diário íntimo, tece o seguinte comentário: “Problema de Psicologia: que valores

<sup>121</sup> GOMES, Ângela de Castro. **Em família**: a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre. Campinas: Mercado de Letras, 2005. Coleção Letras em Série. p. 32.

<sup>122</sup> CAMARA, Helder. Carta Pessoal. 07 de dezembro de 1944, Rio de Janeiro. Para Virgínia Côrtes de Lacerda, Rio de Janeiro. 02p. Arquivo Pessoal.

<sup>123</sup> PONCE, Aníbal. **Diário íntimo de una adolescente**. Buenos Aires: Editora Ateneu, 1943. Obras Completas de Aníbal Ponce.

possuem os diários como documentos de vida interior? Para quem os sabe interpretar valem como documentos vivos”.<sup>124</sup>

Apesar do fazer historiográfico por “em cena uma população de mortos”,<sup>125</sup> ao lermos as cartas pessoais de Helder Camara, temos a sensação de estarmos diante de “documentos vivos”, em certas ocasiões, de “diários”, onde há espaço para reflexões do dia-a-dia e registros de memórias.

O ato de escrever diariamente agrega a correspondência um valor significativo muito profundo. Através da escrita epistolar as pessoas mesmo distantes fisicamente, podem trocar ideias e afetos, construir projetos múltiplos ou discutir planos opostos. Segundo Peter Gay, em *O coração desvelado*, “as cartas substituem a presença física desejada”.<sup>126</sup> Elas representam o penhor da afeição verdadeira, prova de que o outro estava disposto a dedicar um tempo valioso para dirigir-se à pessoa querida e a visualizá-la em sua imaginação.

Vim só dar-lhe meus bons dias. Vou deitar-me. Despertei com uma dor tão grande nos rins ou na espinha, que nem me posso mover direito. Vou descansar para que a Santa Missa possa ser celebrada. Não posso mais. Não se preocupe. O irmão corpo abatido abençoa a alma querida da irmã do Pe. Albertus.<sup>127</sup>

Obviamente, escrever cartas quase nunca é um ato inteiramente solitário. O outro está sempre presente – uma fotografia sobre a mesa, uma flor seca entre as páginas de um livro, uma imagem guardada na memória<sup>128</sup> - esperando ser informado, corrigido e, acima de tudo, agradado: “O tercinho branco anda comigo de encontro ao peito. É um conforto apertá-lo nas horas de angústia e de tristeza, de trabalho e de saudade... Conforto ainda maior é rezá-lo”.<sup>129</sup>

<sup>124</sup> CAMARA, Helder. Anotações as margens da obra de Aníbal Ponce, Diário íntimo de uma adolescente. Rio de Janeiro, janeiro de 1944. Arquivo do Centro de Documentação Helder Camara (CeDoHC).

<sup>125</sup> CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. p.106.

<sup>126</sup> GAY, Peter. **O coração desvelado**: a experiência Burguesa da Rainha Vitória a Freud. Tradução de Sérgio Bath. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 347.

<sup>127</sup> CAMARA, Helder. Carta Pessoal. 15 de março de 1945, Rio de Janeiro. Para Virgínia Côrtes de Lacerda, Rio de Janeiro. 01p. Arquivo Pessoal.

<sup>128</sup> GAY, Peter. *op cit.* p. 356.

<sup>129</sup> CAMARA, Helder. Carta Pessoal. 07 de março de 1945, Rio de Janeiro. Para Virgínia Côrtes de Lacerda, Rio de Janeiro. 02p. Arquivo Pessoal.



Nos instantes da escrita das cartas, são várias as formas de presença de ambas as partes. Os estudos, os manuscritos e pequenos objetos pessoais circulavam de uma companhia a outra. No entanto, as fotografias são as mais corriqueiras.

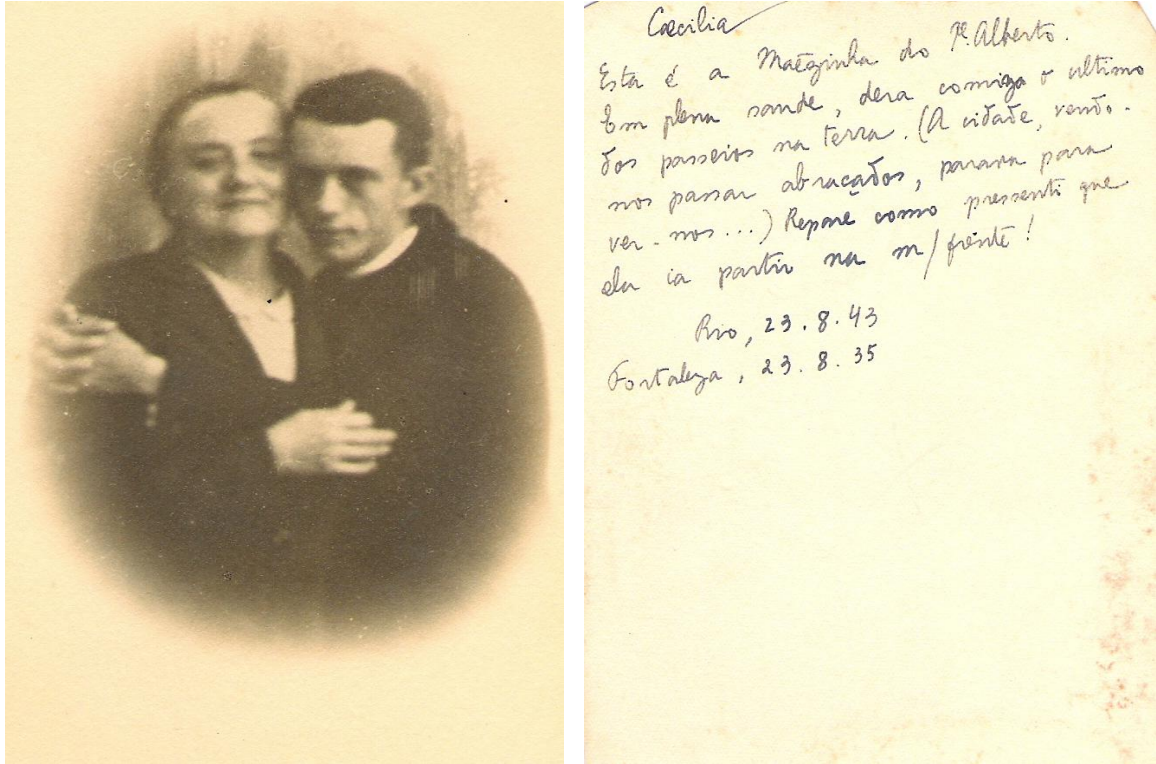


Figura 05: O jovem padre com a mãe, Adelaide Pessoa, em fevereiro de 1933. No verso, dedicatória a Virgínia Côrtes de Lacerda.

Fonte: Arquivo Pessoal.

No plano da correspondência de Helder e Virgínia, o papel reservado as fotografias vai além do fato destas servirem como uma das formas de presença da pessoa querida. As fotografias seguiam sempre acompanhadas das epístolas, servindo-as como veículo ilustrativo para determinados assuntos. Um exemplo disso está na fotografia do padre com a mãe, Adelaide Pessoa, onde a imagem do jovem abraçado a sua mãe seria apenas uma lembrança se a fotografia não estivesse acompanhada de uma carta datada de 08 de agosto, dia do aniversário da morte de dona Adelaide.

As correspondências expressam mais do que o texto que as contém. Dessa forma, voltamos nosso olhar para as pausas e os silêncios na intenção de observar as entrelinhas e ver as cartas pessoais de Helder Camara não apenas como um texto de onde se pode simplesmente extrair informações, mas documentos

que podem ser analisados a partir de seu suporte material, dos códigos sociais utilizados e das formas lingüísticas empregadas.<sup>130</sup>

Apesar dos manuais epistolares que conferem as cartas um gênero fortemente tipificado, escrevê-las é uma arte. No caso da correspondência helderiana os códigos que fazem com que um texto seja reconhecido como carta ganham aspectos e valores inusitados.

As missivas do padre Helder oscilam sempre entre o rigor da norma e a liberdade literária, a começar pela localização das cartas. Morador da cidade do Rio de Janeiro, Helder pouco viajou nos anos 1940 o que conferiria as epístolas registrarem como seu lugar de fala a capital federal. No entanto, não era bem isso o que as cartas registravam na prática. As correspondências helderianas trazem ao lado da referência à cidade do Rio de Janeiro a menção a algum lugar do mundo por onde sua imaginação divagava através das *viagens missionárias*.

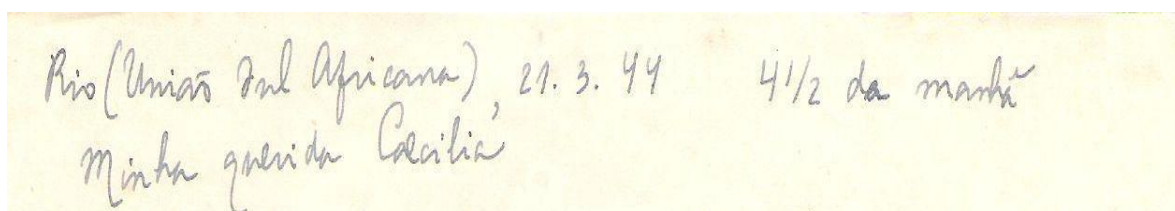


Figura 06: Fragmento da carta pessoal de Helder Camara para Virgínia Côrtes de Lacerda. Rio de Janeiro, 21 de março de 1944.

Fonte: Arquivo Pessoal.

Angustiado pelo aprisionamento no funcionário público, o padre Helder via nas *viagens missionárias* uma oportunidade de sair pregando pelo mundo afora, mesmo que essas viagens fossem apenas imaginárias. Quando era questionado sobre as missões respondia da seguinte forma: “Imaginação? Perda de tempo? Feliz de quem enche o tempo com tão santas imaginações!”<sup>131</sup> Por muitas vezes, o autor constrói roteiros a serem percorridos em companhia da amiga Virgínia Côrtes.

Vamos ao Amazonas?  
Dia 12: Manaus.

<sup>130</sup> Sobre essa prática Cf. ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio**. Campinas: EDUNICAMP, 1997.

<sup>131</sup> CAMARA, Helder. Carta Pessoal. 02 de outubro de 1947, Rio de Janeiro. Para Virgínia Côrtes de Lacerda, Rio de Janeiro. 02p. Arquivo Pessoal.

Dia 13: Descendo o Rio Negro até Moura.  
 Dia 14: Tomaremos o Rio Branco passando por Santa Maria e  
 Pesqueiro Real.  
 Dia 15: Voltaremos ao Rio Negro: Barcelos.  
 Dia 16: Continuaremos no Rio Negro: São Gabriel.  
 Dia 17: Iremos até Cuculy.  
 Dia 18: De avião a Tabatinga para subir o Solimões.  
 Dia 19: São Paulo de Olivença subindo o Solimões.  
 Dia 20: Fonte Boa subindo o Solimões.  
 Dia 21: Teffé subindo o Solimões.  
 Dia 22: Codajaz subindo o Solimões.  
 Dia 23: De avião a Porto Velho para subir o Madeira.  
 Dia 24: Humaitá subindo o Madeira.  
 Dia 25: Manicoré subindo o Madeira.  
 Dia 26: De avião a Labrea, o Peru.  
 Dia 27: Floriano Peixoto, no Peru.  
 Dia 28: Rio Branco no Acre.  
 Dia 29: Xapuri no Acre.  
 Dia 30: Cruzeiro do Sul no Acre.<sup>132</sup>

Assim, a cada dia, as cartas eram ‘escritas’ de uma cidade ou, até mesmo, um país diferente apresentando com uma impressionante riqueza de detalhes a história e a geografia local. Em 12 de junho de 1945, em ‘viagem’ pelo Amazonas escreve:

Rio (Manaus), 12.6.1945  
 Minha querida Caecilia,  
 De avião, sobrevoamos o Amazonas todo, antes de descer em  
 Manaus.  
 Um mundo: 1.800.000 Km<sup>2</sup> (hoje menos, pelo desmembramento dos  
 novos territórios). Mundo quase deserto: 370.000 habitantes.  
 Acompanhamos o curso dos grandes rios: Amazonas e seus  
 inúmeros afluentes; Rio Negro, Rio Branco, Madeira...  
 Índios até em volta de Manaus!<sup>133</sup>

Por vezes, o missivista utilizava-se de recursos como compêndios geográficos e mapas desenhados cuidadosamente para indicar as datas e os lugares que seriam percorridos.<sup>134</sup>

<sup>132</sup> CAMARA, Helder. Carta Pessoal. 11 de junho de 1945, Rio de Janeiro. Para Virgínia Côrtes de Lacerda, Rio de Janeiro. 03p. Arquivo Pessoal.

<sup>133</sup> CAMARA, Helder. Carta Pessoal. 12 de junho de 1945, Rio de Janeiro. Para Virgínia Côrtes de Lacerda, Rio de Janeiro. 03p. Arquivo Pessoal.

<sup>134</sup> Em junho de 1945 escreve: “A sugestão de viajar pela Rússia é ótima e será aceita. Apenas não temos, no momento, uma boa geografia que nos informe a respeito da U.R.S.S. e é meio

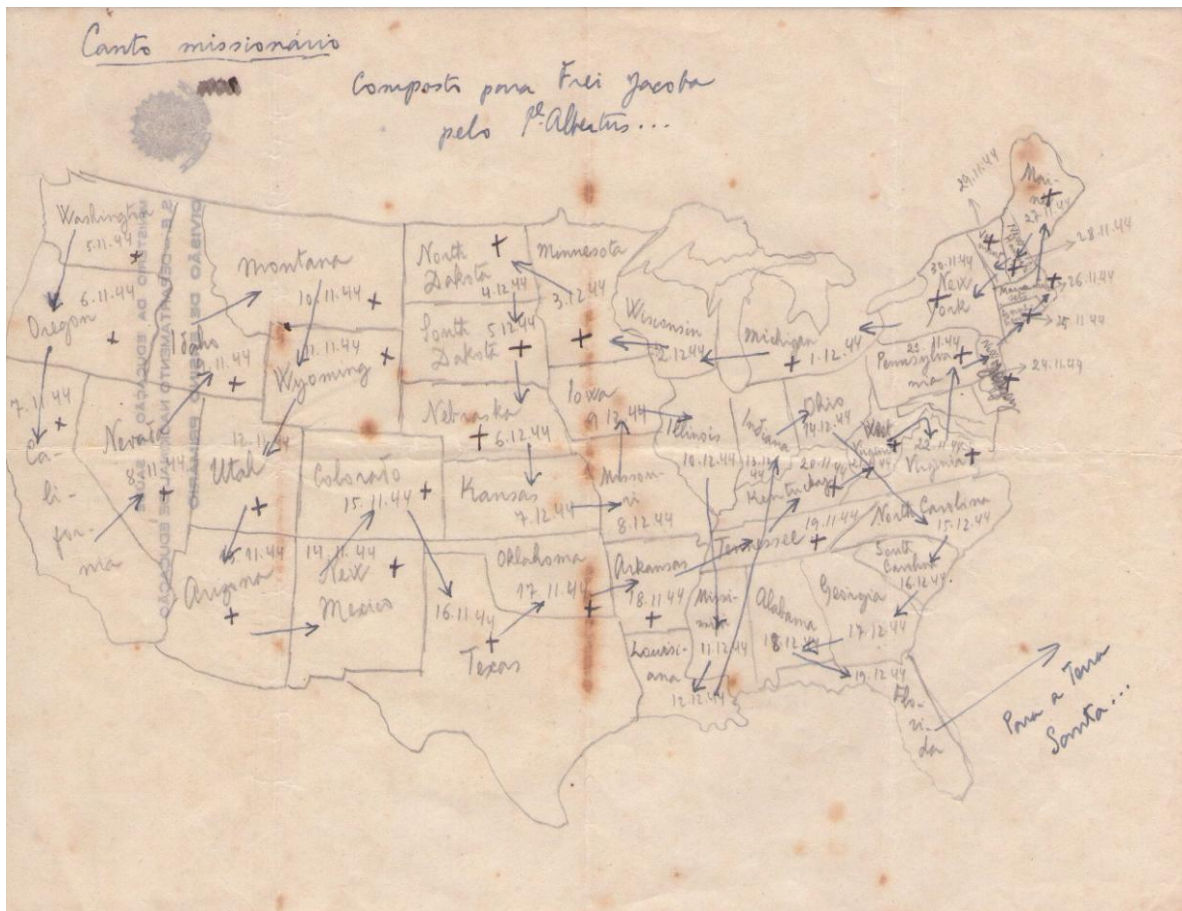


Figura 07: Desenho do padre Helder Camara com o mapa dos Estados Unidos com a indicação das Viagens Missionárias de novembro e dezembro de 1944.  
Fonte: Arquivo Pessoal.

Apenas em 1946, com sua saída do Ministério da Educação e Saúde, o padre Helder faria de fato sua primeira viagem missionária: uma ida a Taubaté como Secretário da Ação Católica.

Aqui estou na minha primeira viagem missionária.  
Você é testemunha de que, durante anos, sonhei com as missões, com trabalhos puramente sacerdotais a que dedicasse de todo a vida. O Bom Deus provou-me exercitando-me na humildade, na paciência, no desapego, no espírito de fé.  
De 1936 a 1946, fiquei durante 6 horas diárias preso a uma repartição pública, enquanto o coração arrancava para trabalhos

apostólicos. Três vezes tentei desprender-me da burocracia. Não soara ainda a hora de Deus.

Fizemo-nos apóstolos pelo coração, missionários de desejo. Percorremos o mundo inteiro, de cidade a cidade, de país a país. Quem podia adivinhar, vendo-me em minha mesa de funcionário, que ali estava apenas o corpo e que minha alma de missionário estava distante, muito distante?<sup>135</sup>

No que diz respeito às saudações e as despedidas, as cartas apresentam outra faceta intrigante do padre Helder: o uso frequente de pseudônimos. Nas epístolas, Helder Camara e Virgínia Côrtes de Lacerda assumem os pseudônimos: padre Albertus e Caecilia.

Todo um capítulo à parte precisaria ser escrito para falar dos pseudônimos usados por Helder Camara, desde seus anos da juventude, no Seminário da Prainha. Mas por que o uso frequente dos pseudônimos? Todos aqueles que o conheceram de perto sabem que faz parte da sua personalidade a timidez e o silêncio, mas também a astúcia e a coragem para se pronunciar nos momentos que julga necessário.

A historiadora Natalie Zemon Davis na obra *O retorno de Martin Guerre*, chama a nossa atenção para o fato dos homens estarem presos as suas possibilidades.<sup>136</sup> Talvez tenha sido através da prática do uso de pseudônimos que Helder encontrou sua maneira de expor seu pensamento de forma a não se comprometer com aqueles a quem dirigia a palavra e com o meio em que estava inserido. Em 03 de maio de 1944, em carta à Virgínia Côrtes, relembra uma passagem bastante significativa nesse sentido:

Pseudônimos...

Ivo de Laet: Ivo (de Santo Ivo, advogado que está no céu – coisa rara, raríssima, segundo os faladores); o resto do nome, homenagem ao polemista Carlos de Laet.

Um jornalista de quem hoje sou amigo vinha pela imprensa do Ceará dizendo horrores de todos os padres da terra. Calúnias tremendas...

O seminarista Ivo de Laet, em férias, apanhou a coleção de jornais do agressor (era o próprio Diretor d'O Ceará quem agredia o clero e depois os dogmas!) e apontou uma série de contradições em escritos dele.

<sup>135</sup> CAMARA, Helder. Carta Pessoal. 08 de julho de 1946, Taubaté. Para Virgínia Côrtes de Lacerda, Rio de Janeiro. 03p. Arquivo Pessoal.

<sup>136</sup> Sobre as possibilidades históricas Cf. DAVIS, Natalie Zemon. **O retorno de Martin Guerre**. Tradução de Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

Seria incapaz de escrever o que escrevi então. Só o ambiente e a pureza de intenção me redimem em parte.

Aqui no Rio, um dia o ex Ivo de Laet recebeu palmas em pleno Santo Inácio. Um escândalo na Igreja, porque as palmas são contagiantes e pelo menos meia igreja aplaudiu.

As palmas haviam partido do jornalista contra quem Ivo saíra a campo. Aproximaram-se. Entenderam-se. Estimaram-se.<sup>137</sup>

Os pseudônimos utilizados por Helder Camara durante toda sua vida apresentavam-se sempre carregados de muitos significados, desde a escolha dos nomes até o trabalho que seria desenvolvido.<sup>138</sup>

Atanásio: o jornal católico do Ceará mantinha uma coluna pedagógica entregue a um católico sem formação educacional cristã. Atanásio provou que a coluna difundia naturalismo pedagógico. Houve muita lealdade do dono da coluna. Era um humilde um sincero. Atanásio teria obtido o mesmo efeito dirigindo-se em carta particular a ele. Mas Atanásio não havia mergulhado ainda no método dos métodos.

Alceu da Silveira foi um desdobramento de Atanásio. Tem-lhe as virtudes e os defeitos.

Rosalvo Lígio: Rosalvo (um vizinho que foi uma das minhas fascinações da adolescência: estudioso e digno, bonito e bom, delicadíssimo... Teria, também, havido alguma sombra de admiração por aquela que, em minha terra, me é uma das amigas fraternais: a Albinha? Conheci-a em tempos de Seminário Menor: apaixonada por literatura, boa intérprete da música, morando em um castelo... Com o tempo, a amizade que sempre foi espiritual, espiritualizou-se ainda mais. Para ela, o ex Rosalvo é um santo genuíno, a quem venera e cujas palavras acata como vindas de Deus. Não conhece felicidade maior do que assistir a uma missa do ex Rosalvo. Discretíssima.

Colaborei com o Bom Deus no aprimoramento desta alma, *gaudium meum et corona mea*. Cristã dos 1º tempos: de uma caridade evangélica, foi a 1ª realização pré-albertina da virtude amável. Pré-albertina, no sentido de anterior à aparição de Alberto. *Gratia Dei per Alceum...*)

Lígio?!... Termo que impressionou ao adolescente encantado pela idade média e pela pureza abstrata de tal cavalheirismo. Lígia era a qualidade de uma das homenagens do cavaleiro.<sup>139</sup>

<sup>137</sup> CAMARA, Helder. Carta Pessoal. 03 de maio de 1944, Rio de Janeiro. Para Virgínia Côrtes de Lacerda, Rio de Janeiro. 04p. Arquivo Pessoal. (Grifos do autor).

<sup>138</sup> Segundo Alceu Amoroso Lima, em agosto de 1931 o recém ordenado padre Helder Camara escreve-lhe relatando que desde o seminário usava o pseudônimo de Alceu da Silveira, porque gostava muito dos poemas de Tasso da Silveira e dos seus escritos. Cf. LIMA, Alceu Amoroso. Depoimento. In. CASTRO, Marcos de. **Dom Helder**: misticismo e santidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

<sup>139</sup> CAMARA, Helder. *loc. cit.* (Grifos do autor).

Como *padre Albertus*, ao que tudo indica uma referência a santo Albertus Mágnio,<sup>140</sup> Helder assinou as anotações as margens dos livros e as correspondências para a amiga e confidente Virgínia Côrtes de Lacerda. A escolha do pseudônimo, mais uma vez, não se deu aleatoriamente, está diretamente ligada ao trabalho realizado por Helder e Virgínia na Faculdade Católica e no Instituto Santa Úrsula.

Que o Grande Albertus:

- confirme a irmã querida em sua vocação indiscutível do magistério. Faça com que, dia a dia, ensinando literatura ou latim, filosofia ou grego, ensine Vida, como a fonte que dá sem esgotar-se...
- aclare a vocação do pequeno Albertus: deve ele permanecer no magistério?<sup>141</sup>

Os anos de 1941 a 1945 são de grande envolvimento de Helder com o magistério. Em 1941, o padre Helder é convidado por Dom Sebastião Leme, cardeal arcebispo do Rio de Janeiro, a lecionar as disciplinas de didática geral e administração escolar nas recém fundadas Faculdades Católicas, passando, em seguida, a ministrar cursos de psicologia para as professoras religiosas da Faculdade de Letras do Instituto Santa Úrsula. Foi, justamente, por ocasião das aulas que, em 1943, conheceu a também professora Virgínia Lacerda, passando a trabalhar e estudar juntos.<sup>142</sup>

No entanto, a adoção da alcunha '*padre Albertos*' para a redação das epístolas parece está além e aquém de um simples pseudônimo quando observamos uma pequena passagem escrita em carta maio de 1944: "Não é

---

<sup>140</sup> Santo Alberto Magno (1206-1280) foi douto mestre de teologia, de filosofia e de ciências naturais, que pela grande afluência de estudantes às suas lições na Universidade de Paris, foi obrigado a ensinar em praça pública. Alberto teve entre os seus alunos Tomás de Aquino, de quem previu os grandes dotes de pensador. Sobre santo Alberto Magno, Cf. SGARBOSSA, Mário e GIOVANNINI, Luigi. **Um santo para cada dia**. São Paulo: Paulos, 1983.

<sup>141</sup> CAMARA, Helder. Carta Pessoal. 15 de novembro de 1944, Rio de Janeiro. Para Virgínia Côrtes de Lacerda, Rio de Janeiro. 04p. Arquivo Pessoal.

<sup>142</sup> Sobre esse período da vida de Dom Helder Camara, Cf. CAMARA, Helder; BROUCKER, José de. **Les conversions d'un Évêque**: Entretiens avec José de Broucker. Paris: L'Harmattan, 2002; PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. **Dom Helder Camara**. Entre o poder e a profecia. São Paulo: Editora Ática, 1997; PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. **Dom Helder Camara**. O profeta da paz. São Paulo: Contexto, 2008; BROUCKER, José de. **Les nuits d'un prophète**. Dom Helder Camara à Vatican II. Paris: Les Éditions du Cerf, 2005; CASTRO, Marcos de. **Dom Helder**: misticismo e santidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

pseudônimo Pe. Albertus: é o nome novo, o verdadeiro nome”.<sup>143</sup> Nesse sentido, as palavras do autor são revestidas de muitos significados. De acordo com a Liturgia da Igreja Católica, o ingresso em uma ordem religiosa representa o nascimento de um ‘novo homem’, fazendo-se necessário, portanto, a adoção de um ‘nome novo’, ‘o verdadeiro nome’. Destarte, ainda no final de 1944, o padre Helder, às margens da obra de Daniel Halévy, *Péguy et les Cahiers de la Quinzaine*, ressalta o nascimento desse ‘homem novo’ ao estabelecer com Virgínia o seguinte diálogo:

- Meu nascimento verdadeiro se deu em 1944...
- 1943 pode ficar triste. Mas diga: em que dia de 1944?
- 22.2.44, dia em que você aceitou em definitivo a Proporção Ideal. Entende que esta data seja mais nascimento meu do que 7.2.1909 ou mesmo 15.8.1931?<sup>144</sup>

Segundo as anotações as margens da obra de Halévy e as correspondências, para Helder, a amizade e a afinidade espiritual estabelecida com Virgínia representavam o nascimento de um ‘novo homem’, daí o julgamento do autor em destacar o dia 22 de fevereiro de 1944 como sendo o seu nascimento verdadeiro.<sup>145</sup> A esse homem que acabara e nascer fazia-se necessária à adoção de um ‘novo nome’.

Virgínia também receberia do missivista um pseudônimo e o escolhido foi o *Caecilia*, uma aparente referência a Santa Cecília. Exaltada na Igreja Católica como o modelo mais perfeito de mulher cristã, Cecília era uma nobre rica que diariamente assistir à missa celebrada pelo Papa Urbano nas catacumbas da via Àpia, aguardada por uma multidão de pobres, que conheciam sua generosidade.<sup>146</sup>

Apesar de mais frequentes e significativos, *padre Albertus e Caecilia* não são os únicos pseudônimos usados por Helder e Virgínia nas correspondências que narram a *História da Confiança*. Chamam-se por *Frei Francisco e Frei Jacoba* todas

<sup>143</sup> CAMARA, Helder. Carta Pessoal. 02 de maio de 1944, Rio de Janeiro. Para Virgínia Côrtes de Lacerda, Rio de Janeiro. 01p. Arquivo Pessoal.

<sup>144</sup> CAMARA, Helder; LACERDA, Virgínia Côrtes de. Anotações as margens da obra de Daniel Halévy, Péguy et les cahiers de la quinzaine. Rio de Janeiro, fevereiro de 1944. Arquivo do Centro de Documentação Helder Camara (CeDoHC).

<sup>145</sup> Os dias 07 de fevereiro de 1909 e 15 de agosto de 1931 são, sem dúvida, bastante representativos para a vida de Helder Camara, uma vez que marcam o seu nascimento e a sua ordenação sacerdotal, respectivamente.

<sup>146</sup> Sobre Santa Cecília Cf. SGARBOSSA, Mário e GIOVANNINI, Luigi. **Um santo para cada dia**. São Paulo: Paulos, 1983.



as vezes que fazem referência a seus compromissos com os pobres e quando estão em pleno envolvimento com a Regra do Apostolado Oculto.<sup>147</sup> As margens do livro de Daniel Halevy, Helder, em março de 1944, inicia com Virgínia o seguinte diálogo:

- Tenho uma irmã que tem dois nomes. Uso-os na oração, falando ao Bom Deus... Quer amostras? Caecilia e Frei Jacoba... Frei Jacoba é o mais querido.
- Por quê? Mas meu destino é ter apelidos carinhosos, sem merecê-los.
- O encanto de Frei Jacoba vem do Monsior. Lembra-me a Proporção Ideal.<sup>148</sup>

As referências a Francisco de Assis nas cartas são constantes. Elas perpassam desde as menções a vida do santo as extensas bibliografias estudadas e anotadas em suas margens. A relação de Francisco de Assis com a pobreza sempre causou profunda impressão em Helder, configurando-se em cenas de constante reflexão em seus escritos:

Em menos de 48 horas, duas aventuras deliciosas em louvor da Senhora Pobreza.

Sábado à tarde: os mil reis ganhos para pagar o bonde até o Santa Úrsula e depois até a cidade, caíram, rolaram pelo estribo, desapareceram. Um homem põe quatro reis em minha mão e salta do bonde em movimento. E do Instituto à cidade? Dei a aula tranquilo. Segui a pé, felicíssimo, até Tamoios, 32. E do Nacional até a sede das Senhoras Brasileiras? Quando achei os quinhentos reis ao meu lado, tive a impressão que Pedro deve ter sentido quando, por ordem do Mestre, encontrou na boca do peixe, a moeda para o imposto. CR\$ 0,50 + 0,10 = CR\$ 0,60. – o que deu para o bonde e para uma xícara de café, que teve o sabor de um almoço delicioso.

Domingo à noite; passei das dez as onze e dez, no Tabuleiro da Baiana, com dez centavos no bolso. Os bondes passavam e eu esperava algum conhecido que me valesse. Nunca entendi tanto os pobres. Tive ímpetos de gritar a multidão desconhecida: ‘não somos estranhos, somos irmãos! Ajudem-me pelo amor de Deus.’

<sup>147</sup> Inspirada nas regras franciscanas e beneditinas, a Regra do Apostolado Oculto fora escrita por Helder Camara, Virgínia Côrtes de Lacerda e Cecília Monteiro entre 1945 e 1947 com o objetivo de servir como regra de vida para um grupo de jovens mulheres católicas que comungavam dos ideais do padre Helder.

<sup>148</sup> CAMARA, Helder; LACERDA, Virgínia Côrtes de. Anotações as margens da obra de Daniel Halévy, Péguy et les cahiers de la quinzaine. Rio de Janeiro, fevereiro de 1944. Arquivo do Centro de Documentação Helder Camara (CeDoHC).

Surgiu um primeiro conhecido. Faltou coragem de pedir. (Como te entendi, Monsior, que para pisar o amor próprio dos teus filhos, escreveste na Regra a obrigação de esmolar!).

Um segundo conhecido se foi sem que chegasse a coragem de estender a mão. (Pensei nas desculpas que os pobres arranjam e achei-as mais do que compreensíveis!).

Terceira oportunidade perdida (E eu me lembrei: quando um pobre envergonhado abre a boca e fala quanto tempo levou tomando coragem para falar?).

Não fizeste milagre para que a aventura encantadora fosse vivida até o fim. (Pensei em pedir vinte centavos emprestado ao homem da banca de jornais, um irmão que me desconhece. Olhei os pobres espalhados pelo Tabuleiro e lembrei-me de fazer ali mesmo um comício em favor da classe a que a Providência me incorporava durante instantes deliciosos.

De repente, senti-me Jesus Cristo! E tomei o primeiro bonde que passou, disposto a levar, por Ele e pela Senhora Pobreza, a vergonha até o fim. Como o condutor irá receber minha desculpa? A mania de julgar está descobrindo que ele tem cara de poucos amigos. Ainda por cima estou alinhado demais para que me acreditem com um tostão no bolso. Faltam dois bancos antes de o cobrador chegar onde estou. Ninguém se lembrará de pagar por mim? Devo pedir baixinho ou deixar que os visinhos me escutem e esmolar, feliz, pelo amor de Deus?

Quando notei me explicara, em tom firme e natural, com o motorneiro que foi gentilíssimo. (Quem disse que não há mais cavaleiros no nosso século?). O bonde me pareceu mais iluminado. A cidade mais recolhida. Os anjos de Deus cantavam, na surdina, loas à Senhora Pobreza.<sup>149</sup>

Embora a grande companheira de Francisco de Assis tenha sido Clara, foi o nome da senhora Jacoba de Settesoli o escolhido para Virgínia. A senhora Settesoli era uma jovem romana, casada com o nobre Graciano Frangipani, que acolhia Francisco em suas andanças por Roma. Segundo os biógrafos, após uma amizade de quatorze anos, Jacoba de Settesoli teria pressentido a morte de Francisco e providenciado uma cesta com túnica e velas dirigindo-se, em seguida, ao mosteiro de São Damião, em Assis. À entrada do mosteiro, Francisco teria anunciado a Frei Leão a chegada da senhora de Settesoli ordenando a entrada de Frei Jacoba.<sup>150</sup> Dessa forma, Helder confere a Virgínia o nome da jovem romana e

<sup>149</sup> CAMARA, Helder. Carta Pessoal. 14 de abril de 1946, Rio de Janeiro. Para Virgínia Côrtes de Lacerda, Rio de Janeiro. 03p. Arquivo Pessoal. (Grifos do autor).

<sup>150</sup> Sobre Francisco de Assis e Jacoba de Settesoli Cf. SGARBOSSA, Mário e GIOVANNINI, Luigi. **Um santo para cada dia**. São Paulo: Paulos, 1983.

registra: “que a mulher forte – digna de ser chamada de Frei – ajude a irmã querida a ser forte até o fim”.<sup>151</sup>

No jogo com os pseudônimos, a admiração por Francisco de Assis apresenta ainda outros fatores muito interessantes. A ideia de um (re)nascimento a partir da aceitação de um caminho, que os levaria a ascensão espiritual, trás a tona o convite a infância espiritual. Tal convite está atrelado ao imaginário católico que concede as crianças o lugar de seres puros e inocentes, dignas da entrada no reino dos céus. Imerso nesse imaginário, Helder não deixou de buscar sua infância e de conferir a ela um lugar junto aos seus vários pseudônimos.

O convite a infância espiritual é dirigido a todos. Não me devo acanhar do garotinho que mora em mim e de vez em quando dá sinal de vida. E se arranjássemos um nome para ele? Se acompanhássemos por toda parte o garoto que mora em nós? Quer escolher um nome para ele?<sup>152</sup>

O nome escolhido por Virgínia foi *Francesco*, mais uma referência a Francisco de Assis. *Francesco* correspondia ao pequeno Helder de apenas seis anos de idade.



<sup>151</sup> CAMARA, Helder. Carta Pessoal. 25 de setembro de 1945, Rio de Janeiro. Para Virgínia Côrtes de Lacerda, Rio de Janeiro. 03p. Arquivo Pessoal.

<sup>152</sup> CAMARA, Helder. Carta Pessoal. 16 de abril de 1944, Rio de Janeiro. Para Virgínia Côrtes de Lacerda, Rio de Janeiro. 06p. Arquivo Pessoal.

Figura 08: Fotografia de Helder Camara aos seis anos, em 1915.  
Fonte: Arquivo Pessoal.<sup>153</sup>

Como *padre José*, nome sempre presente na vida de Helder Camara e que “teria sido o seu se o desejo de sua mãe tivesse sido atendido”,<sup>154</sup> assina os pequenos textos em forma poética, escritos desde os tempos do seminário, chamados de *Meditações*.<sup>155</sup>

Resultados das vigílias, as *Meditações do padre José* se mesclavam as cartas. Por vezes, um assunto era interrompido por uma meditação que acabara de nascer, mas, na maioria das vezes, cabiam as poesias a tarefa de encerrar a correspondência.

Nascidas de forma espontânea, às meditações tratam dos temas mais variados. Nelas Helder retratou o cotidiano da cidade e as paisagens que podia ver do estribo do bonde, os sons que ouvia enquanto rezava, o canto dos pássaros que brincavam nos jardins da Casa Ruy Barbosa e as cantigas de ninar que ouvia quando era criança. Algumas das vezes, as meditações surgiam de forma repentina e nos lugares mais remotos, até mesmo ao ouvir o barulho das turbinas do avião enquanto esperava ansioso a decolagem.

#### Decolagem...

‘O avião vai partir...’  
E eu pulei dentro dele como criança feliz

<sup>153</sup> Em carta de 30 de junho de 1944, Helder dedica à Virgínia Côrtes de Lacerda o retrato com os seguintes dizeres: *o pequeno Francesco ainda de cachos*.

<sup>154</sup> CASTRO, Marcos de. **Dom Helder**: misticismo e santidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p. 57.

<sup>155</sup> O Centro de Documentação Helder Camara (CeDoHC) dispõe de um catálogo com 7.547 *Meditações do padre José*, das quais poucas foram publicadas. No entanto, a grande maioria permanece inédita e algumas desconhecidas, inclusive as escritas nas correspondências pessoais e nas margens dos livros. Sobre as *Meditações do padre José* Cf. CAMARA, Helder; BROUCKER, José de. **Les conversions d'un Évêque**: Entretiens avec José de Broucker. Paris: L'Harmattan, 2002; PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. **Dom Helder Camara**. Entre o poder e a profecia. São Paulo: Editora Ática, 1997; PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. **Dom Helder Camara**. O profeta da paz. São Paulo: Contexto, 2008; CAMARA, Helder. **Mil razões para viver**: meditações de padre José. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983; BARROS, Raimundo Caramuru; OLIVEIRA, Lauro de (organizadores). **Dom Helder**: O artesão da paz. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2000; CASTRO, Marcos de. **Dom Helder**: misticismo e santidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002; ROCHA, Zildo. **Helder, o Dom**: uma vida que marcou os rumos da Igreja no Brasil. Petrópolis: Editora Vozes, 1999; MONTENEGRO, Antônio T.; SOARES, Edla; TEDESCO, Alcides (org). **Dom Helder, peregrino da utopia**: caminhos da educação e da política. Recife: A Prefeitura; Editora Universitária da UFPE, 2002.

que viaja de trem pela primeira vez.  
 Bagagens?  
 Quem vai vestir-se de luz  
 não precisa mais das roupagens terrenas,  
 inventadas contra o frio e a falta de pudor...  
 Se eu não termino a página começada?  
 Ou ao menos a palavra cortada ao meio?  
 Quem sobe aos pés do silêncio vê  
 como as palavras dividem  
 como soam diferentes  
 como escondem o pensamento  
 ao invés de revelá-lo...  
 Se eu não volto?  
 Pergunto à ave se ele pensa na prisão de que fugiu.  
 E ao perfume, se deseja voltar.  
 E a flor donde nos veio.  
 E à luz se quer limitar-se ou galgar as alturas  
 encher os espaços imaculada e pura  
 intocada, intangível, filha dileta de Deus.<sup>156</sup>

As primeiras Meditações do padre José foram escritas ainda no Seminário da Prainha, em Fortaleza, mas tornaram-se conhecidas do público muitos anos depois. Em entrevista ao jornalista francês José de Broucker para a obra *Les conversions d'un Évêque*, Helder Camara lembra que Virgínia acabou dividindo com um grande amigo, o padre Leonel Franca, as meditações que acreditava ser verdadeiras poesias. Helder lembra que o padre Franca logo o procurou indagando acerca do tal *padre José* e sobre seus escritos. Bastante intimidado com a cobrança de seu orientador espiritual, minimizou a importância das meditações, argumentando que eram poesias sem relevância e que, na maioria das vezes, acabava rasgando-as. Helder argumentara que para ele, as meditações eram “*comme des fleurs qui naissaient, qui étaient offertes, et qui devaient disparaître*”.<sup>157</sup> Segundo Helder, o padre Franca teria pedido que ao invés de destruí-las, as entregasse a Virgínia concedendo a ela sua guarda e conservação. Helder assim o teria feito e a amiga passou a datilografar e reunir todas as meditações que recebia diariamente.<sup>158</sup>

De acordo com as correspondências, em 1946 Helder resolveu apresentar suas meditações ao amigo Alceu Amoroso Lima. Em carta a Virgínia Côrtes, o

<sup>156</sup> CAMARA, Helder. Decolagem. Meditação do padre José. Rio de Janeiro, 26 de outubro de 1945. Arquivo Pessoal. (Grifo do autor).

<sup>157</sup> CAMARA, Helder; BROUCKER, José de. **Les conversions d'un Évêque**: Entretiens avec José de Broucker. Paris: L'Harmattan, 2002. p. 101. Tradução livre da autora: “como as flores que nascem, que são oferecidas, e que depois desaparecem”.

<sup>158</sup> *Ibidem*.

missivista narra que o doutor Alceu teria ficado encantado, acreditando serem os poemas de uma “experiência mística puríssima, rebentando e florindo em quintessência poética”,<sup>159</sup> sugerindo ao amigo a publicação imediata das meditações. Ainda de acordo com a carta, Helder teria concordado desde que a autoria das meditações fosse mantida em sigilo. Assim, a Agir, editora dirigida por Alceu, lançaria as *Meditações de um sacerdote*, com comentários do diretor sobre o autor anônimo.<sup>160</sup>

Infelizmente, o projeto de publicação das *Meditações de um sacerdote* não seguiu adiante e as *Meditações do padre José* só foram publicadas anos depois. No entanto, o desejo de preservá-las estava latente em Helder e, sobretudo, em Virgínia que passou a escrever em pequenos caderninhos de bolsos algumas das meditações que avaliava serem as mais significativas. Uma vez prontos, presenteava as amigas mais íntimas com os pequenos cadernos de *Meditações do padre José*.<sup>161</sup>

### 2.3 Os caminhos da História

O historiador Peter Gay, em *O coração desvelado*, ao tratar do espírito das cartas na era vitoriana fala-nos que as missivas são, comumente, uma espécie de “linguagem do coração”, “uma cópia da alma” por tratarem, sem reservas, de assuntos íntimos e corriqueiros.<sup>162</sup> Nossa leitura das correspondências de Helder Camara e Virgínia Côrtes nos permite observar que o ato da escrita de cartas possibilitava aos missivistas estarem próximos, compartilhando experiências, anseios, desejos e aspirações: sentimentos corriqueiros no viver e nas relações cotidianas, mas passíveis a inúmeras interpretações.

<sup>159</sup> CAMARA, Helder. Carta Pessoal. 17 de julho de 1946, Rio de Janeiro. Para Virgínia Côrtes de Lacerda, Rio de Janeiro. 03p. Arquivo Pessoal.

<sup>160</sup> *Idem*.

<sup>161</sup> Em carta de julho de 1946, o missivista escreve acerca do cuidado da amiga com a conservação do material: “Quanto trabalho você vem tendo com as meditações! Vou precisar do livrinho na quinta-feira”. Cf. CAMARA, Helder. Carta Pessoal. 22/23 de julho de 1946, Rio de Janeiro. Para Virgínia Côrtes de Lacerda, Rio de Janeiro. 05p. Arquivo Pessoal. Ver imagem do caderno de anotações utilizado por Virgínia para registrar as meditações no Anexo D.

<sup>162</sup> GAY, Peter. **O coração desvelado**: a experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud. Tradução de Sérgio Bath. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 340.

Segundo os relatos apresentados nas correspondências, era justamente o receio com as possíveis interpretações acerca de tal amizade que os teriam conduzido a adotarem uma série de medidas capazes de assegurar que a relação se mantivesse com certa reserva. Assim, torna-se possível observar que a opção pelo uso de pseudônimos na *História da Confiança* não se resume apenas a prática de um dos hábitos do missivista:

Só mantenho (e mantereí) em sigilo os nossos nomes, porque somos tímidos e porque é grande a incompreensão humana. Mas a graça me daria coragem para dividir com todos a harmonia celestial do nome queridíssimo dado a minha irmã.<sup>163</sup>

O uso constante dos pseudônimos nos manuscritos de Helder e Virgínia impõe ao pesquisador a árdua tarefa de identificar os verdadeiros personagens da história narrada, através de um cuidadoso processo de análise e comparação das informações contidas nesses escritos. Em 2003, ao realizarmos uma série de entrevistas com as pessoas que compunham seus círculos de amizade mais próximos, ouvimos sempre a mesma resposta negativa à questão: “quem foram padre Albertus e Caecilia?”. Isto nos mostra que até mesmo em meio a um grupo bastante seletivo e íntimo havia uma relação particular e reservada entre Helder Camara e Virgínia Côrtes.

O cuidado para que tal amizade fosse mantida em sigilo representou uma tarefa demasiadamente complicada. Por várias vezes, estiveram muito próximos por ocasião das aulas nas Faculdades Católicas e no Instituto Santa Úrsula ou do trabalho no Ministério da Educação, mas procuravam sempre se manter a distância, em reserva. Exemplo disso está em uma passagem de 23 de janeiro de 1944, onde o padre Helder relata que ao final da missa na Escola de Enfermagem Ana Nery enquanto todos saíam, permaneceu observando-a ao longe: “Eu esperava o ônibus quando você saiu: Acompanhei-a com as minhas bênçãos enquanto a pude divisar”.<sup>164</sup>

---

<sup>163</sup> CAMARA, Helder. Carta Pessoal. 03 de maio de 1944, Rio de Janeiro. Para Virgínia Côrtes de Lacerda, Rio de Janeiro. 04p. Arquivo Pessoal.

<sup>164</sup> CAMARA, Helder. Carta Pessoal. 23 de janeiro de 1944, Rio de Janeiro. Para Virgínia Côrtes de Lacerda, Rio de Janeiro. 05p. Arquivo Pessoal.

As missivas estão repletas de encontros e desencontros onde as palavras deram lugar ao silêncio para que a amizade se mantivesse em reserva.<sup>165</sup> No entanto, observamos na escrita epistolar e nos (des)encontros cotidianos um duelo constante entre a medida da ordem externa e a ordem interna, entre o plano do visível e do invisível.

A ordem interna é, em nossa consciência, o reflexo da ordenação divina. A ordem externa consiste no respeito que os outros nos merecem, nas atenções que devemos ao próximo. Contra a ordem interna nunca nos é lícito pecar. Seria bom que houvesse sempre correspondência entre as duas ordens. Mas e se os homens que constituem a ordem externa (a massa que forma opinião, o mundo que esta fora de nós) se enchessem de preconceitos, tomarem posição errada, somos ainda obrigados a prender-nos a ordem externa?

Escândalo é o mal espiritual que causamos ao nosso próximo.<sup>166</sup>

Entre as duas ordens, Helder e Virgínia optaram pela adoção da ordem interna na prática dos estudos constantes, na escrita diária das cartas e na preocupação com a guarda e a conservação dos manuscritos que registram a *História da Confiança*. Todavia, a ordem externa parecia prevalecer nos cuidados, tomados por ambas as partes, para que a relação fosse mantida com a mais possível reserva.

Até mesmo a troca das cartas e dos livros que estavam sendo anotados era realizada de maneira bastante discreta. A correspondência chegava aos seus destinatários das mais variadas formas. Quando estavam em cidades diferentes às epístolas eram postas em envelopes e endereçadas ao destinatário, mas, na grande

---

<sup>165</sup> Em carta de 06 de maio de 1944, Helder escreve: “Não conheço o inverno europeu e não sei, por experiência própria, a impressão de conforto que uma lareira deve causar em uma fria noite invernos. Mas é a imagem que me ocorre quando penso na confiança. Ela nos aquece o coração e não deixa que o pobrezinho trema de frio. Ela me vale ao receber certos telefonemas em que o silêncio é de um suave carinho e as palavras reticentes de frias. Ela me vale, de modo especial, nos encontros públicos: no Aeroporto Santos Drummond no dia de minha chegada (em breve um ano... um ano ou um século?); no Santa Úrsula (Caecilia conversava com um professor – o meu querido Clovis – e, aparentemente, se angustiou com minha interferência); na São Clemente (o Pe Albertus conversava com o Teobaldo – Caecilia nem chegou a falar com o próprio irmão); na Pequena Cruzada, hoje (6.5.44) ao entrar, Caecilia nem viu o sorriso amável que eu lhe ofertei, passando abstrata tal como ela me viu, um dia subindo a São Clemente”. Cf. CAMARA, Helder. Carta Pessoal. 06 de maio de 1944, Rio de Janeiro. Para Virgínia Côrtes de Lacerda, Rio de Janeiro. 07p. Arquivo Pessoal.

<sup>166</sup> CAMARA, Helder. Carta Pessoal. 23 de janeiro de 1944, Rio de Janeiro. Para Virgínia Côrtes de Lacerda, Rio de Janeiro. 05p. Arquivo Pessoal.



maioria das vezes, as trocas diárias das missivas ocorriam por ocasião da missa das seis da manhã celebrada pelo padre na Escola de Enfermagem Ana Nery.<sup>167</sup> As cartas passavam de um ao outro através de encontros rápidos, antes ou depois da celebração, ou eram simplesmente depositadas em baixo da pasta que o padre deixava em cima de uma cadeira na sacristia.

Podendo, chegue um pouco mais cedo (um minutinho basta) e troque exercícios comigo (mesmo indo um instante à sacristia). Chegando e eu já estando no altar, se a timidez permitir – ao partir, depois da comunhão – entre um instante de sacristia adentro. Em uma cadeira encontrará a pasta e debaixo desta uma encomenda para você.<sup>168</sup>

Por vezes, buscavam-se alternativas para que as cartas e livros circulassem sem que a atenção das pessoas fosse despertada.

O livro que, na terça-feira, deixei em cima de sua carteira (envolvido no mesmo papel com que tinha vindo das suas às minhas mãos), passou o dia pela 56. Ontem, encontrei-o no meu canto, à hora do café. O erro foi meu: devia ter posto o seu nome por fora ou ter metido o livro dentro de sua carteira.<sup>169</sup>

Em dados momentos, a necessidade de uma comunicação repentina fazia com que recorressem a um telefonema ou uma carta bastante contida e sempre escrita em tons formais:

Dona Virgínia,  
Terminado o casamento das 15:30, terei – como lhe disse – às 16hs um encontro com o Dr. Moreira da Fonseca.  
Ruth, no entanto, insiste pelo encontro na Praça XV, marcado, em tese, para as 16:30. Assim que me arrancar do Dr. Moreira, irei para lá. Uma benção muito amiga do Pe. Helder.<sup>170</sup>

<sup>167</sup> Ver imagem dos envelopes com endereçamentos no Apêndice B.

<sup>168</sup> CAMARA, Helder. Carta Pessoal. 27 de março de 1944, Rio de Janeiro. Para Virgínia Côrtes de Lacerda, Rio de Janeiro. 02p. Arquivo Pessoal.

<sup>169</sup> CAMARA, Helder. Carta Pessoal. 07 de dezembro de 1944, Rio de Janeiro. Para Virgínia Côrtes de Lacerda, Rio de Janeiro. 02p. Arquivo Pessoal.

<sup>170</sup> CAMARA, Helder. Carta Pessoal. 06 de maio 1944, Rio de Janeiro. Para Virgínia Côrtes de Lacerda, Rio de Janeiro. 05p. Arquivo Pessoal.

Durante séculos, as pessoas guardavam, ou escondiam as cartas em uma gaveta ou em um móvel especial.<sup>171</sup> Dessa forma, em mãos do destinatário, as missivas escritas por Helder Camara e Virgínia Côrtes, eram cuidadosamente reunidas e preservadas em pequenas escrivatinhas. De tempos em tempos, conforme o volume de papéis ia se acumulando, Helder colecionava tudo em grossos cadernos destinados a Virgínia que ficaria encarregada da guarda e conservação dos documentos.

Lá se foi mais um volume da História da Confiança. Conhece alguma história mais encantadora? Vale ou não vale as Mil e Uma Noites e os mais deliciosos contos de fadas? São contos de minha Fada Azul.<sup>172</sup>

De acordo com a correspondência, os cuidados para que essa afinidade fosse mantida em sigilo e o avanço dos problemas cardíacos levou Virgínia a se preocupar quanto ao destino das cartas e das anotações às margens dos livros. Afeita à ideia da morte, em 1945, Virgínia Côrtes remete a Helder a chave da escrivatinha onde guardava as correspondências.<sup>173</sup> Ainda em março de 1944, em carta ao amigo Helder, ressalta essa preocupação através do pedido para que tais documentos fossem destruídos após a sua morte. Pedido que Helder responde da seguinte forma:

Pensou bem no que me pediu? Caecilia tem certeza de ir primeiro e quer que eu prometa, no dia seguinte ao do enterro, rasgar tudo. E se eu lhe fizesse pedido semelhante? Não seria rasgar duas vezes a alma? Não seria esmagar a quem já está esmagado?  
Como desejo prometer para cumprir (aponte, na História da Confiança, os dois pecados contra a medida – serão rasgados

<sup>171</sup> Sobre essa prática Cf. GAY, Peter. **O coração desvelado**: a experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud. Tradução de Sérgio Bath. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

<sup>172</sup> CAMARA, Helder. Carta Pessoal. 05 de março de 1945, Rio de Janeiro. Para Virgínia Côrtes de Lacerda, Rio de Janeiro. 04p. Arquivo Pessoal.

<sup>173</sup> Sobre essa passagem, Helder Camara em carta de março de 1945 escreve: “Estremeci ao ter em mãos o bilhete e a chave remetidos com o exercício de ontem. Tive a impressão de receber a chave de seu caixão. Teria mesmo a coragem de abrir o móvel querido? Teria animo de rever, na terra, a História da Confiança?”. Cf. CAMARA, Helder. Carta Pessoal. 05 de março de 1945, Rio de Janeiro. Para Virgínia Côrtes de Lacerda, Rio de Janeiro. 04p. Arquivo Pessoal.

imediatamente, por mais que isso me custe. O prometido é prometido), peço que reflita um instante e torne a falar: exige mesmo de mim provação tão grande? Não se constranja. Se exigir, juro à fé de cavaleiro que seu desejo será sagrado para mim.

Se eu for primeiro, nada lhe peço quanto aos exercícios. Prefiro até que eles lhe fiquem falando e que de suas páginas silenciosas saiam, perenemente, as bênçãos intermináveis com que as carrega o Pe. Albertus.<sup>174</sup>

Escritas à mão, e por isso testemunhas ainda mais eloquentes de quem as escrevera, as cartas de Helder e Virgínia pareciam parte essencial de uma pessoa importante e destruí-las poderia representar privar-se de um presente valioso: a presença de alguém que estava 'distante'. Todavia, o desejo do outro deveria ser respeitado, mesmo que atendê-lo custasse muito:

Prometo à minha querida Caecilia que, se ela partir antes do Pe. Albertus cumprirei o sacrifício que exige de mim. A menos que a sentença dolorosíssima me seja poupada. Mas encontraria eu consolo perturbando a tranquilidade de minha irmã?

Cumprirei o sacrifício com a graça de Deus!

Faça com os meus exercícios o que bem entender. Uma das formas de humildade que cultivo é não pensar no que vão pensar a meu respeito. Já então o juízo definitivo de Deus estará lançado: de que me adiantará o juízo dos homens? Não pergunte pela minha timidez. Timidez é imperfeição do plano horizontal. Filha legítima do amor próprio. Se, com a graça de Deus, as humilhações não me causarem repugnância, por que temer, por que temer?<sup>175</sup>

Selado o acordo acerca do destino da correspondência pessoal, Helder, em um ato que mais se apresenta como uma forma amiga de acalmar as inquietações de Virgínia propõe também um cuidado especial em relação às anotações às margens dos livros que liam e reliam juntos.

Não houve represálias no caso das anotações a lápis. Pensei: Caecilia – pensando em partida minha ou dela – não ficaria mais tranquila sabendo que as anotações estão todas fáceis de apagar?

---

<sup>174</sup> CAMARA, Helder. Carta Pessoal. 04 de março de 1944, Rio de Janeiro. Para Virgínia Côrtes de Lacerda, Rio de Janeiro. 03p. Arquivo Pessoal. (Grifo do autor).

<sup>175</sup> CAMARA, Helder. Carta Pessoal. 08 de março de 1944, Rio de Janeiro. Para Virgínia Côrtes de Lacerda, Rio de Janeiro. 03p. Arquivo Pessoal.

Pensei em sua tranquilidade e imaginei-me, esmagado, apagando as anotações de volta do cemitério de São Francisco Xavier.<sup>176</sup>

O medo da morte prematura também conduzia a algumas tomadas de providência por parte do padre Helder sobre o que fazer com seus manuscritos. Em 1945, uma viagem de avião para a cidade de São Paulo, configurava um momento apropriado para transmitir das seguintes recomendações:

Em caso de morte minha, a você caberia a chave da secretária onde estão, devidamente rotulados, papéis de consciência. [...] Não tive tempo de rever todos os papéis em que fica letra minha. [...] Faça com eles o que bem entender. Quando muito aqui e ali, algum pensamento poderia ser inserido num livro seu.

Já fiz o ato de humildade de nem pensar em tantas páginas inexpressivas que fica por aí. Teria muitas explicações a dar:

- Algumas graves: como o mistério da preferência por você.
- Outras leves: como esclarecer o uso constante de papel do Ministério da Educação? É tão mais humilde morrer sem explicações. Confiar no Bom Deus e no próximo.

Deixo apenas os avisos que me parecem indispensáveis. A chave da secretária fica dentro do fichário grande. Os livros anotados por nós são seus.

Provavelmente nada acontecerá. Se acontecer, reúna as amigas e leia o 'poema' albertino sobre a partida de avião. Partirei dizendo: 'Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito'.<sup>177</sup>

Em 1950, com a colaboração de Virgínia Côrtes e Cecília Monteiro, Helder Camara escreve um pequeno manuscrito chamado *Testamento Espiritual*. Nele, o padre após traçar um balanço de sua vida, finda mencionado sua aceitação perante a morte e designando o destino dos manuscritos:

Com a Graça de Deus, aceito a morte onde, quando e como a Providência o determinar nada tenho para concluir. Nenhum desejo a realizar. Recebi infinitamente mais do que poderia sonhar. [...] De qualquer modo, esta é a hora de dizer a Frei Jacoba:

- depois de minha morte (se eu for primeiro), se for possível publique as Meditações do Padre José (o mais simples, talvez [...] seja evitar

<sup>176</sup> CAMARA, Helder. Carta Pessoal. 20 de abril de 1944, Rio de Janeiro. Para Virgínia Côrtes de Lacerda, Rio de Janeiro. 03p. Arquivo Pessoal.

<sup>177</sup> CAMARA, Helder. Carta Pessoal. 08 de novembro de 1945, Rio de Janeiro. Para Virgínia Côrtes de Lacerda, Rio de Janeiro. 03p. Arquivo Pessoal.

prefácios elogiosos: quando muito, uma rápida e discreta palavra explicando como vinham as meditações.

- depois de minha morte (se eu for primeiro), se julgar espontâneo publique a Regra e os Comentários (prefácio discreto e, quando preciso, notas ao pé da página); o mesmo vale para a Correspondência.<sup>178</sup>

Apesar da preocupação prematura, a morte de Helder Camara estava muito distante e a partida de Virgínia se daria apenas quinze anos depois.<sup>179</sup> Na ocasião, em 1959, para surpresa de Helder que teimava em não acreditar em tamanhos cuidados,<sup>180</sup> Virgínia havia reunido tudo o que ele lhe havia comunicado – as *Meditações do padre José*, os cadernos de anotações, os programas de recolhimentos e retiros e o conjunto de cartas pessoais – em um grande pacote com a recomendação de ser entregue ao amigo em caso de sua morte. Em *Les conversions d'un Évêque*, Dom Helder recorda que delegou à amiga comum, Cecília Monteiro, a tarefa de cumprir o prometido quanto às cartas escritas por Virgínia e a confiou a guarda de suas cartas pessoais.<sup>181</sup>

Outro caminho foi encontrado para as anotações às margens dos livros de sua biblioteca pessoal: em lugar de simplesmente apagar os comentários da amiga, o que certamente lhe custaria muito emocionalmente, Helder resolveu encobrir a caligrafia de Virgínia com a sua letra, talvez uma tentativa de levar outras pessoas, que por ventura viessem a ter contato com as obras anotadas, a acreditarem se tratar apenas de seus comentários de leituras - o que de fato aconteceu por seis décadas até o nosso encontro.

A preocupação constante apresentada por Helder acerca do destino dos seus manuscritos possibilita-nos observar a importância conferida às cartas.<sup>182</sup> Aos

<sup>178</sup> CAMARA, Helder. **Testamento Espiritual**. Manuscrito, 1950. Arquivo Pessoal.

<sup>179</sup> Em *Les conversions d'un Évêque*, Dom Helder relembra da seguinte forma a morte de Virgínia Côrtes de Lacerda: “Virginia morreu muito rapidamente, de uma crise cardíaca, após haver permanecido dezoito horas sem poder reconhecer a nada e sem poder falar. Evidentemente, nós sabíamos que para ela era o começo da verdadeira vida. Mas a morte de Virgínia foi um sofrimento muito duro”. Cf. CAMARA, Helder; BROUCKER, José de. **Les conversions d'un Évêque**: Entretiens avec José de Broucker. Paris: L'Harmattan, 2002. p. 101. Tradução livre da autora.

<sup>180</sup> Em carta de 1944, Helder escreve: “Pedido de Caecilia é ordem para mim. Se ela partir primeiro, prometo procurar a família e pedir o que estiver lacrado e destinado ao Pe. Albertus. Às vezes não dá é tempo de lacrar”. Cf. CAMARA, Helder. Carta Pessoal. 21 de maio de 1944, Rio de Janeiro. Para Virgínia Côrtes de Lacerda, Rio de Janeiro. 04p. Arquivo Pessoal.

<sup>181</sup> CAMARA, Helder; BROUCKER, José de. **Les conversions d'un Évêque**: Entretiens avec José de Broucker. Paris: L'Harmattan, 2002. p. 101.

<sup>182</sup> Sobre a importância das cartas, em 1945, Helder registra: “A História da Confiança não nos pertence. Nenhum de nós pode rasgá-la – eu, pelo menos, não ousaria por mão sacrílega nos

olhos, a correspondência de Helder Camara e Virgínia Cortes de Lacerda são simplesmente cartas. Cartas poéticas, mas apenas cartas. Aos olhos mais atentos, diários que registram passagens com as mais diversas finalidades, registros de memórias, crônicas, depoimentos pessoais, autobiografia, uma oportunidade de rever paradigmas e verdades.

Não foi por acaso

Entre os milhares de encontros possíveis  
se deu nosso encontro.  
Entre as pessoas sem conta  
que passaram ao teu lado  
e se foram indiferentes,  
reconheceste em minha voz  
uma voz irmã.  
Não creio em acaso.  
És na minha vida  
uma mensagem do Eterno.  
Vieste dar e receber.  
Nas horas do meu desânimo  
aponta-me o céu!  
Quando estiveres prostrada  
lembrar-te-ei as palavras que ouviu  
no seio do Eterno a alma de luz  
que as mãos divinas mergulham  
neste corpo de barro.  
Rio, 24/25.01.1946.<sup>183</sup>

---

testemunhos da Graça de Deus. Uma ou outra palavra – de comum acordo – talvez possa e deva ser riscada. O conjunto é a História da Graça de duas almas irmãs”. Cf. CAMARA, Helder. Carta Pessoal. 28 de novembro de 1945, Rio de Janeiro. Para Virgínia Côrtes de Lacerda, Rio de Janeiro. 03p. Arquivo Pessoal.

<sup>183</sup> CAMARA, Helder. Não foi por acaso. Meditação do padre José. Rio de Janeiro, 24/25 de janeiro de 1946. Arquivo Pessoal. (Grifo do autor).

## **CAPÍTULO III**

### **HISTÓRIA AO PORTADOR: MEMÓRIAS EPISTOLARES**

## HISTÓRIA AO PORTADOR: MEMÓRIAS EPISTOLARES

“A lembrança é a sobrevivência do passado.”

Eclea Bosi.

Os relógios marcam por volta das onze da noite. Após um dia intenso, como geralmente eram todos os seus dias, o jovem padre Helder prepara-se para dormir. Vagarosamente, vai se acomodando, com muito cuidado, para não acordar as outras pessoas que dividiam com ele a casa 34, número 19 da rua Voluntários da Pátria.<sup>184</sup> O sono precisava ser bem aproveitado no reparo no pequeno corpo, quase sempre doente e cansado, porque dentro em breve, seu despertador soaria pontualmente às quatro horas da manhã para mais uma vigília, como fazia costumeiramente desde sua ordenação no Seminário da Prainha, em Fortaleza.

Ao soar do despertador, Helder levanta cuidadosamente, para não perturbar o sono do seu pai, João Camara, que dividia com ele um dos quartos da casa.<sup>185</sup> Em absoluto silêncio, tenta iniciar suas orações, mas, naquela vigília, seus pensamentos estão voltados para o *Grupo Confiança*. Há dias as constantes crises no grupo, as querelas pessoais envolvendo suas integrantes e as questões acerca da permanência, suspensão ou dissolução pairavam sobre seus pensamentos. Convicto que, naquele momento, *Confiança* era um sonho impossível,<sup>186</sup> senta-se em sua escrivaninha, toma nas mãos o papel com o timbre do Ministério da Educação e Saúde, e com a caneta em punho escreve:

Sinto que o dia de hoje terá muita importância em minha vida. Vai ser um dia de sofrimento intenso. Conforta-me estar com a consciência tranqüila, em paz com o Bom Deus e com a integrante querida da P.J.<sup>187</sup>

<sup>184</sup> PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. **Dom Helder Camara**. Entre o poder e a profecia. São Paulo: Editora Ática, 1997. p. 143.

<sup>185</sup> *Ibidem*. p. 145.

<sup>186</sup> Cf. CAMARA, Helder. Carta Pessoal. 22 de outubro de 1944, Rio de Janeiro. Para Virgínia Côrtes de Lacerda, Rio de Janeiro. 02p. Arquivo Pessoal.

<sup>187</sup> CAMARA, Helder. Carta Pessoal. 23 de outubro de 1944, Rio de Janeiro. Para Virgínia Côrtes de Lacerda, Rio de Janeiro. 03p. Arquivo Pessoal.



Em seguida escreve aquela que seria, talvez, sua primeira carta circular. Era uma segunda-feira, 23 de outubro de 1944, quando o padre Helder Camara comunica a dissolução do *Confiança*: “Minhas filhas, [...] Tenho um assunto grave a tratar com vocês. De todas espero a caridade de escutar-me até o fim, se possível, sem interrupções [...] Cometi com vocês uma falta imperdoável [...]”.<sup>188</sup>

Embora as correspondências sejam necessariamente escritas para serem lidas por certa pessoa, o que sela um ‘pacto epistolar’, em geral, nem sempre elas tratam apenas dos sujeitos diretamente envolvidos, ou seja, do remetente e do destinatário. Nas epístolas escritas pelo padre cearense Helder Pessoa Camara para a professora mineira Virgínia Côrtes de Lacerda, o autor discorre para além de sua relação de amizade. A correspondência apresenta ainda toda uma rede de sociabilidade, tornando possível o desenvolvimento de um estudo sobre relações cotidianas, caminhos, escolhas, ideias, confidências e expectativas criadas ao longo de um percurso entre indivíduos que marcam um tempo.

Arquivos pessoais são vistos pelos estudiosos como preciosas fontes para reconstruir um processo de itinerário de formação do imaginário social. No caso da correspondência de Helder Camara, as cartas, escritas em série, podem ser lidas como folhetins ou diários, permitindo-nos visualizar o percurso através dos quais suas ideias amadurecem e abrem novos caminhos de reflexão, porque não constituem um lugar isolado, fora das suas possibilidades de dizer e ser recepcionado. Trata-se de uma escrita de si que constitui e reconstitui sua(s) identidade(s) no decurso da troca de cartas, como bem assinala Ângela de Castro.<sup>189</sup> Assim, tal correspondência, apresenta possibilidades de leituras que sugerem uma visualização das relações e jogos de linguagens que envolviam a formação pelo qual o jovem padre percorria nos anos de 1944 a 1952.

Nesses anos, Helder formou em torno de si toda uma rede de sociabilidade que incluía parentes, amigos, colaboradores e colegas de trabalho vindos das mais diversas partes. Segundo a historiadora Ângela de Castro, em estudo a respeito da correspondência trocada entre Gilberto Freyre e Oliveira Lima, “o convívio entre intelectuais, como a leitura, é fundamental para o desenvolvimento

---

<sup>188</sup> CAMARA, Helder. Carta Circular. 23 de outubro de 1944, Rio de Janeiro. Para o Grupo *Confiança*, Rio de Janeiro. 04p. Arquivo Pessoal.

<sup>189</sup> GOMES, Ângela de Castro. **Em família**: a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre. Campinas: Mercado de Letras, 2005. Coleção Letras em Série. p. 13.

de ideias e sensibilidades”.<sup>190</sup> Embora Helder Camara se enquadre num tipo específico de intelectual católico, o desenvolvimento de suas ideias não se daria de forma diferente. Helder precisava estar envolvido em círculos de sociabilidade que, ao mesmo tempo, o situasse no mundo cultural bem como o permitisse tecer suas interpretações sobre o mundo do seu tempo.

Em suas cartas, o jovem padre discorre acerca de pessoas e lugares sociais que foram muito importantes em sua vida: a pensão de dona Cecy Cruz, o Ministério da Educação, o Palácio de São Joaquim, a Casa de Ruy Barbosa, a casa de Virgínia na Rua São Clemente, as aulas nas Faculdades Católicas e no Instituto Santa Úrsula, o *Grupo Confiança* e as noites de encontros para estudos e sarais, todos lugares de construção de ideias e pensamentos.

Partindo de suas cartas pessoais, voltamos nosso olhar para apreender um ‘outro’ em um espaço naturalmente íntimo, mas interligado. Buscamos compreender a escrita auto-referencial como um documento – uma fonte – capaz de nos fornecer subsídios para um razoável entendimento acerca de um itinerário de formação, “um espaço revelador de suas ideias, de seus projetos, opiniões, interesses e sentimentos”.<sup>191</sup> Nessa perspectiva, lemos as epístolas pessoais do padre Helder Camara em uma tentativa de compreender de que forma seus caminhos, suas escolhas e suas ideias propiciaram a invenção<sup>192</sup> de um lugar de sociabilidade bastante significativo em sua vida e na vida de outros: o *Grupo Confiança*.

Fundado em 1944 por Helder Camara, o *Grupo Confiança* reunia suas amigas dos primeiros anos na capital federal e alunas das Faculdades Católicas. Jovens que comungavam com seus ideais e que, um dia, dera o nome de *Família Mecejanense*. Grupo de leigos católicos, a *Mecejanense* esteve ao lado de Helder Camara por seis décadas, atuando no processo de transformação da Igreja Católica no Brasil – através das semanas sociais da Ação Católica, a criação da Conferência

---

<sup>190</sup> *Ibidem*. p. 12.

<sup>191</sup> *Ibidem*. p. 13.

<sup>192</sup> O termo invenção tem aparecido com frequência nos títulos dos livros, teses e dissertações escritas por historiadores e tem sido comumente utilizada para substituir termos como formação, desenvolvimento e/ou análise. Segundo o historiador Durval Muniz de Albuquerque, a ideia de invenção indica certa maneira de conceber o trabalho do historiador, indica um modo de se relacionar com o passado, com os documentos, com a memória, com a temporalidade, com a escrita da História, diferentes daquelas que foram hegemônicas em outros momentos. Cf. ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. **História**. A arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da história. Bauru, SP: EDUSC, 2007.

Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e a implantação de significativos projetos de assistência social – e no Concílio Ecumênico Vaticano II. Infelizmente, as biografias analisadas não se referem à existência e atuação do *Grupo Confiança* e apenas algumas, fazem menção a *Família Mecejanense*,<sup>193</sup> em especial quando trazem à baila as Cartas Circulares.<sup>194</sup>

Seguindo a trajetória que as epístolas, os depoimentos e outros manuscritos nos propõem é possível interpretar quão marcadamente profunda foi à relação estabelecida entre Helder Camara e o grupo ao qual dera o nome de “Família”, no tocante à mútua formação religiosa, cultural e, sobretudo, humana.

### 3.1 Caminhos, escolhas e ideias: as cartas como lugar de sociabilidade

Em 1944, Helder Pessoa Camara era um jovem padre de 35 anos de idade, que morava com o pai, João Camara, os irmãos Eduardo, Mardônio e Nair, e as cunhadas, Elisa e Norma, na casa de número 34 de uma vila que existe até hoje

<sup>193</sup> Sobre a Família Mecejanense Cf. CAMARA, Helder; BROUCKER, José de. **Les conversions d'un Évêque**: Entretiens avec José de Broucker. Paris: L'Harmattan, 2002; PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. **Dom Helder Camara**. Entre o poder e a profecia. São Paulo: Editora Ática, 1997; PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. **Dom Helder Camara**. O profeta da paz. São Paulo: Contexto, 2008; BROUCKER, José de. **Les nuits d'un prophète**. Dom Helder Camara à Vatican II. Paris: Les Éditions du Cerf, 2005; CAMARA, Helder. **Vaticano II – Correspondência Conciliar – Circulares à Família do São Joaquim, 1962-1964**. Introdução e notas Luiz Carlos L. Marques. IDHeC – Obras Completas. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2004; CAMARA, Helder. **Circulares Conciliares**. Notas Luiz Carlos Luz Marques e Roberto de A. Farias. Vol. I. Tomo I, II e III. Recife: Editora CEPE, 2009; CAMARA, Helder. **Circulares Interconciliares**. Notas Zildo Rocha. Vol. II. Tomo I, II e III. Recife: Editora CEPE, 2009.

<sup>194</sup> Hábil na escrita epistolar, ao participar do Concílio Ecumênico Vaticano II em 1962, Dom Helder Camara fez das Circulares seu jornal do Concílio e sua forma de está sempre junto dos amigos que chamava de “Família”. Assim, em meio às reuniões do Vaticano II, Dom Helder escreveu 290 cartas: uma por noite. Ao serem recebidas do Brasil, as cartas eram datilografadas em vários exemplares e circulavam entre os amigos e colaboradores que intimamente comungavam de seus ideais de Igreja simples e voltada para os pobres. Com o fim do Vaticano II, Dom Helder continuou a escrever dando notícias do Recife e seus mocambos, dividindo as angústias provocadas pelo embate com a Ditadura Militar e compartilhando seus sonhos em favor da paz. Depositadas nos arquivos do Instituto Dom Helder Camara (IDHeC), as 2.950 Cartas Circulares estão sendo, aos poucos, publicadas através do Projeto *Obras Completas*. Sobre as Circulares Cf. CAMARA, Helder. **Vaticano II – Correspondência Conciliar – Circulares à Família do São Joaquim, 1962-1964**. Introdução e notas Luiz Carlos L. Marques. IDHeC – Obras Completas. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2004; CAMARA, Helder. **Circulares Conciliares**. Notas Luiz Carlos Luz Marques e Roberto de A. Farias. Vol. I. Tomo I, II e III. Recife: Editora CEPE, 2009; CAMARA, Helder. **Circulares Interconciliares**. Notas Zildo Rocha. Vol. II. Tomo I, II e III. Recife: Editora CEPE, 2009; BROUCKER, José de. **Les nuits d'un prophète**. Dom Helder Camara à Vatican II. Paris: Les Éditions du Cerf, 2005; MARQUES, Luiz Carlos Luz. **II carteggio conciliare di Mons. Helder Pessoa Camara (1962-1965)**. Tese de Doutorado em História Religiosa defendida na Universidade de Bolonha – Itália, 1998.

na rua Voluntários da Pátria, 19. Apesar de pequena e modesta, a casa de três quartos, não parecia incomodar a família Camara, principalmente a Helder que fazia questão de está perto dos grandes amigos que fizera na pensão de dona Cecy Cruz.<sup>195</sup>

O *Consulado Cearense*, como o chamavam muitos, já não existia mais. Segundo os historiadores Nelson Piletti e Walter Praxedes, em 1941, já perto de completar seus cinquenta anos, a bela Cecy resolveu casar-se com o primo Paulo Saldanha. Os dois montaram uma nova casa e a pensão foi desfeita.<sup>196</sup> Todavia, nada fazia com que Helder esquecesse aquela que foi sua casa em seus primeiros anos no Rio de Janeiro, em especial pelas amizades que o lugar lhe proporcionou, como procuraremos mostrar em suas memórias biografadas.

Localizado no número 205 da Rua São Clemente, em Botafogo, “visinha da igreja de Santo Inácio, do lado direito de quem olha a igreja de frente”,<sup>197</sup> como orientava aos amigos que convidava para uma visita, o casarão, alugado a Cecy Cruz pelo príncipe dom Pedro de Orleães e Bragança, era considerado um verdadeiro *consulado cearense*, por hospedar os filhos das famílias mais influentes do Ceará que iam ao Rio de Janeiro para estudar. Ao chegar ao Rio de Janeiro, em 1936, e por cinco anos, Helder se hospedou na pensão de dona Cecy Cruz onde foi recebido com bastante carinho. O ambiente familiar e muito agradável, propiciava à possibilidade de fazer novas amizades, como o jovem padre pernambucano José Távora, fiel amigo para o resto da vida.<sup>198</sup>

Foi também na pensão que conheceu Nair Cruz de Oliveira, moça cearense, sobrinha de Cecy Cruz, que passou a ciceroneá-lo em inúmeros passeios aos pontos turísticos da “capital irradiante”.<sup>199</sup> Os dois se viam frequentemente na pensão, onde a moça também morava, e nos fins de semana ou nos dias de

<sup>195</sup> PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. *op. cit.* p. 143.

<sup>196</sup> *Ibidem.* p. 143.

<sup>197</sup> *Ibidem.* p.122.

<sup>198</sup> Sobre os anos em que Helder Camara morou no Rio de Janeiro, em especial sobre a pensão de dona Cecy Cruz, conferir os estudos de CAMARA, Helder; BROUCKER, José de. **Les conversions d'un Évêque**: Entretiens avec José de Broucker. Paris: L'Harmattan, 2002; PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. **Dom Helder Camara**. Entre o poder e a profecia. São Paulo: Editora Ática, 1997; PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. **Dom Helder Camara**: o profeta da paz. São Paulo: Contexto, 2008; CASTRO, Marcos de. **Dom Helder**: misticismo e santidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

<sup>199</sup> “Capital irradiante” é uma expressão utilizada pelo historiador Nicolau Sevcenko para descrever a cidade do Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX, mas que pode muito bem se estender para o Rio de Janeiro de 1944. Cf. SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnicas, ritmos e ritos do Rio. In. NOVAIS, Fernando A.; SCHWARCZ, Lilia Moritz (org). **Historia da vida privada no Brasil**: contrastes da intimidade contemporânea. Vol. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

carnaval, divertiam-se juntos nas festas do *consulado* ao som das marchinhas carnavalescas dos últimos anos, insistentemente tocadas pelas rádios Sociedade, Clube do Brasil e Mayrink Veiga.

Destacada por sua inteligência, Nair Cruz participava de um seleto grupo de jovens que se reunia com frequência para discutir política, religião, teatro, literatura e cinema. Como cicerone do padre Helder no Rio de Janeiro, Nair tratou de introduzi-lo nessa roda de amigos que incluía Antônio de Barros de Carvalho, Fernando Carneiro, Barreto Filho, Sobral Pinto e San Tiago Dantas.<sup>200</sup> Na realidade, todos já se conheciam de alguma forma, pois havia entre eles muitas afinidades intelectuais: o gosto pelos clássicos da literatura, o cultivo das artes e a proximidade de todos com o catolicismo e com o integralismo.<sup>201</sup>

Não obstante que o padre Helder seja um velho conhecido de todos, em especial pela sua atuação política nos anos 1930, as noites de encontros para estudos e sarais, abriram-no muitas portas e permitiram que laços antes distantes pudessem ser estreitados. Um deles se deu com Alceu Amoroso Lima. Apesar Helder Camara e Alceu Amoroso já terem trocado algumas correspondências – em uma delas, Alceu Amoroso Lima escrevia, ao padre de 22 anos, lamentando a morte de Jackson de Figueiredo e recomendando um jovem tenente, converso, chamado Severino Sombra<sup>202</sup> – fora apenas nos encontros do Rio de Janeiro que tiveram a oportunidade de se conhecerem pessoalmente e, em 1936, Alceu Amoroso Lima

<sup>200</sup> PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. **Dom Helder Camara: o profeta da paz.** São Paulo: Contexto, 2008. p. 107.

<sup>201</sup> O envolvimento do padre Helder Camara com a Ação Integralista Brasileira (AIB) fora de fato estreito e intenso. Ainda no Seminário da Prainha – um verdadeiro celeiro de padre reformados – Helder já se mostrava bastante envolvido com aqueles que seriam os ideais integralistas. Fora do Seminário, o jovem padre Helder e o tenente Severino Sombra liam e comentavam os artigos escritos por Plínio Salgado. Em 1932, ao fundar a Ação Integralista Brasileira, Plínio Salgado escreve a Severino Sombra convidando-o a chefiar o movimento no Ceará e oferecendo ao padre Helder Camara uma espécie de secretaria de Estudos da seção cearense da Ação Integralista, desde logo uma das mais importantes do país. Segundo estudiosos do tema, o padre Helder, ordenado havia menos de um ano, sacudiu o Ceará com suas pregações inflamadas sobre o integralismo ao lado de Severino Sombra. Sobre essa temática Cf., entre outros, PARENTE, Josênio Camelo. **Anauê – Os camisas-verdes no poder.** Fortaleza: EUFC, 1999; TRINDADE, Hégio. **Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30.** 2ª. Edição. São Paulo/Rio de Janeiro: DIFEL, 1979; SILVA, Giselda Brito. **A Ação Integralista brasileira em Pernambuco: 1932-1938.** 1996. Dissertação. (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife: 1996; REGIS, João Rameres. **Integralismo e coronelismo: interfaces da dinâmica política no interior do Ceará (1932-1937).** 2008. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: 2008.

<sup>202</sup> CAMARA, Helder; BROUCKER, José. **Les conversions d'un Évêque: Entretiens avec José de Broucker.** Paris: L'Harmattan, 2002. p. 65.

apresentava-se na condição de um dos fieis colaboradores de Dom Sebastião Leme.<sup>203</sup>

Outra grande amiga com quem conviveu bastante logo que chegou ao Rio de Janeiro foi dona Margarida Campos Heitor, esposa do general Campos Heitor. Segundo os historiadores Piletti e Praxedes, pertencia a dona Margarida a casa alugada à família Camara na vila da rua Voluntários da Pátria, 19.<sup>204</sup> Em sua correspondência, Helder em alguns momentos assinala que, todos os domingos e feriados, fazia questão de almoçar na casa de dona Margarida, onde era acolhido como uma pessoa da família.

Tenho uma amiga em cuja casa almoçava aos domingos, feriados e dias santos desde que cheguei ao Rio. Agora, de acordo com ela (mas com que caridade tive de agir!), troquei o almoço por uma ida rápida a noitinha de domingo.<sup>205</sup>

A carta de 1944 é apenas uma das inúmeras menções do padre a família Campos Heitor. Para além das correspondências, as fotografias de família também ilustram a proximidade e o afeto.

---

<sup>203</sup> Intelectual e católico leigo, Alceu Amoroso Lima representava uma peça importantíssima no processo de articulação da Igreja Católica Brasileira com o Estado, então, laico. Assim, o Dr. Alceu torna-se um dos fieis colaboradores de Dom Leme e assume os postos de Secretário Geral do Ramo Masculino das Associações Católicas, Secretário Executivo da Liga Eleitoral Católica e toma a frente do Centro Dom Vital e da Revista "A Ordem". Sobre Alceu Amoroso Lima e seu envolvimento com a Igreja Católica Brasileira Cf. CAMARA, Helder; BROUCKER, José de. **Les conversions d'un Évêque**: Entretiens avec José de Broucker. Paris: L'Harmattan, 2002; BANDEIRA, Marina. **A Igreja Católica na virada da questão social (1930-1964)**. Anotações para uma História da Igreja no Brasil (Ensaio e Interpretação). Rio de Janeiro: Editora Vozes: Educam, 2000; BEOZZO, José Oscar. **História da Igreja no Brasil**. Tomo II. Vol. II. Petrópolis: Editora Vozes, 1980; MICELI, Sérgio. **A elite eclesiástica brasileira**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1988; MONTENEGRO, João Alfredo. **Evolução do catolicismo no Brasil**: novo enfoque da história do catolicismo no Brasil. Petrópolis: Editora Vozes, 1972; ROSÁRIO, Irmã Maria Regina do Santo. **O Cardeal Leme**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1962.

<sup>204</sup> PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. *op. cit.* p. 143.

<sup>205</sup> CAMARA, Helder. Carta Pessoal. 14 de novembro de 1944, Rio de Janeiro. Para Virgínia Côrtes de Lacerda, Rio de Janeiro. 02p. Arquivo Pessoal.



Figura 09: Fotografia do padre Helder Camara com a família de dona Margarida Campos Heitor e do general Campos Heitor (ao centro) encaminhada à Virgínia Côrtes de Lacerda. No verso, dedicatória de 1943. Fonte: Arquivo Pessoal.

Havia oito anos desde sua chegada ao Rio de Janeiro, mas o padre Helder Camara não conseguia passar muito tempo longe dos amigos que fizera na pensão e nos seus primeiros anos na capital federal. Apesar dos dias corridos e repletos de inúmeros compromissos, fazia questão de estar sempre presente e atender com carinho todos os pedidos que recebia.

Segundo as biografias, as entrevistas e a correspondência, os dias do padre Helder começavam bem cedo, às quatro horas da manhã, com suas vigílias.<sup>206</sup> Às cinco horas, já cansado, deitava-se para um rápido sono até as seis,

<sup>206</sup> Durante suas vigílias, Helder realizava suas orações, suas leituras, escrevia seus discursos e suas cartas. Sobre essas vigílias Cf. CAMARA, Helder; BROUCKER, José de. **Les conversions d'un Évêque**: Entretiens avec José de Broucker. Paris: L'Harmattan, 2002; PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. **Dom Helder Camara**. Entre o poder e a profecia. São Paulo: Editora Ática, 1997; PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. **Dom Helder Camara**. O profeta da paz. São Paulo: Contexto, 2008; BROUCKER, José de. **Les nuits d'un prophète**. Dom Helder Camara à Vatican II. Paris: Les Éditions du Cerf, 2005; CAMARA, Helder. **Vaticano II** – Correspondência Conciliar – Circulares à

quando voltava a se levantar para um banho e, em jejum, ir celebrar a missa na Escola de Enfermagem Ana Nery, onde era capelão. Após a missa, atendia as pessoas que o procuravam na sacristia e, apenas depois, tomava o café da manhã, preparado pelas freiras ou se dirigia ao botequim da esquina, em companhia de amigos mais íntimos.

Quando conheci o padre Helder foi que passei a levar minha religião a sério. Passei a descobrir o valor da missa e comecei a frequentá-la diariamente. Não que ele tivesse me dito pra ir à missa diariamente, mas pelo o modo como ele falou sobre a missa e o modo pelo qual ele celebrava a missa... Tudo isso me tocou muito! Desde aí, comecei a ir a missa diariamente.

Ele celebrava na Ana Nery, aqui perto, na Rui Barbosa. Depois da missa, ia tomar um café e a gente sentava um pouco para conversar com ele. Nós sempre procurávamos estar entorno dele pra usufruir da palavrinha que ele sempre dizia.<sup>207</sup>

Todavia, não foram raras às vezes que Helder saiu em jejum para seu segundo compromisso, como também não foram raros os dias ininterruptos em que o padre abdicou da alimentação. Tal prática acabou por contribuir para a construção da imagem do sujeito magro e franzino, vestindo a habitual batina preta e carregando, a tira-colo, uma maleta, sempre abarrotada de papéis. Em alguns momentos, o próprio Helder chamava a atenção para sua imagem. Em carta de julho de 1944, após alguns dias de muito cansaço, provocados pelo jejum e a agenda agitada, Helder, ao caricaturar a imagem do anúncio publicado pelo Vinho Reconstituente Silva Araújo, faz uma alusão entre sua figura e a personagem do informe publicitário.<sup>208</sup>

---

Família do São Joaquim, 1962-1964. Introdução e notas Luiz Carlos L. Marques. IDHeC – Obras Completas. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2004; CASTRO, Marcos de. **Dom Helder**: misticismo e santidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002; MONTENEGRO, Antônio T.; SOARES, Edla; TEDESCO, Alcides (org). **Dom Helder, peregrino da utopia**: caminhos da educação e da política. Recife: A Prefeitura; Editora Universitária da UFPE, 2002.

<sup>207</sup> DUARTE, Lenita. Entrevista. Entrevistadora: Jordana Gonçalves Leão. Rio de Janeiro, 2003. Entrevista concedida a pesquisa “Fragmentos de um ‘diário’: a correspondência pessoal de Helder Pessoa Camara”. Arquivo Pessoal.

<sup>208</sup> CAMARA, Helder. Carta Pessoal. 04 de julho de 1944, Rio de Janeiro. Para Virgínia Côrtes de Lacerda, Rio de Janeiro. 03p. Arquivo Pessoal.





Figura 10: Caricatura do padre Helder Camara com o anúncio do Vinho Reconstituente Silva Araújo. Carta Pessoal, 04/07/1944. Fonte: Arquivo Pessoal.

A imagem do padre de estatura baixa, magro e franzino, despertava tanto a preocupação dos familiares e amigos, quanto instantes de descontração que foram, carinhosamente, registrados na memória:

O padrezinho me marcou profundamente. Profundamente mesmo. Sua simpatia... Ele era muito simpático! Feinho, mas muito simpático. Sua espiritualidade... Sempre muito tímido, ele não gostava de receber elogios. Sabe como ele ia para a faculdade? Ele celebrava a missa cedinho, depois tomava o café no botequim e tomava o bonde no estribo. Aquele sujeito magrinho, franzino, de chapéu e uma mala sempre pesada, pendurado no estribo do bonde!<sup>209</sup>

Após a missa das seis da manhã e o café acompanhado das rápidas conversas, tomava o bonde em direção as Faculdades Católicas ou ao Instituto

<sup>209</sup> ARRAES, Cecília. Entrevista. Entrevistadora: Jordana Gonçalves Leão. Rio de Janeiro, 2003. Entrevista concedida a pesquisa "Fragmentos de um 'diário': a correspondência pessoal de Helder Pessoa Camara". Arquivo Pessoal.

Santa Úrsula. Fora assim desde 1942, quando o então padre Helder Camara fora convidado por Dom Sebastião Leme da Silveira Cintra, cardeal arcebispo do Rio de Janeiro, a lecionar nas recém fundadas Faculdades Católicas que, posteriormente, se transformariam na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Segundo Marina Bandeira em *A Igreja Católica na virada da questão social (1930-1964)*, desde 1938, Pio XI confiara a Dom Leme “mandato especial” para tratar da fundação de uma universidade católica no Brasil.<sup>210</sup> Assim, a Pontifícia Universidade Católica é criada no Rio de Janeiro. No dia 22 de dezembro de 1940, Dom Sebastião Leme entrega ao padre Leonel Franca a provisão que o constituiu reitor das Faculdades Católicas, nome inicial da entidade, pois ainda não se podia dizer “Universidade” devido a requisitos legais.<sup>211</sup>

Por poucos anos, o padre Helder lecionou as disciplinas de didática geral e administração escolar, passando, em seguida, a ministrar cursos de psicologia para as professoras da Faculdade de Letras do Instituto Santa Úrsula. Enquanto lecionava, formavam-se laços de amizade que, pouco a pouco, foram sendo estreitados. Assim, as alunas do *padrezinho*, como o chamavam, passavam a frequentar as missas na Ana Nery e a seguir sob a sua orientação espiritual. Segundo o próprio Helder Camara, fora assim seus primeiros contatos com Virgínia Côrtes de Lacerda.<sup>212</sup>

É, justamente, por ocasião das aulas, dos estudos, dos encontros de orientação espiritual e das missas, que foram se formando laços de amizade que perdurariam por muitos anos. Com Cecília Arraes, aluna do padre Helder, foi dessa forma que teve início uma amizade que perdurou por mais de cinco décadas.

Eu conheci o Padrezinho em 1943 na Faculdade Católica, naquele tempo era Faculdade Católica não era PUC, na rua São Clemente em Botafogo. Eu fui aluna dele: primeiro de religião, depois de didática e em seguida, de administração escolar. Eu chegava um pouco atrasada, porque a aula era muito cedo, mas mesmo assim, conseguia tirar boas notas. Então, ele começou a prestar atenção em

<sup>210</sup> O Concílio Plenário Brasileiro (1939), em sua Carta Pastoral Coletiva, referindo-se à necessidade de uma universidade, proclama: “Ao Brasil católico já não é possível viver sem esta artéria vital do seu organismo”. Cf. ROSÁRIO, Irmã Maria Regina do Santo. **O Cardeal Leme**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1962.

<sup>211</sup> BANDEIRA, Marina. **A Igreja Católica na virada da questão social (1930-1964)**. Anotações para uma História da Igreja no Brasil (Ensaio e Interpretação). Rio de Janeiro: Editora Vozes: Educam, 2000. p. 56.

<sup>212</sup> CAMARA, Helder; BROUCKER, José de. *op cit.* p. 99-100.

mim. Depois ele me convidou a participar das missas que ele celebrava e, em seguida passei a ter orientação espiritual.<sup>213</sup>

Ao término das aulas, dirigia-se ao Ministério da Educação, onde trabalhava desde sua chegada no Rio de Janeiro, em 1936. Em *Les conversions d'un Évêque: Entretiens avec José de Broucker*, Helder Camara recorda que seu primeiro trabalho profissional na capital federal foi assessorar Lourenço Filho, que dirigia um Instituto de Educação do Distrito Federal.<sup>214</sup> Mesmo não se sentindo totalmente à vontade e seguro na função, trabalharia com Lourenço ainda por alguns meses até receber o convite do amigo Everardo Backheuser para transferir-se para o Instituto de Pesquisas Educacionais, órgão também vinculado a Secretaria de Educação do Rio de Janeiro. Dessa forma, assumiu a chefia da Seção de Medidas e Programas, com a incumbência de elaborar e acompanhar a aplicação de testes de avaliação do aproveitamento escolar dos cerca de 150 mil alunos das escolas primárias do Rio de Janeiro, e de supervisionar os programas de ensino adotados na escola.<sup>215</sup>

Em 1938 houve no Ministério de Educação e Saúde, um concurso para técnico em educação. Segundo os historiadores Piletti e Praxedes, o clérigo não hesitou em pedir ao cardeal Dom Sebastião Leme autorização para prestar o concurso e, caso fosse aprovado, assumir o cargo.<sup>216</sup> Dom Leme concordou, e teria muitos motivos para isso. Com o cargo no Ministério da Educação, Helder garantia a própria subsistência, pois vivia do seu salário, e a Igreja mantinha ocupada uma posição em um órgão governamental que controlava, desde 1934, na pessoa do ministro Gustavo Capanema, que assumira a pasta na condição de homem de confiança de Alceu Amoroso Lima para implementar o projeto educacional católico.<sup>217</sup> Com o resultado de aprovação do concurso, Helder trabalharia pelos próximos anos em várias repartições do Ministério.

<sup>213</sup> ARRAES, Cecília. Entrevista. Entrevistadora: Jordana Gonçalves Leão. Rio de Janeiro, 2003. Entrevista concedida a pesquisa "Fragmentos de um 'diário': a correspondência pessoal de Helder Pessoa Camara". Arquivo Pessoal.

<sup>214</sup> CAMARA, Helder; BROUCKER, José de. *op. cit.* p. 88-89.

<sup>215</sup> *Ibidem.* p. 93.

<sup>216</sup> PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. *op. cit.* p. 129-130.

<sup>217</sup> O presidente Getúlio Vargas concordara em deixar o Ministério da Educação sob a influência da Igreja Católica como recompensa ao apoio que recebia dos católicos desde que fizera um pacto com o cardeal Dom Sebastião Leme no início dos anos 1930. Cf. BANDEIRA, Marina. **A Igreja Católica na virada da questão social (1930-1964)**. Anotações para uma História da Igreja no Brasil (Ensaio e Interpretações). Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000.

No dia-a-dia, a amizade e a confiança dos colegas de Ministério faziam dele uma espécie de diretor espiritual da repartição, o que levava a frequentes interrupções de seu trabalho por pessoas que precisavam comunicar-lhe uma confidência ou outra. Ali Helder fazia uma grande amizade com Alfredina Paiva e Souza, passando a visitar sua casa com frequência. Também fora no Ministério da Educação que conheceu a jovem Lenita Duarte.

Em 1944, eu tive ocasião de procurar o padre Helder por uma razão inteiramente pessoal. Eu precisava de algumas informações sobre uma pessoa que ele conhecia. Então, uma amiga, Ruth Costa Rodrigues, que trabalhava com ele no Ministério da Educação, nos apresentou. Ele ficou naturalmente desejoso de me ajudar porque eu estava passando por uma fase com certo problema.<sup>218</sup>

Todavia, os burburinhos da repartição e o desejo de Helder de dedicar-se exclusivamente às atividades sacerdotais, de sair pregando pelo país a fora - afinal, esta era a missão que concebia para si - conduziram-no a várias tentativas de afastamento do trabalho no Ministério, todas sem sucesso. Por ser o padre Helder um homem politicamente visível nos meios da intelectualidade da direita católica, o cardeal Dom Sebastião Leme acreditava que a Igreja necessitava do padre Helder onde ele estava: próximo a pessoas que quase sempre se mantinham afastadas da prática religiosa e diretamente ligadas ao campo político. No entanto, o objetivo principal da sua permanência no Ministério da Educação era fazer com que a legislação que permitia o ensino religioso nas escolas públicas fosse aplicada em todo país com serenidade e competência. A posição no Ministério também permitia que Helder atuasse como um articulador dos interesses dos católicos, que dominavam a oferta de ensino secundário particular no país e ansiavam por abranger a demanda do ensino superior.<sup>219</sup>

---

<sup>218</sup> DUARTE, Lenita. Entrevista. Entrevistadora: Jordana Gonçalves Leão. Rio de Janeiro, 2003. Entrevista concedida a pesquisa "Fragmentos de um 'diário': a correspondência pessoal de Helder Pessoa Camara". Arquivo Pessoal.

<sup>219</sup> Desde a década de 1920 os católicos vinham se organizando, através da revista "A Ordem" (1921) e do Centro Dom Vital (1922), com o propósito de ter uma atuação mais marcante no processo decisório nacional. Sob a liderança do arcebispo Dom Sebastião Leme, do padre Leonel Franca e de Alceu Amoroso Lima, articulou-se assim um movimento em prol da educação superior católica. Para o grupo católico, a universidade, enquanto espaço de socialização das elites dirigentes, tinha necessariamente que ser católica. Sobre esse processo Cf. BANDEIRA, Marina. **A Igreja Católica na virada da questão social (1930-1964)**. Anotações para uma História da Igreja no Brasil (Ensaio e Interpretações). Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000; BEOZZO, J. O. **História da Igreja no Brasil**.

Apesar de sempre ter se mostrado obediente às ordens dos seus superiores, Helder não escondia de ninguém suas insatisfações e sua profunda angústia em ser aquilo que chamava de *padre-funcionário*. Em fevereiro de 1944, pouco antes de completar 35 anos, o padre Helder Camara retoma seu pedido de afastamento do Ministério de Educação junto ao arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Jaime de Barros Camara. Fora muito grande a expectativa criada em torno da resposta definitiva do arcebispo. Helder parecia viver um sonho quando escrevia a amiga Virgínia Côrtes de Lacerda acerca dos últimos acontecimentos.

Ontem à noite, véspera de minha partida, o padre Tapajós comunicou-me, em nome do Senhor Arcebispo, que ele desejava meu afastamento imediato do funcionalismo. Minhas possibilidades de atuação sacerdotal no Ministério eram mínimas e ele está carregado de serviços sacerdotais para o seu irmão.

No íntimo, cantei um hino de ação de graças. Perdoe, Caecilia: mas me alegrei tanto como no dia em que me senti, com a graça de Deus, livre da política para sempre. Vou ser padre 100%. Você dirá: já era! Mas não me entregava sempre a trabalhos especificamente sacerdotais. Exato que nada se perdeu, porque obedeci e tudo ofereci ao Bom Deus, inclusive a humilhação mensal (nunca me acostumei!) do recebimento de ordenado!

Não é providencial essa profunda alteração em minha vida numa véspera de partida para a Aparecida e numa ante-véspera de completar 35 anos?<sup>220</sup>

Por dois dias, Helder viveu a expectativa do trabalho sacerdotal, fez planos e traçou metas. No regresso ao Rio de Janeiro, a expectativa parecia ainda maior. Preparado-se para a conversa definitiva com Dom Jaime Camara, Helder escreve-lhe uma carta onde pede desculpas pela retomada do assunto, mas enfatiza seu desejo:

As circunstâncias me obrigam, no entanto, a expor a V. Excia. a situação em que me acho, pois desejo entregar-me, de olhos fechados, a uma decisão de V. Excia.

---

Tomo II. Vol. II. Petrópolis: Editora Vozes, 1980; MONTENEGRO, João Alfredo. **Evolução do Catolicismo no Brasil**: novo enfoque da história do catolicismo no Brasil. Petrópolis: Editora Vozes, 1972; ROSÁRIO, Irmã Maria Regina do Santo. **O Cardeal Leme**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1962 e TORRES, João Camilo de Oliveira. **História das ideias religiosas no Brasil**. I. São Paulo: Grijalbo, 1968.

<sup>220</sup> CAMARA, Helder. Carta Pessoal. 06 de fevereiro de 1944, Rio de Janeiro. Para Virgínia Côrtes de Lacerda, Rio de Janeiro. 03p. Arquivo Pessoal.

Meu coração de sacerdote pede minha retirada. Por maiores que fossem as possibilidades de atuação dentro do Ministério, sinto que não estão em jogo funções que não pudessem ser preenchidas por elementos católicos devidamente industriados. E, enquanto isso, vejo trabalhos, especificamente sacerdotais e para os quais recebi da Providência qualidades especiais.<sup>221</sup>

Ao retornar do encontro com Dom Jaime Camara, Helder escreve a amiga Virgínia acerca do caminho escolhido pelo arcebispo. Em uma carta em tom de desabafo, Helder mostra sua decepção e sua resignação aquilo que acreditava ser à *vontade do Pai*.

Estou voltando do encontro com o Senhor Arcebispo. Resolvi levar por escrito uma síntese de meus pensamentos: é o documento que você encontra ao lado. O encontro com o Senhor Arcebispo foi presenciado pelo padre Tapajós. Conversamos longamente. Li a sumula de meus pensamentos. Dom Jaime estava de todo rendido. Nem por nada quer que eu deixe o funcionalismo. O padre Tapajós tentou discutir com ele. Dom Jaime estava firme: deu-me como palavra de ordem permanecer no funcionalismo. O fato é que não foi ainda desta vez minha libertação do funcionalismo. Deus sabe o que faz.<sup>222</sup>

Não havia sido desta vez, como bem salientou. Mas ele também estava longe de desistir. A família, os amigos, a satisfação em ajudar alguém e os instantes de oração o moviam a continuar lutando pelo afastamento do funcionalismo público e um envolvimento maior com as ações sacerdotais.<sup>223</sup>

Por volta das cinco horas da tarde, Helder deixava o Ministério da Educação e dava continuidade ao cumprimento de seus compromissos: visitas à

---

<sup>221</sup> CAMARA, Helder. Carta Pessoal. 08 de fevereiro de 1944, Rio de Janeiro. Para Dom Jaime de Barros Camara, Rio de Janeiro. 02p. Arquivo Pessoal. Cópia da carta ao arcebispo Jaime Camara foi entregue pelo padre Helder a Virgínia Côrtes de Lacerda como anexo à carta do dia 08 de fevereiro de 1944.

<sup>222</sup> CAMARA, Helder. Carta Pessoal. 08 de fevereiro de 1944, Rio de Janeiro. Para Virgínia Côrtes de Lacerda, Rio de Janeiro. 03p. Arquivo Pessoal.

<sup>223</sup> Alceu Amoroso Lima, em depoimento para Marcos de Castro assinala: “o que padre Helder queria era sair pregando pelo Brasil, desligar-se totalmente de qualquer atividade que não fosse apostólica. [...] O que ele sonhava era sair pregando pelo seu país, para cumprir a missão que Cristo lhe dera”. LIMA, Alceu Amoroso. Depoimento. In CASTRO, Marcos de. **Dom Helder**: misticismo e santidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

casa de amigos, palestras no Centro Dom Vital, celebração de mais uma missa ou encontros com colegas de arquidiocese no Palácio de São Joaquim.

Segundo os relatos apresentados na correspondência, apesar dos encontros diários na missa das seis horas da manhã na Ana Nery e dos encontros casuais no Instituto Santa Úrsula e no Ministério da Educação, onde a professora também trabalhava, Helder e Virgínia encontravam-se uma ou duas vezes por semana para por em dia os estudos. Por vezes, o lugar escolhido para a realização dos encontros era a casa de Virgínia e, aos sábados, os estudos eram realizados nos jardins da Casa Ruy Barbosa, ambos na Rua São Clemente, em Botafogo. Por ocasião dos encontros, Helder e Virgínia estudavam todos os tipos de temas que lhes parecessem capaz de propiciar uma mútua ascensão espiritual e cultural, trocavam ideias sobre as aulas da semana seguinte, sobre as conferências que seriam proferidas, sobre as pesquisas realizadas pelo Centro de Estudos e Pesquisas das Faculdades Católicas e do Instituto Santa Úrsula, sobre os livros que estavam lendo e sobre seus processos de ascensão espiritual.

Conforme os encontros aconteciam, despertava-se, cada vez mais, o interesse pelos pensamentos um do outro. Em meio aos encontros, aos estudos, às anotações as margens dos livros e às trocas de cartas, dividiram experiências, expectativa, sonhos e frustrações.

Se passado oito anos, desde sua chegada ao Rio de Janeiro, em 1936, Helder havia construído, em torno de si, uma rede de sociabilidade com amigos vindos de todas as partes: familiares, amigos dos primeiros anos na pensão de dona Cecy Cruz, colegas de arquidiocese, colegas do Ministério da Educação, amigos que fizera em suas palestras no Centro Dom Vital e as alunas do Instituto Santa Úrsula e das Faculdades Católicas. A saudade dos amigos dos tempos do *Consulado Cearense*, a profunda angústia provocada pelo aprisionamento ao funcionalismo e a insatisfação em ser *padre-funcionário*, as noites culturais que participava desde sua chegada no Rio de Janeiro e o desejo de fazer um pouco mais pelas alunas que o procuravam insistentemente ao término das aulas em busca de uma palavra de consolo, moviam os pensamentos e os desejos do jovem padre. Não demorou muito para que despertasse em Helder a necessidade de dividir com seus amigos e alunos suas experiências de vida:

Ao rezar pelos catecúmenos, lembro-me dos nossos alunos. Em última análise, qual a Grande Mensagem que temos para eles? Levá-los a entender que o Belo, o Verdadeiro, o Um e o Bem se realizam plenamente em Deus!<sup>224</sup>

Os relatos encontrados nas cartas nos levam a crer que foi justamente o desejo de dividir suas experiências e satisfazer sua ânsia em exercer, de forma mais plena, sua missão religiosa, o que o levaria a propor à Virgínia a criação de um grupo de estudos e sarais. Os encontros seriam realizados uma vez por semana e seriam discutidos temas como religião, literatura, teatro e cinema, tais quais os encontros semanais que participara com o grupo de leigos católicos junto dos amigos Nair Cruz e Alceu Amoroso Lima, nos seus primeiros anos na capital federal.

Veja o que eu ia propor: com nome ou sem nome, passaríamos a ter encontros, nós amigos do Um, da Verdade, do Belo e do Bem. Teríamos dois tipos de encontros: inteiramente nossos; nossos e de alguns nossos.

Um de nós, seguro em determinado sistema filosófico digno de interessar a todos conversaria um dia, expondo as grandes linhas do sistema em questão e salientando o aproveitamento possível para nós e para o nosso magistério.

O mesmo seria feito em todos os domínios: em literatura e em pedagogia, em música e em pintura, em direito, em sociologia, em religião...

Os encontros seriam em lugares abertos e aprazíveis... Lugares ideais (queria muito ambiente de lar)...

No dia de uma palestra sobre música deveríamos ou poder ouvir música. Quando a conversa fosse sobre pintura deveria haver quadros para ilustrar a dissertação.

Por que aludo a alunos nossos? Porque devemos a alunos como Haidée, Lucia, Yolanda, (e tantos outros entre os meus – não cito os seus porque não tenho a felicidade de conhecê-los) um ambiente que eles não encontram em parte alguma.

Que acha de tudo isso?<sup>225</sup>

Acordado a criação de um grupo para encontros e sarais, Helder passou a convidar alguns dos amigos que reuniu ao longo dos anos. Assim, em 1944, fora inventado o *Confiança*.

<sup>224</sup> CAMARA, Helder. Carta Pessoal. 07 de abril de 1944, Ouro Preto. Para Virgínia Côrtes de Lacerda, Rio de Janeiro. 07p. Arquivo Pessoal.

<sup>225</sup> CAMARA, Helder. Carta Pessoal. 06 de maio de 1944, Rio de Janeiro. Para Virgínia Côrtes de Lacerda, Rio de Janeiro. 05p. Arquivo Pessoal.



### 3.2 A invenção do Grupo Confiança

A primeira vez que nos chegou o nome *Confiança*, não sabíamos ao certo do que se tratava. Apenas algumas anotações desencontradas as margens dos livros contendo referências a ‘Sociedade fundada em 1944’, aos encontros com as alunas e uma única fotografia onde aparece o jovem padre cercado por um pequeno grupo de mulheres e cujo verso apresentava apenas o seguinte questionamento: “Dissolvo?”

O historiador Michael Oakeshott no estudo *Sobre a história e outros ensaios*, chama-nos a atenção para o fato de que a forma como um sobrevivente do passado pode chegar a nós é algo como um mistério cercado de mistérios, “mas que podem atrair nossa atenção ao parecer, sob alguns aspectos, inteligível e interessante”.<sup>226</sup> Assim, partindo de fragmentos dedicamo-nos a um processo de “investigação histórica”, onde objetos sobreviventes falavam-nos de um passado que desejávamos apreender.

Não é fácil trabalhar com a documentação a que nos propomos. Durval Muniz em *História: a arte de inventar o passado*, escreve que “a evidência é produto de certa vidência, é construção de uma forma de ver, de uma visibilidade e de uma dizibilidade social e historicamente localizada”.<sup>227</sup> Assim ao lançarmos nosso olhar em direção às margens dos livros as colocamos em evidência e inventamos um objeto histórico. No entanto, as anotações são fontes cujas informações são dispersas e fragmentadas, precisando ser analisadas em série. Fazendo-se necessário um verdadeiro trabalho de entrelace de tecidos que se arrumam numa colcha de retalhos.

Os fatos históricos antes de aparecerem como figuras definidas, após o trabalho de seleção, ordenamento, racionalização, conceituação e escritura realizado pelo historiador é uma *congerie* de múltiplos elementos, uma nuvem composta pela poeira dos detalhes, da singularidade dos nomes e das coisas. Quando ao final de nossa narrativa, se o vento aparece em seu corpo inteiriço e bem amarrado,

---

<sup>226</sup> OAKESHOTT, Michael. **Sobre a história e outros ensaios**. Tradução de Renato Rezende. Rio de Janeiro: Editora Topbooks, 2003. p. 103.

<sup>227</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História: A arte de inventar o passado**. Ensaios de teoria da história. Bauru, SP: EDUSC, 2007. p. 25.

é porque escondemos as costuras, os chuleados, os nós e as laçadas que precisamos realizar e, como uma linda blusa de tricô, precisamos esconder e disfarçar no seu avesso.<sup>228</sup>

As anotações são de difícil leitura, sobretudo por apresentarem-se dispersas nas margens dos livros, numa tentativa, por parte dos seus autores, de ocuparem as margens por completo.

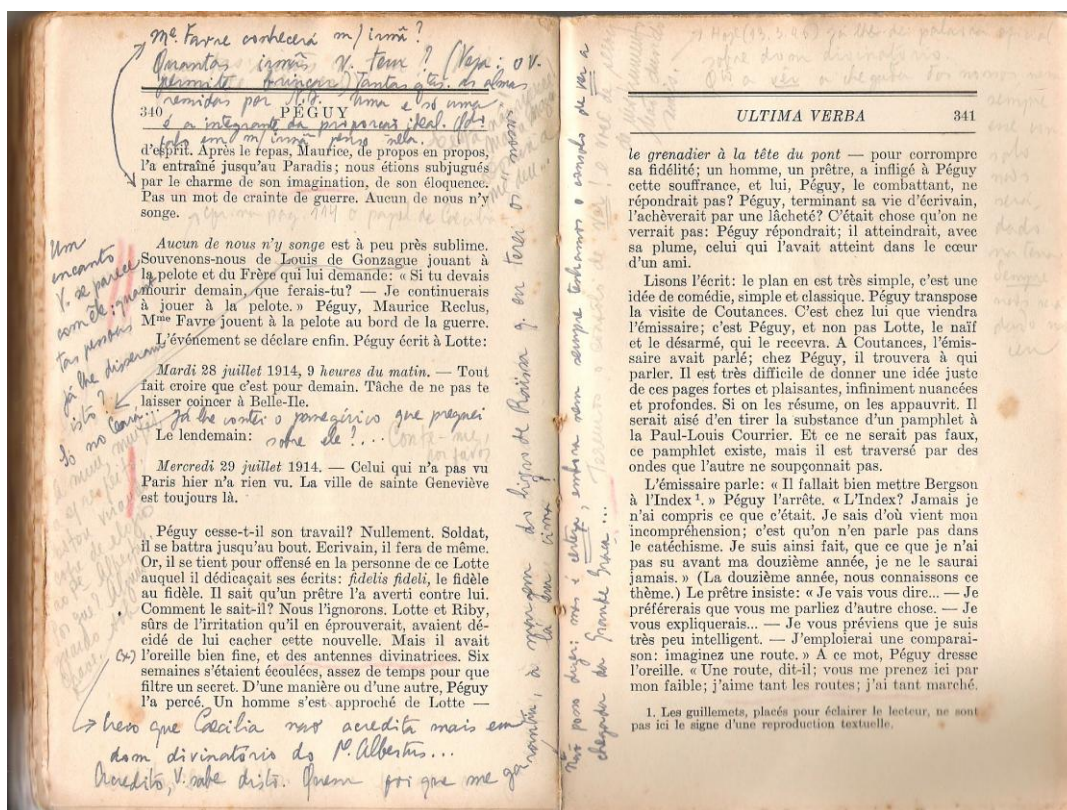


Figura 11: Anotações às margens da obra Péguy et les Cahiers de la Quinzaine.  
Fonte: Arquivo do Centro de Documentação Helder Camara (CeDoHC).

Apesar da dificuldade, as anotações fragmentadas às margens dos livros foram, durante algum tempo, tudo do que dispúnhamos. Restava-nos a tarefa de mergulhar nos arquivos em busca de novas evidências, relacionar as informações e cruzar as fontes numa tentativa de compreender e interpretar esse passado.

Apenas em 2004, com a localização das cartas escritas por Helder Camara para Virgínia Côrtes de Lacerda, tornou-se possível compreender um pouco mais a respeito da relevância da relação estabelecida entre o padre Helder e o Grupo Confiança. Também não é fácil trabalhar com cartas. A correspondência

<sup>228</sup> *Ibidem*. p. 31.

demanda vários cuidados e níveis de análise, que considerem desde sua materialidade (papel e letra), passando pelos códigos que definem o gênero epistolar (as saudações, as despedidas e as assinaturas), até as observações sobre suas formas de conservação e guarda, reveladoras da identidade de seu destinatário.

Cartas pessoais são textos íntimos e relacionais, onde o sentido do que é escrito é, comumente, apreendido em função de um outro. Um outro que nos faltava. Dois anos após o início das nossas pesquisas e dos primeiros contatos com o que viria a se revelar como *Grupo Confiança*, as tramas dessa história pareciam se delinear. A identificação de algumas das personagens e os encontros para pequenos instantes de conversas, onde senhoras de oitenta anos tentavam resgatar um passado, para elas, não tão recente, conduziram-nos a adentrar, cada vez mais pelos caminhos dessa história.

Segundo os registros encontrados às margens dos livros, as cartas e as entrevistas, em 1944, oito anos após sua chegada ao Rio de Janeiro, o padre Helder Camara propõe à amiga Virgínia Côrtes de Lacerda a invenção de um grupo para encontros e sarais. Nesses encontros seriam discutidos música, poesia, literatura e todos os temas capazes de propiciar uma formação cultural e espiritual.

Acordado a criação do grupo, Helder tratou de convidar algumas das alunas das Faculdades Católicas e do Instituto Santa Úrsula. Segundo carta de maio de 1944, a ideia dos encontros para livres debates teria causado o maior agrado às alunas das Faculdades Católicas. “Venceu como tema pretexto, tema ponto de partida, a discussão em torno de arte moderna”.<sup>229</sup> Estavam assim fundadas as bases do *Confiança*.<sup>230</sup>

Constituído por cerca de doze pessoas, entre amigas dos primeiros anos no Rio de Janeiro, alunas das Faculdades Católicas e do Instituto Santa Úrsula e colegas do Ministério de Educação, o *Confiança* era um grupo, sobretudo de mulheres, grandes amigas do padre Helder e que comungavam um pouco dos seus

---

<sup>229</sup> CAMARA, Helder. Carta Pessoal. 12 de maio de 1944, Rio de Janeiro. Para Virgínia Côrtes de Lacerda, Rio de Janeiro. 05p. Arquivo Pessoal.

<sup>230</sup> Segundo Lenita Duarte, o nome *Confiança* teria sido atribuído ao grupo como uma referência a um dos fundamentos que servia como elo entre seus integrantes: “confiança recíproca, confiança no padrezinho, confiança em Deus”. DUARTE, Lenita. Entrevista. Entrevistadora: Jordana Gonçalves Leão. Rio de Janeiro, 2003. Entrevista concedida a pesquisa “Fragmentos de um ‘diário’: a correspondência pessoal de Helder Pessoa Camara”. Arquivo Pessoal.

ideais de justiça e de opção pelos pobres.<sup>231</sup> Mulheres, católicas e que seguiam sob sua direção espiritual. Mulheres escolhidas por apresentarem uma personalidade forte e por ter despertado, de certa forma, o seu interesse.

Quanta luta em torno! Almas que se erguem e que progridem, que alcançam o vôo (Caecília, Lúcia, Madalena, Laurita – para citar as movidas pelo Espírito de modo mais forte); almas que se torturam e sangram (Primogênita, Afilhada, Ruth, Santinha); ovelhinhas que chegam (a última cuja conversão de consolidou: a Yonne).<sup>232</sup>

Entre as *Confiantes*,<sup>233</sup> como costumava chamar, estavam Virgínia Côrtes, sua amiga e confidente; Nair Cruz, Celina Nina e Cecília Monteiro, amigas dos primeiros anos na capital federal; Cecília Arraes, Haidée Arraes, Lúcia, Maura, Lea, Tereza e Heloisa, alunas das Faculdades Católicas.



<sup>231</sup> MELO, Irmã Agostinha Vieira de. Entrevista. Entrevistadora: Jordana Gonçalves Leão. João Pessoa, 2004. Entrevista concedida a pesquisa “Fragmentos de um ‘diário’: a correspondência pessoal de Helder Pessoa Camara”. Arquivo Pessoal.

<sup>232</sup> CAMARA, Helder. Carta Pessoal. 18 de julho de 1944, Rio de Janeiro. Para Virgínia Côrtes de Lacerda, Rio de Janeiro. 03p. Arquivo Pessoal.

<sup>233</sup> O termo ‘*Confiantes*’ é utilizado com frequência na correspondência para fazer referência aos membros do *Grupo Confiança*. Um exemplo disso é a carta de gosto de 1944, onde escreve: “E a propósito, ontem na Faculdade Católica, as confiantes me lembraram que, no sábado, além da parte diversional (que tem seu encanto e sua razão de ser) eu não esquecesse a promessa de oferecer enriquecimento espiritual ao grupo”. Cf. CAMARA, Helder. Carta Pessoal. 18 de outubro de 1944, Rio de Janeiro. Para Virgínia Côrtes de Lacerda, Rio de Janeiro. 04p. Arquivo Pessoal.

Figura 12: O Grupo Confiança. Da direita para a esquerda: 1ª Haidée Arraes de Alencar, 3ª Nair Cruz, 4ª Celina Nina, 6ª Cecília Arraes, 7ª Nair Camara e 9º padre Helder.  
Fonte: Arquivo Pessoal.

Nos seus encontros, realizados, geralmente, nas noites das sextas-feiras na casa de Virgínia, eram promovidas sessões de músicas, poesias, leituras e reflexões espirituais. Conforme as correspondências e as entrevistas, a cada semana, um dos integrantes do grupo, segundo um determinado sistema filosófico, conversava expondo as grandes linhas do sistema em questão e salientando o aproveitamento possível. O mesmo era feito em todos os domínios: em literatura e em pedagogia, em música e em pintura, em direito, em sociologia e em religião. No dia de uma palestra sobre música, ouvia-se música. Quando a conversa era sobre pintura havia quadros para ilustrar a dissertação.<sup>234</sup>

Em determinados momentos, a ideia de um grupo, reunido em torno do padre Helder para encontros e sarais despertou a atenção de algumas de suas alunas que não haviam sido convidadas a integrar o *Confiança*. Em uma passagem de agosto de 1944, ele escreve: “Edith queixou-se de não ter sido convidada. Nairzinha pediu por ela. ‘Sozinha pode vir. Com o dinheiro não’. Aceitou, felicíssima”.<sup>235</sup> No entanto, com o passar do tempo e sempre que acreditava necessário, novas pessoas iam sendo convidadas a compor o grupo. Fora assim com Lenita Duarte.

Eu conheci o padre Helder em 1944. Logo começamos a ter mais contato e ele me falou que tinha um grupo, que ele reunia uma vez por semana, muitas vezes em casa de uma grande amiga nossa, uma pessoa de muito valor, Virgínia Côrtes de Lacerda. Então, eu comecei a frequentar o Grupo e passei a sentir muita admiração por ele. Depois, resolvi fazer dele meu confessor, meu diretor espiritual.<sup>236</sup>

<sup>234</sup> Ainda sobre esses encontros, Dom Helder Camara, na 344ª Carta Circular de janeiro de 1972 destinada à Família Mecejanense, faz o seguinte comentário: “como esquecer a casa de Virgínia, na São Clemente, onde, durante anos, nos reunimos às 6ª feiras e onde se foi consolidando nossa Família que, um dia, eu chamaria de Mecejanense”. Cf. CAMARA, Helder. Carta Circular. 16/17 de janeiro de 1972, Recife. Para a Família Mecejanense, Rio de Janeiro. 03p. Arquivo do Centro de Documentação Helder Camara (CeDoHC).

<sup>235</sup> CAMARA, Helder. Carta Pessoal. 02 de agosto de 1944, Rio de Janeiro. Para Virgínia Côrtes de Lacerda, Rio de Janeiro. 04p. Arquivo Pessoal.

<sup>236</sup> DUARTE, Lenita. Entrevista. Entrevistadora: Jordana Gonçalves Leão. Rio de Janeiro, 2003. Entrevista concedida a pesquisa “Fragmentos de um ‘diário’: a correspondência pessoal de Helder Pessoa Camara”. Arquivo Pessoal.

É interessante notarmos que as entrevistadas carregam em seus discursos uma carga expressiva de saudosismo e emotividade. Pesquisadores cujos estudos circundam a História Oral e a Memória nos lembram que esta passa pela afetividade, pela emoção. Dessa forma, costumamos arquivar na memória o que nos marca emocionalmente, sejam essas emoções positivas ou negativas.<sup>237</sup> Noberto Bobbio em *O tempo da memória*, apresenta-nos um testemunho da íntima ligação entre os velhos e a rememoração de um tempo remoto:

Se o mundo do futuro se abre para a imaginação, mas não os pertence mais, o mundo do passado é aquele no qual, recorrendo a nossas lembranças, podemos buscar refúgio dentro de nós mesmos, debruçar-nos sobre nós mesmos e nele reconstruir nossa identidade... Devemos continuar a escavar. Cada vulto, gesto, palavra ou canção, que parecia perdido para sempre, uma vez reencontrado, nos ajuda a sobreviver.<sup>238</sup>

No decorrer das entrevistas, tornou-se possível perceber que aquelas mulheres não estavam apenas recordando uma determinada passagem, elas estavam reconstruindo todo um processo que, sob seus olhares, conferiu sentido a suas vidas.<sup>239</sup> Eclea Bosi esclarece-nos muito bem a respeito deste processo ao salientar que recordar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens e ideias de hoje.<sup>240</sup> Evidentemente, essa reorientação não é feita de forma indolor. Segundo Astor Antônio Diehl, em *Cultura Historiográfica*, “há uma espécie de

---

<sup>237</sup> Cf. HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, Editora dos Tribunais, 1990; DIEHL, Astor Antônio. **Cultura historiográfica**. Memória, identidade e representação. Bauru, SP: EDUSC, 2002; BOBBIO, Noberto. **O tempo da memória**: de senectude e outros escritos autobiográficos. Tradução de Daniela Versiani. Rio de Janeiro: Campus, 1997; BOSI, Eclea. **Memória e sociedade**: lembranças dos velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994; LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 1994; MONTENEGRO, Antônio T. **História oral e memória**. São Paulo: Contexto, 2001; JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. **A oralidade dos velhos na polifonia urbana**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2008; FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (org). **Usos e abusos da História oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

<sup>238</sup> BOBBIO, Noberto. **O tempo da memória**: de senectude e outros escritos autobiográficos. Tradução de Daniela Versiani. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 55

<sup>239</sup> A esse respeito, Lenita Duarte comenta: “Dom Helder e o grupo representaram um marco na minha vida. Mais Dom Helder. O grupo foi consequência dele”. Cf. DUARTE, Lenita. Entrevista. Entrevistadora: Jordana Gonçalves Leão. Rio de Janeiro, 2003. Entrevista concedida a pesquisa “Fragmentos de um ‘diário’: a correspondência pessoal de Helder Pessoa Camara”. Arquivo Pessoal.

<sup>240</sup> Cf. BOSSI, Eclea. **Memória e sociedade**: lembranças dos velhos. São Paulo: Companhia das letras, 2004.

desespero frente aquilo que a memória pode nos revelar”.<sup>241</sup> Dessa forma, torna-se curioso percebermos como alguns dos discursos apresentam um grupo fraterno, unido em torno do padre Helder e de um projeto de santificação.

Eu me lembro que eram reuniões muito fraternas, com a direção do padre Helder. Ele sempre dava uma palavrinha, para elevar nossos pensamentos, depois havia uma troca de ideias. As reuniões eram sempre muito proveitosas. O propósito era sempre em torno do plano de santidade. Era uma forma de nos aproximarmos mais de Deus, e nos fazer conhecer mais o plano de Deus para nossas vidas.<sup>242</sup>

Apesar dos sarais com estudos poético-literários, as razões de ser do *Grupo Confiança* atingiam esferas que iam aquém e além de momentos de estudos e confraternização. Em alguns momentos, o trabalho com a correspondência pessoal de Helder Camara conduz nosso olhar para um ângulo em que a escrita epistolar pode ser entendida como um ato terapêutico para quem escreve e para quem lê. Desse lugar, torna-se possível observar que o ato de escrever atenua as amarguras e a solidão à medida que compartilha e revela desejos extremamente íntimos. Assim, os relatos apresentados na correspondência nos permitem perceber que a criação do *Confiança* passava pelo seu desejo de catarse da angústia de ser padre-funcionário, de exercer de forma mais plena seu sacerdócio e de perpetuar-se de alguma forma.

Na hora mesma em que anunciei Confiança, senti que a provação para a minha humildade será nada realizar de visível e de grande na terra. [...]

Para que vêm então tantos planos que eu anuncio? A Providência deve servir-se deles para humilhar-me, para provar a todos minha incapacidade de construir. A caridade deve levar-me a não está acordando novos sonhos na cabeça dos outros.<sup>243</sup>

---

<sup>241</sup> DIEHL, Astor Antônio. **Cultura historiográfica**. Memória, identidade e representação. Bauru, SP: EDUSC, 2002. p. 17.

<sup>242</sup> DUARTE, Lenita. Entrevista. Entrevistadora: Jordana Gonçalves Leão. Rio de Janeiro, 2003. Entrevista concedida a pesquisa “Fragmentos de um ‘diário’: a correspondência pessoal de Helder Pessoa Camara”. Arquivo Pessoal.

<sup>243</sup> CAMARA, Helder. Carta Pessoal. 11 de agosto de 1944, Rio de Janeiro. Para Virgínia Côrtes de Lacerda, Rio de Janeiro. 02p. Arquivo Pessoal.

Para além das epístolas, em várias ocasiões o padre Helder Camara deixava transparecer essa inquietação com o porvir. Em um manuscrito de 1943, chamado *A escolha de Deus*, escreve: “Passarei pela vida sem deixar nenhum sinal mais forte, marca nenhuma duradoura e inesquecível”.<sup>244</sup> Conscientes ou inconscientes reproduzimos Aquiles no desejo de nos tornarmos eternos e perseguimos isso durante toda a vida, seja tendo um filho, seja escrevendo um livro, seja plantando uma árvore. Assim, o desejo de perpetuar-se, mas, mais do que isso, o de construir a própria identidade responde ao anseio de ser, *a posteriori*, reconhecido por uma identidade digna de nota.<sup>245</sup> Por vários momentos, Helder em sua correspondência, deixa transparecer essa aspiração.

Confiei-me na certeza de que, humildemente, não conseguirei nenhuma grande obra aqui na terra. Cada vez mais, com a graça de Deus, quero entregar-me a Obra da Santificação própria e alheia. Para minha humildade é ótimo.

Preocupado em está as ordens do Bom Deus e em pôr-me à Sua disposição para qualquer mensagem, cheguei a pensar que talvez no mundo das letras eu pudesse servir. [...]

Conclusão das conclusões: animarei os outros, procurarei encaminhá-los, encorajá-los. Quanto a mim, pensarei em uma Obra Única: a da santificação de todos e de modo particular, a da realização da Proporção Ideal.<sup>246</sup>

Ao lançarmos nosso olhar nessa direção, viramos a costura do lado avesso tentando ver as emendas, os pormenores, as insinuações e os silêncios. Assim, por determinados momentos, observamos padre Helder conferir ao *Confiança* o lugar de *Ordem Religiosa*.<sup>247</sup>

<sup>244</sup> CAMARA, Helder. **A escolha de Deus**. Manuscrito, 1943. Arquivo do Centro de Documentação Helder Camara (CeDoHC) – Instituto Dom Helder Camara (IDHeC).

<sup>245</sup> RIBEIRO, Renato Janine. Memórias de si, ou... In. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: FGV V. 11, nº 21, 1998. p. 31.

<sup>246</sup> CAMARA, Helder. Carta Pessoal. 12 de maio de 1944, Rio de Janeiro. Para Virgínia Côrtes de Lacerda, Rio de Janeiro. 06p. Arquivo Pessoal.

<sup>247</sup> Nascidas das necessidades do Cristianismo de propagação da religião, as Ordens Religiosas representavam a conversão dos fiéis e sua escolha por seguirem um modo de vida mais consentâneo com aquilo que entendiam que era o modelo de vida de Cristo e dos primeiros cristãos. O primeiro grande codificador e fundador de uma ordem religiosa foi São Bento de Núrsia com a fundação de uma comunidade no Monte Cassino. Desse centro, e mediante a propagação da respectiva regra, foram-se criando centenas de mosteiros por todo o continente Europeu. A Regra de São Bento trazia a simplicidade necessária para cobrir quase todos os aspectos da vida quotidiana de uma comunidade religiosa, definindo os tempos de oração, os tempos de trabalho, os tempos de descanso, bem como as regras sobre deveres mútuos, resolução de conflitos, penas, etc. Posteriormente, outros fundadores, fosse por acrescentarem algum carisma especial, fosse por as



Nossa Ordem Religiosa se esboça de modo nítido. O Bom Deus está agindo às claras na alma da Primogênita. Visível a olho nu. Lucia! (não lhe parece que a Fundadora precisa conhecer as cartas que dá mais esperanças?).  
 Maura e Lea, as que estão seguindo O Divino Mestre sem saber...  
 Cecília que é meu Frei Leão...  
 Tereza: tímida, discreta, meio arisca e toda boa...  
 Heloisa: da raça de Natanael (João I, 47).  
 Celina, a que recebeu a vocação das crianças.  
 Nairzinha, raio de sol nos dias mais nublados.  
 Frei Jacoba, predestinada pelo Bom Deus para integrante da Proporção Ideal e co-fundadora da Ordem.<sup>248</sup>

A ideia de Ordem Religiosa parece não ter agradado a todas as *Confiantes*. Em cartas de agosto daquele ano, Helder escreve acerca da reação contrária da amiga Celina Nina perante as “brincadeiras” de Ordem. Dias depois, retoma o assunto ao escrever sobre o sonho com José:<sup>249</sup>

José me apareceu em sonho e solucionou o problema de Confiança. Eu vinha quebrando lanças para descobrir uma saída que me tranquilizasse. Sem convicção, como poderia agir? Estava disposto a desconfiar, caso não surgisse uma solução até amanhã. E sonhei com José. Ele nem precisou dizer-me quem era (como são belos os anjos de Deus e que faz nos derramar a sua visão!). Disse-me: ‘então, se esqueceu de mim, em Confiança! Venho lembrar-lhe que deixe comigo todos os casos insolúveis. Diga isso as nossas amigas’.  
 Eu estava maravilhado, sem coragem de falar – pensei em Maura e Lea: ‘como falar-lhes em anjos de Deus?’. José adivinhou meu

---

circunstâncias históricas, sociais ou geográficas assim o exigirem, foram adaptando e alterando a Regra de São Bento, criando novas comunidades e novas Ordens.

<sup>248</sup> CAMARA, Helder. Carta Pessoal. 02 de agosto de 1944, Rio de Janeiro. Para Virgínia Côrtes de Lacerda, Rio de Janeiro. 04p. Arquivo Pessoal.

<sup>249</sup> José sempre fora um nome presente na vida de Helder Camara. Como José, nome que seria o seu se o desejo de sua mãe tivesse sido atendido, Helder batizou seu ‘anjo’ de guarda e escreveu vários textos poéticos que chamou de Meditações. Cf. CAMARA, Helder; BROUCKER, José de. **Les conversions d’un Évêque**: Entretiens avec José de Broucker. Paris: L’Harmattan, 2002; PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. **Dom Helder Camara**. Entre o poder e a profecia. São Paulo: Editora Ática, 1997; PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. **Dom Helder Camara**. O profeta da paz. São Paulo: Contexto, 2008; CAMARA, Helder. **Mil razões para viver**: meditações de padre José. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983; BARROS, Raimundo Caramuru; OLIVEIRA, Lauro de (organizadores). **Dom Helder**: o artesão da paz. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2000; CASTRO, Marcos de. **Dom Helder**: misticismo e santidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002; ROCHA, Zildo. **Helder, o Dom**: uma vida que marcou os rumos da Igreja no Brasil. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

pensamento e disse: ‘conte minha visita: confiança não se impõe. Conquistarei a confiança de todo o grupo’.<sup>250</sup>

Apenas em setembro de 1944, Helder e Virgínia inauguram o *Confiança* dando seguimento ao projeto de santificação própria e alheia. Destarte, sempre que além despertava sua atenção, convidava a integrar o grupo e a seguir sob sua direção espiritual: “Há os dias de plantio. Há os dias de espera, pacientes e longos. Há os dias de germinação. Ontem chegaram duas almas queridas”.<sup>251</sup> Por vezes, fazia-se necessário contar com a colaboração das demais *Confiantes* para abrir alguns corações mais endurecidos.

A graça do Bom Deus opera – sem dúvida – um trabalho encantador na alma de Lucia. Dia a dia, ela merece mais o lindo nome que recebeu.

A’ Lucia, Alberti filia, Deus entregou o dom de abrir os corações mais fechados. Tento entrar. Abro dois, quatro, seis cadeados. Um 7º não se rende. Não descubro chave para ele.

Os cadeados, diante dela, se abrem sem chaves. Quando pensei ver abertos os corações de Maura e de Lea? De Vera e de Beatriz?

E dizer-se que ela estava com o coração seco – um cearense diria: estorricado... Tinha horror a querer bem. Protegia-se ironizando... Queria a todo custo evitar novas canseiras e novas decepções.

A graça de Deus caiu e hoje o coração de minha filha é cafezal em flor.<sup>252</sup>

Nesse direcionamento é interessante fazermos menção ao caso da jovem Haidée Arraes de Alencar. Aluna das Faculdades Católicas, Haidée era vista como mulher inteligente, politizada, uma mulher de militância esquerda. Em pouco tempo, a jovem despertou a atenção do padre-professor, convertendo-se ao catolicismo e passando a seguir sob sua direção espiritual. Nas epístolas escritas por Helder Camara para Virgínia Côrtes são frequentes os instantes em que apresenta certa atenção com aquela que chamava de *Primogênita*.

<sup>250</sup> CAMARA, Helder. Carta Pessoal. 19 de agosto de 1944, Rio de Janeiro. Para Virgínia Côrtes de Lacerda, Rio de Janeiro. 03p. Arquivo Pessoal. (Grifo do autor).

<sup>251</sup> CAMARA, Helder. Carta Pessoal. 06 de setembro de 1944, Rio de Janeiro. Para Virgínia Côrtes de Lacerda, Rio de Janeiro. 02p. Arquivo Pessoal.

<sup>252</sup> CAMARA, Helder. Carta Pessoal. 21 de maio de 1944, Rio de Janeiro. Para Virgínia Côrtes de Lacerda, Rio de Janeiro. 04p. Arquivo Pessoal.

Ontem, a Primogênita saiu muito abalada da Divisão de Ensino Primário. Achei que devia dizer umas verdades a ela, falei em tom de irmão e de pai. Ela, no fundo, estava abalada e me dando razão. Logo a seguir, telefonou angustiada. Como a nossa fraqueza teme as verdades difíceis!<sup>253</sup>

Convidada a participar do *Confiança*, em pouco tempo, a jovem Haidée saiu da condição de jovem libertária para a de monja enclausurada, uma escolha que, segundo Irmã Agostinha Vieira de Melo (Marion), amiga do padre Helder Camara nos anos 40 do século 20, tornou-a uma personagem marcante na história do grupo:

A Haidée, antes de entrar no mosteiro, foi uma convertida. Eu não a conheci na Universidade, eu conheci a Haidée já monja, eu querendo entrar e ela já no mosteiro de São Paulo. Quando eu entrei no *Confiança*, a Haidée tinha saído naquele dia para o mosteiro. Ela foi uma pessoa muito marcante na vida dele e na vida do grupo, era uma mulher muito inteligente, muito politizada, muito avançada, uma mulher de esquerda, de militância. Então naquela época ela deu uma guinada: abdicou de tudo isso e entrou em uma vida de clausura.<sup>254</sup>

No entanto, não parece ter sido fácil à escolha pela vida monástica. As cartas escritas à Virgínia Côrtes e, em especial, a correspondência trocada entre Helder e Haidée, nos permite observar a angústia da jovem perante sua opção pela clausura e o estreitamento dos laços estabelecidos entre o padre e sua *Primogênita*. Segundo Peter Gay, em *Freud para Historiadores*, no início da década de 40, Marc Bloch assinalou a obrigação do historiador em explorar o que chamou de “as necessidades secretas do coração” dos homens.<sup>255</sup> Assim, operamos com uma teoria sobre a natureza humana e passamos a pensar o surgimento de uma relação de mútua dependência: de Haidée com relação à fala do diretor espiritual e do padre Helder que a via como a representação do sucesso ou do fracasso do *Grupo Confiança* e, principalmente, de sua capacidade enquanto arrebatador de rebanhos.

<sup>253</sup> CAMARA, Helder. Carta Pessoal. 12 de julho de 1944, Rio de Janeiro. Para Virgínia Côrtes de Lacerda, Rio de Janeiro. 03p. Arquivo Pessoal.

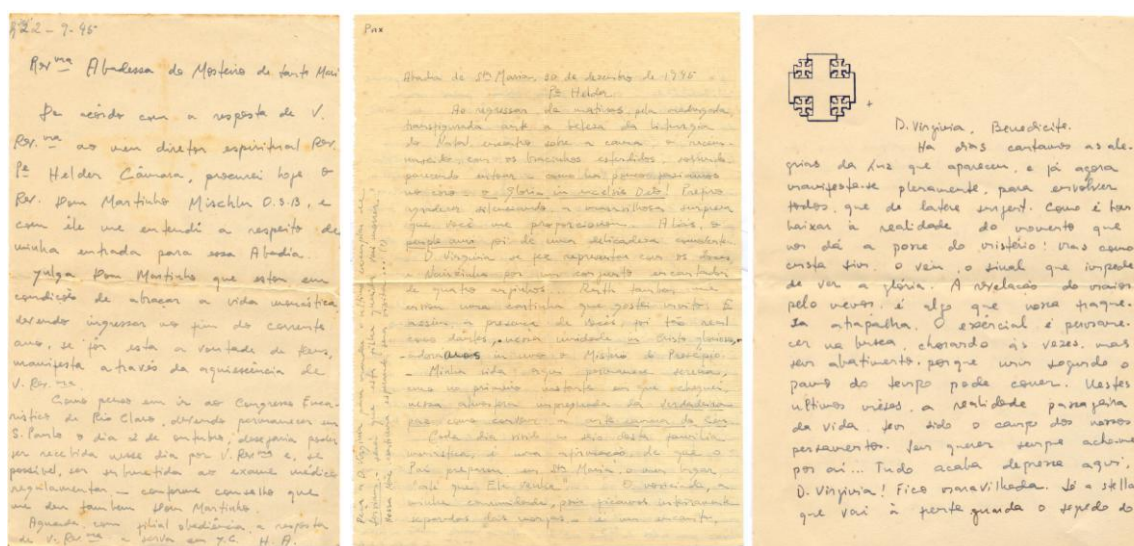
<sup>254</sup> MELO, Irmã Agostinha Vieira de. Entrevista. Entrevistadora: Jordana Gonçalves Leão. João Pessoa, 2004. Entrevista concedida a pesquisa “Fragmentos de um ‘diário’: a correspondência pessoal de Helder Pessoa Camara”. Arquivo Pessoal.

<sup>255</sup> Cf. GAY, Peter. **Freud para historiadores**. Tradução de Osmyr Faria Gabbi Junior. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

Em julho de 1944, após receber uma carta escrita por Haidée acerca de suas dúvidas e angústias, Helder escreve:

Haidée,  
Sua carta lhe deve ter custado muitíssimo: mais uma razão para que ela me seja caríssima.  
Está provado para sempre, que você é minha irmã em timidez: o tímido prefere escrever a falar. Que a de hoje seja a mãe de muitas outras. [...]  
Não adianta você querer aceitar tudo menos o Sacrifício Máximo, o Único que de fato custa. Repeli-lo é continuar amargurada e amargurando (o que é amargura ainda maior), é continuar medíocre, irrealizada, parada ao meio, católica-pagã. [...] Aceita-lo é libertar-se, superar-se! É poder entoar o canto do Homem Novo que venceu o egoísmo, os ciúmes e as degradantes limitações humanas. [...]  
Sabe que você é minha filha? Sabe que a sua conversão foi uma das alegrias mais altas e mais puras que eu já senti?  
Padre Helder.<sup>256</sup>

A correspondência trocada entre Helder Camara e Haidée Arraes de Alencar é constante e intensa.<sup>257</sup> Escritas do Rio de Janeiro e da Abadia de Santa Maria na cidade de São Paulo, as cartas da jovem revelam, em tons confessionais, sua timidez, seus planos, angústias e descobertas ao longo do novo caminho. Por vezes, compartilha cartas a terceiros revelando em minúcias seus passos.



<sup>256</sup> CAMARA, Helder. Carta Pessoal. 12 de julho de 1944, Rio de Janeiro. Para Haidée Arraes de Alencar, Rio de Janeiro. 04p. Arquivo Pessoal.

<sup>257</sup> A correspondência trocada entre Haidée Arraes de Alencar e Helder Camara encontra-se depositada no Arquivo Pessoal.

Figura 13: Cartas de Haidée Arraes de Alencar.  
Fonte: Arquivo Pessoal.

No mês seguinte, Haidée consumou o gesto de entrega total aceitando o caminho da consagração. Pelo nascimento do ‘Homem Novo’, o diretor espiritual lhe atribui um nome novo: Bárbara. Ao que justifica: “Disseram-me que você era uma pequenina selvagem, de gênio indomável. Bárbaro – na aparência – foi o que o Bom Deus pediu a você. Bárbara, a generosa e bela Virgem Cristã é o que você é”.<sup>258</sup>

Não apenas Haidée Arraes seguiu nessa direção. No entanto, apesar do *Grupo Confiança* ser classificado por seus criadores como Ordem Religiosa e de possuir o desenvolvimento espiritual como um de seus propósitos, a opção pela vida monástica não representava uma condicionante as suas integrantes: “Você está perguntando pela Ordem. Não sei o que pensa a co-fundadora: na nossa ordem deve haver lugar para todos os que tenham sede de perfeição. E o matrimônio (*Sacramentum Magnum*) não é obstáculo para isso”.<sup>259</sup>

Não obstante os esforços do padre Helder em ter um grupo seletivo de jovens católicas que comungavam com seus ideais, por determinados momentos o *Confiança* esteve longe de ser harmônico. As diferentes formas de pensar, as intrigas e os ciúmes sempre estiveram presentes no cotidiano do grupo, configurando ameaças eminentes de crises e rupturas: verdadeiros desafios à concretização dos sonhos de Ordem de seu fundador. Sempre tentando manter certo equilíbrio nas conturbadas relações humanas do *Confiança*, Helder escreve à Virgínia:

A., conhecida de perto tem qualidades. (Não conheço ninguém que, examinado à luz de *Confiança*, não tenha virtudes por onde mereça amor). Que ódio tem, no entanto, de Celina! Como a considera vil e desprezível! O Padre Albertus espera, com a graça de Deus, realizar um dia esse milagre de compreensão. Sabe que Haidée e Edith se detestavam mutuamente? Sabe que Nairzinha e Haidée se estavam enchendo de mutuas restrições? Sabe que minha irmã parecia orgulhosa a Nairzinha? Sabe que Lúcia, Alberti filha, não acreditava

<sup>258</sup> CAMARA, Helder. Carta Pessoal. 03 de agosto de 1944, Rio de Janeiro. Para Haidée Arraes de Alencar, Rio de Janeiro. 02p. Arquivo Pessoal.

<sup>259</sup> CAMARA, Helder. Carta Pessoal. 07 de agosto de 1944, Rio de Janeiro. Para Virgínia Côrtes de Lacerda, Rio de Janeiro. 03p. Arquivo Pessoal.

mais em nenhuma criatura humana? Que prodígios de aproximação e entendimento Confiança realizaria na face da terra!<sup>260</sup>

Em 2002, quando iniciávamos nossas pesquisas, anotações às margens dos livros nos falavam sobre uma ‘Sociedade fundada em 1944’ e a fotografia de um grupo onde o padre Helder aparecia cercado de mulheres, parecia apresentar em seu verso o desfecho daquela história: “Dissolvo?”. Foram muitas as ocasiões que o *Confiança* esteve perto do fim. Nas entrevistas e nas cartas são frequentes os comentários que mostram a preocupação com a dissolução do grupo: “Houve um instante em que vi desfeito o sonho de Confiança e aceitei a provação de passar por volúvel e leviano”.<sup>261</sup>

Observando as entrevistas e as correspondências, foi-nos possível perceber que para além do convívio conflituoso e da presença constante de sentimento como a inveja e o ciúme, havia no ceio do grupo uma profunda dependência com relação ao diretor espiritual. As entrevistas apontam que muitas daquelas mulheres construíram todo um imaginário onde Helder aparece, não apenas, como um homem da Igreja Católica e um diretor espiritual, mas como um ser idealizado, um mito.<sup>262</sup> Exemplo disso está no trecho da entrevista de Lenita Duarte:

O Dom me passou sempre a ideia da pessoa que estava em função de fazer a vontade de Deus e ele queria transmitir aos outros também esse desejo de estar sempre, sempre unido a Deus e fazer a vontade de Deus. O lema dele era: “Em mãos tuas”. Então eu também adotei esse sistema pra mim: ‘eu me ponho tudo nas mãos de Deus, eu coloco tudo nas mãos Deus’. Aprendi com ele isso.<sup>263</sup>

<sup>260</sup> CAMARA, Helder. Carta Pessoal. 14 de setembro de 1944, Rio de Janeiro. Para Virgínia Côrtes de Lacerda, Rio de Janeiro. 06p. Arquivo Pessoal.

<sup>261</sup> CAMARA, Helder. Carta Pessoal. 09 de setembro de 1944, Rio de Janeiro. Para Virgínia Côrtes de Lacerda, Rio de Janeiro. 03p. Arquivo Pessoal.

<sup>262</sup> Cf. MELO, Irmã Agostinha Vieira de. Entrevista. Entrevistadora: Jordana Gonçalves Leão. João Pessoa, 2004. Entrevista concedida a pesquisa “Fragmentos de um ‘diário’: a correspondência pessoal de Helder Pessoa Camara”. Arquivo Pessoal.

<sup>263</sup> DUARTE, Lenita. Entrevista. Entrevistadora: Jordana Gonçalves Leão. Rio de Janeiro, 2003. Entrevista concedida a pesquisa “Fragmentos de um ‘diário’: a correspondência pessoal de Helder Pessoa Camara”. Arquivo Pessoal.

No sentido contrário a estes discursos, encontramos o caso da jovem Heloisa que, quebrando a constante dos discursos, respondeu de forma diferenciada à direção espiritual e ao ideal do *Confiança*:

Ontem, fiquei esmagado com a despedida que uma Confiante me foi levar: Heloisa.

Acha o *Confiança* um ideal muito belo. Acredita em sua realização. Continuará rezando pela sua vitória. Mas, dia a dia, nota que ela e eu somos tão diferentes, tão distantes que é impossível uma colaboração no gênero as exigida pela nossa Instituição.

Diz ela que eu entendo as pessoas que se revoltam externamente (pessoas cujas revoltas chegam a aparecer, a rebentar) – mas não entendo as de revolta surda e subterrânea como ela. Não percebo as explosões silenciosas que se dão dentro dela. Penso que os processos de bondade são aplicáveis a todos, que o método evangélico se adapta, indistintamente, a todas as criaturas. Ela não vai com ardeios, com sondagens discretas, com palavras amáveis. Conversa curta e direta. De preferência meio ríspida. Máximo de sobriedade. E foi por ai afora numa toada serena e firme: disse-me verdades duras: ‘o Senhor tem a mania de pensar que entende todo mundo. Mas não basta dizer: ‘nós nos entendemos’ para que o entendimento se dê. A mim, o Senhor jamais entendeu’. ‘E há um certo fundo de orgulho em julgar-se hábil mergulhador nos corações humanos’.

A vigília eucarística me salvou. Aceitei plenamente a humilhação. Sorvi-a toda, sem perder uma gota. Não tentei um gesto de defesa ou de revolta. E senti uma alegria inenarrável vendo o meu cartaz rasgado e o meu tamanho reduzido as suas reais proporções.<sup>264</sup>

Apenas um mês após a inauguração do *Confiança*, as constantes crises evidenciavam que os sonhos de Helder pareciam ter chegado ao fim. O *Grupo Confiança* parecia não passar de uma quimera de um homem que, segundo Irmã Agostinha, possuía “uma cabeça brilhante, mas muito sonhadora”.<sup>265</sup> Destarte, no encontro do dia 23 de outubro de 1944, Helder lê uma longa carta circular comunicando a dissolução do Grupo. Atento as formas e seguindo seu padrão de escrita, Helder inicia a carta esclarecendo as razões que o levaram a escrever ao invés de simplesmente falar-lhes:

<sup>264</sup> CAMARA, Helder. Carta Pessoal. 28 de setembro de 1944, Rio de Janeiro. Para Virgínia Côrtes de Lacerda, Rio de Janeiro. 03p. Arquivo Pessoal.

<sup>265</sup> MELO, Irmã Agostinha Vieira de. Entrevista. Entrevistadora: Jordana Gonçalves Leão. João Pessoa, 2004. Entrevista concedida a pesquisa “Fragmentos de um ‘diário’: a correspondência pessoal de Helder Pessoa Camara”. Arquivo Pessoal.

Minhas Filhas

1) Por que escrevo ao invés de falar?

Quando o assunto é grave e exige que não haja palavras a mais, nem a menos, prefiro escrever. Tenho um assunto grave a tratar com vocês. De todas espero a caridade de escutar-me até o fim, se possível sem interrupções. O ideal seria até, além do silêncio externo, silêncio interior.<sup>266</sup>

Obedecendo a uma divisão didática dos assuntos, segue pontuando, item a item, os acontecimentos que o conduziram a dissolução do *Confiança*:

2) Cometi com vocês uma falta imperdoável: desassosseguei-as, agitei um belo ideal diante de vocês, levei-as a sonhar, sonhamos juntos e de repente eu surjo para dizer: Confiança não passou e não passará de uma fantasia.

3) Meus pecados impediram que ela se realizasse.

a) Eu julguei... Querendo tanto que os outros não julgassem, lembrando a cada passo que não será julgado quem não julgar, comecei julgando... Julguei os orfanatos e asilos existentes, condenando-os sem dó. Por muito favor, salvei a boa fé dos que neles atuam. Foi esse o alicerce de vaidade sobre o qual pretendi erguer uma Obra de Deus. Julguei-me capaz de ver o que até hoje ninguém vira, e de realizar o que o mundo esperou minha vinda para poder ver...

b) Esperei secretamente que, em torno de mim, se dissipassem as pequeninas dúvidas e restrições e caíssem os desentendimentos e as desconfianças. Se o meu coração, conforme o meu sentir orgulhoso, transbordava de caridade, se eu não fazia a mais leve restrição a caridade alguma, se a todos eu julgava entender, nem precisava de palavras para conseguir, em Confiança, a fusão das almas. O meu simples exemplo levaria à formação de um só corpo e de uma só alma.

4) O depoimento de Heloisa foi um aviso providencial. Minha vaidade de a todos entender foi ferida de cheio. O Bom Deus começava a acordar-me da minha ilusão, de minha embriaguês.

5) Dificuldades externas e dificuldades internas. Foram-se avolumando os obstáculos. Não havia meio de a casa aparecer. Enquanto isso eu tinha provas indiscutíveis de que Confiança não passava de um lindo nome, ou quando muito de um belo sonho. Por dentro, a Confiança não existia e não se realizará o *cor unum et anima una*...

6) No dia de São Francisco, tentei um sinal de Deus... [...]

7) Evitei agir precipitadamente. Afinal eu não era o único envolvido na tentativa. Havia outros destinos ao lado do meu. Ouvi o meu Diretor. Rezei. Sofri. Hoje não tenho a mais leve dúvida: eu me enganei. Não fui talhado para fazer Confiança viver [...].<sup>267</sup>

<sup>266</sup> CAMARA, Helder. Carta Circular. 23 de outubro de 1944, Rio de Janeiro. Para Grupo Confiança, Rio de Janeiro. 04p. Arquivo Pessoal. (Grifos do autor).

<sup>267</sup> *Idem*.



Helder finaliza a longa carta responsabilizando-se pelo abalo e as decepções causados nos corações confiantes: “Façam comigo o que quiseram. Chamem-me de leviano, de insensato ou de volúvel”.<sup>268</sup> Afirma a morte prematura do Grupo e reafirma o senti-se humilhado por não conseguir realizá-lo: “Confiança morre em embrião, sobretudo porque a minha vocação não é agir no setor do visível, do concreto. [...] Senhor, tu és bom porque me humilhaste!”.<sup>269</sup>

Por algum tempo, o *Confiança* foi desfeito. No entanto, passado os primeiros instantes, um gesto das Confiantes parece ter dissipado as tormentas que indicavam o fim do Grupo. Com uma nova roupagem, a ideia do grupo foi retomada:

Confiança existe, existirá, com a graça de Deus. Mas ao invés de criar instituições próprias, levará sua contribuição anônima aos serviços mais diversos. O sol não surge em toda parte? Não manda seus raios quentes e puros dissipando o escuro e o frio? Confiança aparecerá onde quer que sua presença seja útil. Mas surgirá sem que ninguém dê por ela. Vou preparar um Regulamento que esclareça bem esse pensamento. E nunca mais esquecerei suas palavras e seu olhar, tão amigos, tão fraternais! Bendito sofrimento que amadureceu as Confiantes. Não tenho a ingenuidade de supor que não rebentem mais complicações. Mas, *Gratia Dei per lacrimas*, estamos mais preparados para os embates do futuro.<sup>270</sup>

Aos poucos, novas pessoas foram sendo convidadas a participar das reuniões e a finalidade do grupo foi sendo alargada até atingir o campo da ação social. O novo grupo, que viria a ser chamado de *Família do São Joaquim*, e posteriormente de *Família Mecejanense*, seria composto de jovens advindas de diversas situações: voluntárias e funcionárias da Cúria, dirigentes da Ação Católica Brasileira e da Juventude Operária Católica... Aglaia Peixoto, Alfredina Paiva e Souza, Lenita Duarte, Cecília Monteiro, Cecília Arraes, Marina Araújo, Marina Bandeira, Carlina Gomes, Maria Luiza e Edgar Amarante, Nair Cruz, Hilda e Odete Azevedo e Virgínia Côrtes compõem um quadro bastante variado de profissionais e intelectuais, que estabelecem com Helder uma profunda relação de troca.<sup>271</sup>

---

<sup>268</sup> *Idem.*

<sup>269</sup> *Idem.*

<sup>270</sup> CAMARA, Helder. Carta Pessoal. 24 de outubro de 1944, Rio de Janeiro. Para Virgínia Côrtes de Lacerda, Rio de Janeiro. 02p. Arquivo Pessoal.

<sup>271</sup> Ver fotografia da Família Mecejanense no Apêndice C.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Lembra do céu a constância.  
O teu nome de oração.  
Vence a saudade, à distância.  
No confiante coração.”

Virgínia Côrtes de Lacerda  
Rio de Janeiro, 10 de outubro de 1944

Em 2002 quando fomos convidados pelo Instituto Dom Helder Camara (IDeHC) a integrar a equipe do Projeto *Obras Completas*, nem imaginávamos os caminhos que um dia iríamos trilhar. O contato com a biblioteca pessoal carioca de Dom Helder Camara, em especial com a obra *Péguy et les Cahiers de la Quinzaine* de Daniel Halèvy atraíram nossa curiosidade conduzindo-nos a redescoberta das anotações as margens de mais de 120 obras que guardam, de forma impressionante, os estudos e diálogos do padre cearense Helder Camara e a professora mineira Virgínia Côrtes de Lacerda. Memórias que foram escritas sem que houvesse a intenção de torná-las públicas.

A transcrição das anotações apontava indícios de outras trilhas que seriam seguidas. A localização de uma coleção de 1.734 cartas, escritas pelo padre Helder Camara de 02 de janeiro de 1944 a 31 de dezembro de 1952 – um material absolutamente inédito e surpreendente dada à riqueza, pela quantidade, variedade e caráter privado – nos permitiu verificar de que forma Helder fazia uso desse espaço como lugar de produção de um sujeito histórico, uma oportunidade de (re)escrever a si mesmo e aos outros.

Com uma minúcia impressionante, o jovem padre e a professora escreveram milhares de páginas manuscritas. Nas cartas e nas anotações as margens dos livros, Helder e Virgínia trataram de assuntos pessoais, religiosos, sociais e políticos. Trataram do cotidiano da cidade e das pessoas, de suas vocações: do magistério e do funcionalismo. Estudaram, discutiram, brigaram, sentiram, perdoaram e amaram.

Não foi fácil trabalhar com a documentação a qual nos propomos. As anotações as margens dos livros são dispersas, fragmentadas, de difícil leitura e as

cartas pessoais, por sua vez, são textos íntimos apreendidos em função de um outro que nos faltava. Além do mais, todas as vezes que abríamos um livro, uma gaveta, líamos a dedicatória escrita no verso de uma fotografia ou uma carta, nos sentíamos como assaltantes que vasculham os recantos secretos da mente de um homem. No entanto, a cada olhar percebíamos que a correspondência de Helder Camara para Virgínia Côrtes muito nos dizia sobre seu autor, e isso nos impulsionava a continuar.

Nos primeiros contatos com os escritos de Helder e Virgínia, sejam eles as anotações às margens dos livros ou sua correspondência pessoal, em especial esta última, uma das coisas que mais despertou a atenção, além do volume de manuscritos, foram às inúmeras formas e expressões de carinho dirigidas por Helder à amiga. Por várias vezes, em sua correspondência, Helder permite que venham à tona suas emoções, revelando que a amizade que os unia se destinava para além de uma troca amável de palavras irmãs. Estava diante da história de um sentimento, de uma história do coração, e isso era o que mais nos encantava. Em carta de 27/28 de agosto de 1947, Helder escreve:

Perdoe, Caecília, tudo o que lhe fiz sofrer. Sua amizade foi decisiva na minha vida. Se, na terra, não lhe soube ou não lhe pude agradecer, do céu saberei ser seu irmão. Mas do que nunca estarei a seu lado.  
Padre Albertus.

As cartas nos dão um quadro rico de suas ideias, pensamentos e sentimentos, desejos e aspirações. Nelas o autor se constrói, se mostra e se expõe como um missivista cuidadoso que escreve a partir de padrões próprios tanto na sequência de temas abordados, quanto no papel utilizado e na quantidade de páginas de cada carta. Atento às formas e com uma divisão didática dos assuntos, Helder discorre sobre as lições do breviário, o cotidiano, as angústias e expectativas, transformando 'pequenos acontecimentos' em matéria de 'grande filosofia'.

Em suas cartas, o jovem padre discorre acerca de pessoas e lugares sociais que foram muito importantes em sua vida: a pensão de dona Cecy Cruz, o Ministério da Educação, o Palácio de São Joaquim, a Casa de Ruy Barbosa, a casa de Virgínia na Rua São Clemente, as aulas nas Faculdades Católicas e no Instituto

Santa Úrsula, o *Grupo Confiança* e as noites de encontros para estudos e sarais, todos lugares de construção de ideias e pensamentos.

Foi, portanto, nessa perspectiva de fundo que as cartas de Helder Pessoa Camara para Virgínia Côrtes de Lacerda foram localizadas, reunidas e analisadas, permitindo-nos estabelecer novos olhares sobre a vida e o trabalho do padre cearense. Historicizar essa documentação possibilitou-nos chegar ao homem Helder Camara, não apenas ao sacerdote, ao homem de fé, ao político, ao organizador, à personagem pública, mas a um Helder Camara mais completo, mais humano, mais profundo.

Escrever cartas exige tempo, disciplina, reflexão e, o mais importante, há sempre uma razão para fazê-lo: informar, pedir, agradecer, desabafar, recordar, consolar, estimular, etc. Helder e Virgínia exerceram todos esses atos plenos de confiança e sinceridade. De vez em quando as fontes, tão diretas, o trazem muito perto de nós. Suas leituras e discussões, pensamentos e sentimentos, revelam-nos um homem como nós. E se “escrever cartas é ‘dar-se a ver’”<sup>272</sup> o que encontramos aqui é um Helder Pessoa Camara em um ato de confiança, proporcionando-nos a leitura do invisível da vida e do mundo que apenas o coração é capaz de perceber.

A morte prematura de Virgínia Côrtes, em 1959, privou Dom Helder da sua amizade, inteligência e profundidade espiritual. No entanto, os dezoito anos de amizade e convívio, o círculo de amizades e as práticas decorrentes dessa afinidade haviam sido suficientes, e muitas das facetas da personalidade com que Dom Helder Camara ficaria conhecido estavam devidamente buriladas e amadurecidas. Nossas interpretações sobre os registros às margens dos livros, o seu conjunto de cartas e tantos outros manuscritos são uma tentativa de aproximação desse caminho, através de uma leitura mais atenta.

---

<sup>272</sup> GOMES, Ângela de Castro (org). *op. cit.* p. 19.

## FONTES E BIBLIOGRAFIA

### 1. FONTES

#### 1.1 MANUSCRITOS

##### Arquivo Pessoal.

Correspondências Pessoais:

Helder Pessoa Camara para Virgínia Côrtes de Lacerda (1944 - 1952).

Helder Pessoa Camara para Haidée Arraes de Alencar (1944 – 1945).

Haidée Arraes de Alencar para Helder Pessoa Camara (1945).

Manuscrito “Testamento espiritual” (1950).

##### Centro de Documentação Helder Camara - CeDoHC

Anotações às margens dos livros da Biblioteca Pessoal Carioca de Helder Camara.

Cartas Circulares (1962-1982).

Manuscrito “A escolha de Deus” (1943).

#### 1.2 FONTES ORAIS (Entrevistas)

Aglaia Peixoto – Família do São Joaquim e Família Mecejanense.

Cecília Arraes – Grupo Confiança, Família do São Joaquim e Família Mecejanense.

Irmã Agostinha Vieira de Melo – Grupo Confiança.

Lenita Duarte – Família do São Joaquim e Família Mecejanense.

Marina Araújo – Família do São Joaquim e Família Mecejanense.

Marina Bandeira – Família do São Joaquim e Família Mecejanense.

Maria Luiza Amarante – Família do São Joaquim e Família Mecejanense.

### 2. BIBLIOGRAFIA (Livros, artigos, dissertações e teses)

ALBUQUERQUE Jr, D. M. **História**: a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da história. Bauru, SP: EDUSC, 2007.

AMED, Fernando. **As cartas de Capistrano de Abreu**. Sociabilidade e vida literária na belle époque carioca. São Paulo: Alameda, 2006.

AUSTER, Paul. **A invenção da solidão**. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

BANDEIRA, Marina. **A igreja católica na virada da questão social (1930-1964)**. Anotações para uma História da Igreja no Brasil (Ensaio e Interpretações). Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000.

BARROS, Raimundo Caramuru; OLIVEIRA, Lauro de (organizadores). **Dom Helder: o artesão da paz**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2000.

BEOZZO, J. O. **A igreja do Brasil de João XXIII a João Paulo II – De Medellín a Santo Domingo**. Petrópolis: Editora Vozes, 1994.

\_\_\_\_\_. **História da igreja no Brasil**. Tomo II. Vol. II. Petrópolis: Editora Vozes, 1980.

BOAS, Sergio Vilas. **Biografismos: reflexões sobre as escritas da vida**. São Paulo: editora UNESP, 2008.

BOBBIO, Norberto. **O tempo da memória: de senectude e outros escritos autobiográficos**. Tradução de Daniela Versiani. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

BOSI, Eclea. **Memória e sociedade: lembranças dos velhos**. 3ª. Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BROUCKER, José de. **Les nuits d'un prophète**. Dom Helder Camara à Vatican II. Lecture des Circulaires Conciliaires de Dom Helder Camara (1962-1965). 1ª edição. Paris: Les Éditions du Cerf, 2005. (Coleção L'histoire à vif).

\_\_\_\_\_. **Dom Helder Camara: la violence d'un pacifique**. Paris: Fayard, 1969.

BURKE, Peter (org). **A escrita da história: novas perspectivas**. 5ª edição. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

\_\_\_\_\_. **A Escola dos Annales**. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

CALVINO, Ítalo. **Palomar**. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

CAMARA, Helder. **Vaticano II: Correspondência Conciliar. Circulares à Família do São Joaquim**. Introdução e notas de Luiz Carlos L. Marques. 1ª. edição Vol. I. Tomo I. 1962-1964. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2004.

\_\_\_\_\_. **Circulares Conciliares**. Notas Luiz Carlos Luz Marques e Roberto de A. Farias. Vol. I. Tomo I, II e III. Recife: Editora CEPE, 2009.

\_\_\_\_\_. **Circulares Interconciliares**. Notas Zildo Rocha. Vol. II. Tomo I, II e III. Recife: Editora CEPE, 2009.

\_\_\_\_\_. **Um olhar sobre a cidade: olhar atento, de esperança, de prece**. São Paulo: Paulus, 1995.

\_\_\_\_\_. **Indagações sobre uma vida melhor**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

\_\_\_\_\_. **O deserto é fértil**: roteiro para as Minorias Abraâmicas. 13ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985.

\_\_\_\_\_. **Mil razões para viver**: Meditações de Padre José. 6ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

\_\_\_\_\_. **Espiral de violência**. Porto: Poveira, 1971.

\_\_\_\_\_. **Revolução dentro da paz**. Rio de Janeiro: Sabiá, 1968.

CAMARA, Helder e BROUCKER, José de. **Les Conversions d'un Évêque**. Entretiens avec José de Broucker. Paris: L'Harmattan, 2002.

CANNADINE, David (org.). **Que é a história hoje?** Tradução de Rui Pires Cabral. Lisboa: Editora Gradiva, 2006.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). **Domínios da história**. Ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CASTORIADIS, Cornélius. O imaginário e a criação no domínio do social-histórico. In **As Encruzilhadas do Labirinto II**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

CASTRO, Marcos de. **Dom Helder**: Misticismo e Santidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

\_\_\_\_\_. **Dom Helder, o bispo da esperança**. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

CAULFIELD, Sueann. **Em defesa da honra**. Moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940). Campinas, SP: Editora da UNICAMP, Centro de Pesquisa em História Social da Cultura, 2000.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Volume 1. 13ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

\_\_\_\_\_. **A escrita da história**. 2ª edição. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. Conversações com Jean Lebrun. Tradução de Reginaldo Carmello C. de Moraes. São Paulo: Editora UNESP / Imprensa Oficial do Estado, 1999.

\_\_\_\_\_. **A história cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 2002.

CIPRIANO, Marcos. **Os caminhos de Dom Helder**: Perseguição e Censura (1964-1980). Recife: Editora Guararapes, 1983.

CLAUDINO, Assis. **O monstro sagrado e o amarelinho comunista**. Recife: Opção, 1985. 178p.



DAVIS, Natalie Zemon. **Histórias de perdão e seus narradores da França do século XVI**. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

\_\_\_\_\_. **Nas margens**. Três mulheres no século XVII. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

\_\_\_\_\_. **O retorno de Martin Guerre**. Tradução de Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. Tradução de Claudia Sant' Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 2005.

\_\_\_\_\_. **Proust e os signos**. 2ª edição. Tradução de Antônio Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Editora Forense-universitária, 2003.

DIEHL, Astor Antônio. **Cultura historiográfica**. Memória, identidade e representação. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

DOSSE, François. **A história em migalhas**. São Paulo: Editora da Unicamp, 1992.

DUBY, Georges. **Guilherme Marechal ou o melhor cavaleiro do mundo**. 2ª edição. Tradução de Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1987.

ELIAS, Nibert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

FERRARINI, Sebastião Antônio. **A imprensa e o arcebispo vermelho**. São Paulo: Editora Paulinas, 1992.

FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina (org). **Usos e abusos da História oral**. 5ª edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** 5ª edição. Lisboa: Vega, Passagens, 2002.

\_\_\_\_\_. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

GALVÃO, Walnice Nogueira. e GOTLIB, Nádya Battella (org). **Prezado senhor, prezada senhora**: estudo sobre cartas. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Palavra e verdade na filosofia antiga e na psicanálise**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

GAY, Peter. **O coração desvelado**: a experiência Burguesa da Rainha Vitória a Freud. Tradução de Sérgio Bath. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

\_\_\_\_\_. **Freud para historiadores**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais**. 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

\_\_\_\_\_. **O queijo e os vermes**. O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

\_\_\_\_\_. **A micro-história e outros ensaios**. Tradução de Antônio Narino. Rio de Janeiro: Difel, 1989.

\_\_\_\_\_. **Os andarilhos do bem**. Feitiçarias e cultos agrários nos séculos XVI e XVII. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

\_\_\_\_\_. **Nenhuma ilha é uma ilha**. Quatro visões da literatura inglesa. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

GOMES, Ângela de Castro (org). **Em família**: a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2005. (Coleção Letras em Série).

\_\_\_\_\_. **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.

\_\_\_\_\_. **História e historiadores**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

HOBSBAWN, E. **Sobre história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. Tradução Jefferson Luiz Camargo. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2001. (O homem e a história).

JUCÁ. Gisafran Nazareno Mota. **A oralidade dos velhos na polifonia urbana**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2008.

LE GOFF, Jacques. **Uma vida para a história**. São Paulo: UNESP, 1998.

\_\_\_\_\_. (org). **A história nova**. 4ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

\_\_\_\_\_. **História e memória**. 3ª edição. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 1994.

LEVI, Giovanni. **A herança imaterial**. Trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII. Tradução de Cyntia Marques de Oliveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

LIMA, Alceu Amoroso. **Cartas do Pai**: de Alceu Amoroso Lima para sua filha madre Maria Teresa. São Paulo: Instituto Moreira Sales, 2003.

MARIN, Richard. **Dom Helder Camara, les puissants et les pauvres**. Pour une histoire de l'Église des pauvres dans le Nordeste brésilien (1955-1985). Paris: Les Éditions de l'Atelier - Les Éditions Ouvrières, 1995.

MARQUES, Luiz Carlos Luz. **IL Carteggio Conciliare di Mons. Helder Pessoa Camara (1962-1965)**. Tese de Doutorado em História Religiosa defendida na Universidade de Bolonha – Itália, 1998.

MARRITAIN, Jacques. **Humanisme Intégral: Problème temporels et spirituels d'une nouvelle chrétienté**. Paris: Aubier, 2000.

MICELI, Sérgio. **A elite eclesiástica brasileira**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1988.

MONTENEGRO, Antônio T. **História oral e memória**. 3ª edição. São Paulo: Contexto, 2001.

MONTENEGRO, Antônio T.; SOARES, Edla e TEDESCO, Alcides (org). **Dom Helder, peregrino da utopia: caminhos da educação e da política**. Recife: A Prefeitura; Editora Universitária da UFPE, 2002. 140 p.

MONTENEGRO, João Alfredo. **Evolução do catolicismo no Brasil: novo enfoque da história do catolicismo no Brasil**. Petrópolis: Editora Vozes, 1972.

NOVAIS, Fernando A. e SCHWARCZ, Lilia Moritz (org). **História da vida privada no Brasil: Contrastes da Intimidade Contemporânea**. Vol. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

OAKESHOTT, Michael. **Sobre a história e outros ensaios**. Tradução de Renato Rezende. Rio de Janeiro: Editora Topbookes, 2003.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio**. Campinas: EDUNICAMP, 1997.

PILETTI, Nelson; PRÁXEDES, Walter. **Dom Helder Camara**. Entre o poder e a profecia. São Paulo: Editora Ática, 1997.

\_\_\_\_\_. **Dom Helder Camara**. O profeta da paz. 2ª edição. São Paulo: Contexto, 2008.

PINSKY, Carla Bassanezi (org). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

PRIORE, Mary Del (org). **História das mulheres no Brasil**. 6ª edição. São Paulo: Contexto, 2002.

RANCIÈRE, Jacques. **Os nomes da história**. São Paulo: EDUC/Pontes, 1994.

REIS, José Carlos. **Nouvelle Histoire e o tempo histórico** (A contribuição de Febvre, Bloch e Braudel). São Paulo: Editora Ática, 1994.

REVEL, Jacques. **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.

REVEL, Judith. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. Tradução de Maria do Rosário Gregolin. São Carlos: Claraluz, 2005.

REZENDE, Antônio Paulo. **(Des)Encantos modernos**: Histórias da cidade do Recife na década de vinte. Recife: FUNDARPE, 1997.

RIEDEL, Dirce C. e VIEGAS, Ana Cláudia (org). **Anotações para uma biografia de Virgínia Côrtes e Lacerda**. Rio de Janeiro: Publicação do Centro de Estudos Virgínia Côrtes de Lacerda, 1996.

ROCHA, Abelardo Baltar da S. Ferreira; CHAGAS, Glauce. **Um furacão varre a esperança**: o caso Dom Helder. Recife: FUNDARPE, 1993. 237 p.

ROCHA, Zildo. **Helder, o Dom**: uma vida que marcou os rumos da Igreja no Brasil. Petrópolis: Editora Vozes, 1999. 208 p.

ROSÁRIO, Irmã Maria Regina do Santo. **O Cardeal Leme**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1962.

RUSEN, Jörn. **Reconstrução do passado**. Tradução de Asta-Rose Alcaide. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2007.

SAHLINS, Marshall. **Ilhas de história**. Tradução e Bárbara Sette. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

SANTAGELO, Enzo. **Helder Camara**: a voz dos que não têm voz. São Paulo: Loyola, 1983. 90p.

SERBIN, Kernnet. P. **Diálogos na sombra**: bispos e militares, tortura e justiça social na ditadura. Tradução de Carlos Eduardo Lins da Silva. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**. São Paulo: Brasiliense. 1983.

SGARBOSSA, Mário e GIOVANNINI, Luigi. **Um santo para cada dia**. São Paulo: Editora Paulus, 1983.

SILVA, Rogério Forastieri da. **História da historiografia**: capítulos para uma história das histórias da historiografia. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

SILVA, Zélia Lopes da (org). **Arquivos, patrimônio e memória**. Trajetórias e perspectivas. São Paulo: Editora UNESP: FAPESP, 1999. (Seminários & Debates).

SILVESTRI, Nicoletta. La corrispondenza privata: spunti di riflessione. In TOSCANA, Regione e REGIONALE, Giunta (org). **Percorsi di Archivio**: L'archivio di Enesto Balducci. Toscana: Edizioni Regionale Toscana, 2000.

SOARES, Odete de A. e VASCONCELOS, Lenita Peixoto de. **Uma história de desafios**. JOC no Brasil – 1935-1985. Rio de Janeiro: s/ Ed., 2002.

TORRES, João Camilo de Oliveira. **História das ideias religiosas no Brasil**. I. São Paulo: Grijalbo, 1968.

VAINFAS, Ronaldo. **Micro-história**. Os protagonistas anônimos da história. Rio de Janeiro: Campos, 2002.

WEIGNER, Gladys; MOOSBRUGGER, Bernhard. **La voix monde sans voix**, **Dom Helder Camara**. Zurich: Editions Penedo, 1971.

## **APÊNDICES**

APÊNDICE A – Carta do padre Helder Camara para Virgínia Côrtes de Lacerda.  
Rio de Janeiro, 02 de março de 1944.

Rio (Estônia), 2.3.44 4 1/2 da manhã

Cecilia: bom dia!

1) 5ª feira da 1ª semana da Quaresma

A Epistola apresenta um programa de vida segundo o Antigo Testamento. Como N. Senhor aprimorou a Lei Antiga! Na 1ª Lei, ao lado de preceitos importantíssimos, há determinações secundárias, mais de higiene do que de moral. Que bom termos nascido na plenitude da Lei!...

No Evangelho nos deparamos com uma dureza aparente de N. Senhor encontrando uma bondade real que logo se manifesta: é o episódio da cananeia. Que belo exemplo de humildade!

Há dias em que N. Senhor nos trata assim...

O Ofício de hoje chama a Incarnação de substantia aeternitatis et eae virtutis!

Hoje, é o aniversário de Pio XII. Em todas as missas do mundo inteiro, haverá uma oração especial pelo Pontífice, tão angustiada na hora que passa...

2) Tenho em mãos o querido sermão remetido da Austria!

a) Padre Helga... Deixe o Paulinho chamar-me sempre que ele quiser. O desejo dele em ver-me no 348 será maior do que o meu em ir à minha Betânia querida?...

2  
 Prometi a o) Pai — ao ler o exercício de ontem — que en-  
 tentaria ser uma sombra do livro que partiu.

b) Quanta bondade sua lendo o m/ Diário!  
 Como o jejum material me custa nada ao lado  
 do jejum penosíssimo das férias duplas!...  
 Com os seus comentários, a mim me conte reviver  
 os dias de Itaipava e de Aparecida. Se dias que  
 se foram iluminam-se e transfiguram-se à  
 luz de seus comentários, o que será a felicidade  
 de férias em comum!

Na fazenda, a ajudante de missa seria você (como  
 encontrar por lá um coroinha?...). Você seria m/  
 companheira de ofício, e de leituras, e de passieiros,  
 e de descansos, e de sonhos!...  
 Dêni para a terra tanta felicidade?

c) Que bom, se a irmã de m/ irmã poder construir  
 casa com capelinha e capelas!...

d) Vai voltar à Aparecida? Não vá sózinha...  
 leve-me também!

e) Se já comecei a Didática da Religião? Se já prece-  
 sei de você? Sem dois encontros semanais para estu-  
 dos (programa mínimo) não acredito nos livros  
 anunciados. Terão o destino dos primeiros...  
 mas o grave é que, desta vez, tenha ordem de  
 escrever...



- f) descales ... Será que na fazenda vou poder andar descales? ...
- g) Qual foi o teste de inteligência que lhe propus?
- 3) Que impressões lhe está deixando a história da confiança? Você acredita que haja na terra imãos mais felizes?

A história é guardada nas gavetas de m/secretária. Em caso de enstornecer no Senhor, há indicações à família para que a chave desse móvel chegue às suas mãos. Você fará do que houver nas gavetas o que bem quiser:

- a) rasgará;
- b) guardará;
- c) publicará ...

Qto aos livros dei-os ao Mont-blanc, em documentos... Darei à m/inmã documentos mais novos autorizando a levar todos os livros novos e mais alguns que deseje guardar como lembrança pessoal.

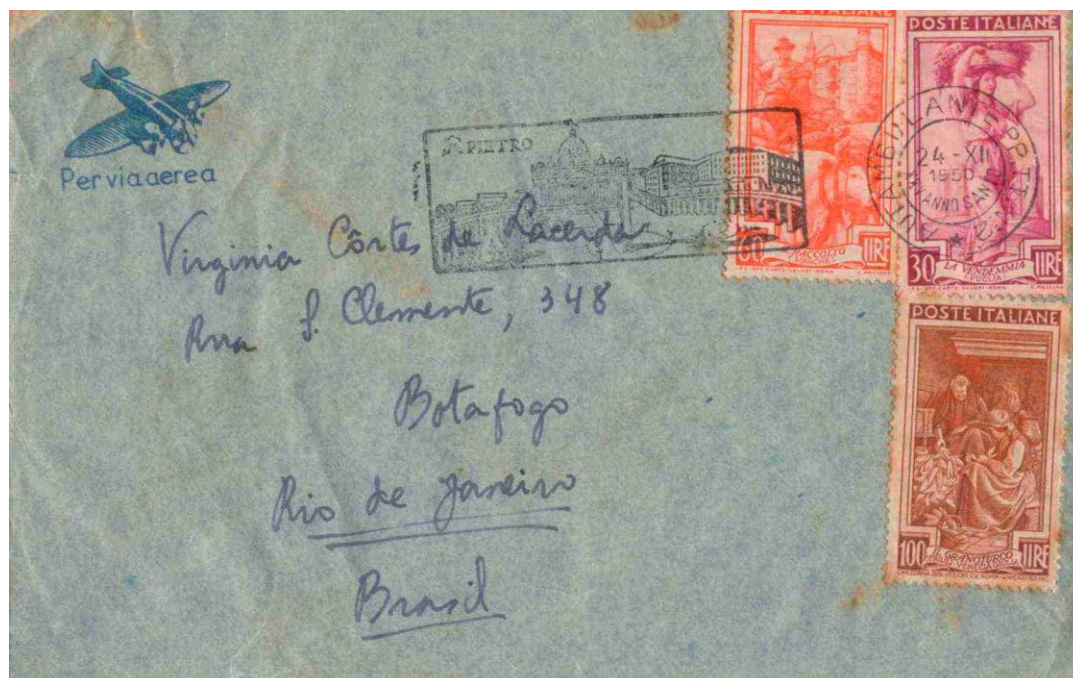
m/filha adormecerá primeiro. Depois da matm-gada de 17.2.44, como não desejo que ela parta na frente? ... Claro que como unânimes no querido D.F.

O Bom Deus abençoe a 1ª entre as primeiras!

M. Albertus

MINISTERIO DA EDUCACAO

**APÊNDICE B – Envelopes utilizados por Helder Camara em 1950 para encaminhar de Roma, Itália, carta a Virgínia Côrtes de Lacerda no Rio de Janeiro, Brasil.**



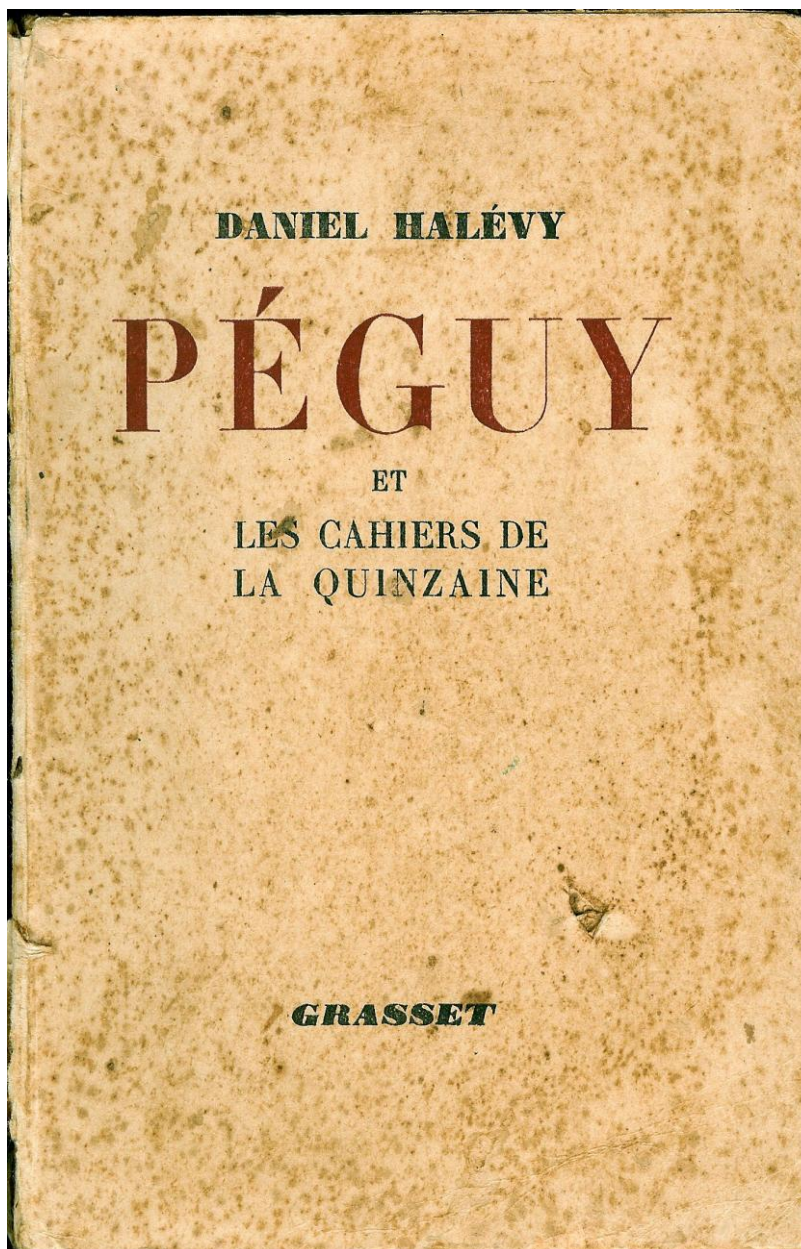
Fonte: Arquivo Pessoal.

**APÊNDICE C – Fotografia da Família Mecejanense**

Família Mecejanense. Da esquerda para a direita: Lenita Duarte, Aglaia Peixoto, Maria Luiza Amarante, Edigar Amarante, Marina Araújo, Marina Bandeira e Lenita Peixoto. Igreja das Fronteiras, Recife – Brasil. 2004.  
Fonte: Arquivo Pessoal.

# **ANEXOS**

**ANEXO A – Livro de Daniel Halévy, Péguy et les Cahiers de la Quinzaine,  
utilizado pelo padre Helder Camara em 1944.**



Fonte: Arquivo do Centro de Documentação Helder Camara (CeDoHC).



**ANEXO C – Fotografia de Virgínia Côrtes de Lacerda.**

Fonte: Arquivo do Centro de Estudos Virgínia Côrtes de Lacerda.

**ANEXO D – Caderno de anotações utilizado por Virgínia para registrar as meditações**



Fonte: Arquivo do Centro de Estudos Virgínia Côrtes de Lacerda